



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

MARIA RILDA ALVES DA SILVA MARTINS

**VARIAÇÃO DE *NÓS* E A *GENTE* NAS CAPITAIS BRASILEIRAS:
estudo a partir do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil**

**BELÉM
2023**

MARIA RILDA ALVES DA SILVA MARTINS

VARIAÇÃO DE *NÓS* E A *GENTE* NAS CAPITAIS BRASILEIRAS:
estudo a partir do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise, Descrição e Documentação das Línguas Naturais

Orientador: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima

BELÉM
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474v Alves da Silva Martins, Maria Rilda.
VARIAÇÃO DE NÓS E A GENTE NAS CAPITAIS
BRASILEIRAS: estudo a partir do corpus do Atlas Linguístico do
Brasil / Maria Rilda Alves da Silva Martins. — 2023.
175 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, 2023.

1. Variação de nós e a gente. 2. Atlas Linguístico do
Brasil. 3. Geossociolinguística. I. Título.

CDD 410

MARIA RILDA ALVES DA SILVA MARTINS

VARIAÇÃO DE *NÓS* E A *GENTE* NAS CAPITAIS BRASILEIRAS:
estudo a partir do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Data: 28/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides Fernandes Lima (PPGL/UFPA)
(Presidente)

Prof. Dr. Francisco Dubert García (USC/ILG)
(Membro Externo)

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim (UFBA/UFRPE)
(Membro Externo)

Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA/UnB)
(Membro Interno)

Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz (PPGL/UFPA)
(Membro Interno)

Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares (PROFLETRAS/UNIFESSPA)
(Suplente Externo)

Profa. Dra. Marilucia Barros de Oliveira (PPGL/UFPA)
(Suplente Interno)

“O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história”.

Suzana Alice Marcelino Cardoso (2010, p. 15).

AGRADECIMENTOS

Agradeço

a Deus, pela força e sabedoria durante os anos de estudos;

ao Programa de Pós-Graduação UFPA – Campus Belém, pelo processo seletivo realizado com seriedade e aprovação dos candidatos por mérito;

ao meu orientador Alcides Fernandes Lima, por aceitar a minha orientação, pelas ricas discussões que tivemos, pela humildade, por me ajudar em tudo que precisei para a realização deste estudo, pela providência de todos os documentos para a realização do estágio em Santiago de Compostela - Espanha, por me atender todas as vezes que precisei e pela confiança para a realização deste trabalho;

ao meu amigo e irmão de doutorado Ronaldo Nogueira Moraes, por sempre me ajudar em tudo que precisei, teoria, metodologia, discussões para tirar as dúvidas em relação ao meu fenômeno, pela rapidez nas leituras e respostas das mensagens que eu enviava, mesmo em sala de aula, sempre dava um jeito de me atender; sou muito grata por tudo, por todos os momentos em que me ajudou, afinal, somos uma equipe, de fato!;

ao meu orientador do estágio Prof. Dr. Francisco Dubert García (USC/ILG), por me receber tão bem na Espanha e pelas ricas orientações;

a toda equipe do Instituto da Língua Galega de Santiago de Compostela – Galícia/Espanha, por me receber tão bem, imensa gratidão;

a toda equipe do ALiB, pela realização das coletas e transcrições dos dados;

aos membros da Banca de Qualificação de Defesa: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim – UFBA/UFRPE e Prof. Dr. Abdelhak Razky – UFPA/UnB;

a meu digníssimo esposo Creucimar Araújo Martins, por todo o apoio e compreensão;

a minha mãe, Filomena Pereira Alves, pelo incentivo aos meus estudos do jardim de infância ao doutorado;

a meu pai, Waldemar da Silva Oliveira (*in memoriam*);

a minha filha, Jheine, que sempre que precisei viajar para fazer as disciplinas em Belém, participar de congressos, realizar o estágio na Espanha ... me ajudou em tudo, assumiu todas as minhas responsabilidades e me surpreendeu com tamanha força que demonstrou durante as minhas ausências. Minha Única, te amo!!

a meu filho, Jhone Alves, por todo amor, carinho e compreensão;

a meu filho caçula, Rian Keven, pela compreensão durante as minhas ausências;

a meu netinho, Arthur Ribeiro, pela compreensão durante as minhas ausências;

a minha família, por todo o apoio;

aos meus amigos e colegas;

aos meus amigos do IFTO, Daniel Marra e Auricélia Alencar por receberem as minhas orientandas de TCC Wilma Albernaz e Célia Maria Aparecida, quando me afastei integralmente para me dedicar às atividades do doutorado. Daniel Marra sempre disponível para discutir alguns pontos teóricos e metodológicos quando precisei;

ao meu amigo, João Carlos Botelho, pelas viagens acadêmicas, pela parceria nos projetos de pesquisa e extensão, por me ajudar na realização do Projeto de Ensino da Mostra Gastronômica executada durante a realização das disciplinas do doutorado em Belém e por sempre me ouvir nos momentos bons e ruins desse período de estudo;

a Professora Inocencia, por sempre me ajudar nas trocas de aulas, para eu cursar as primeiras disciplinas do doutorado;

a Itamara Mil, por sempre me ajudar a cuidar dos meus filhos quando precisei viajar, amiga muito presente na minha vida;

a Erika Luz, amiga de todas as horas;

a Wilma, por sempre me ajudar quando precisei;

ao Instituto Federal do Tocantins, por todo apoio.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral descrever e analisar a variação de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras (excetuando-se Palmas, capital do Tocantins, e o Distrito Federal), a partir de um recorte do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esse recorte corresponde à pesquisa do ALiB nas 25 capitais brasileiras, constituindo uma amostra com 200 entrevistas com média de 3h30min cada uma, num total de cerca de 700h (ou mais de 29 dias) de fala contínua. O perfil dos informantes nas capitais, no *corpus* do ALiB, compreende quatro homens e quatro mulheres (variável diasssexual), quatro indivíduos do nível fundamental e quatro do nível universitário (variável diastrática), quatro indivíduos da faixa etária entre 18 e 30 anos e quatro entre 50 e 65 anos (variável diageracional); as coletas das entrevistas foram realizadas por meio de aplicação de questionários (QFF, QSL, QMS) e de estratégias de perguntas para respostas livres, para a obtenção de um discurso mais espontâneo, o discurso semidirigido. Para a realização deste trabalho, buscamos amparo nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2010; 2006; 1972), da Geossociolinguística (RAZKY, 1998; LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020), da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (THUN, 2005; 1998; ALTENHOFEN; THUN, 2016), dentre outros. Ao todo, foram controlados nesta pesquisa treze grupos de fatores, sendo sete extralinguísticos (espacial: regiões e capitais; social: idade, sexo, escolaridade; temporal: tempo de fundação das capitais; e diafásico: discurso semidirigido e resposta a questionários) e seis linguísticos (preenchimento do sujeito; paralelismo linguístico; marca morfológica; tempo verbal; função sintática; e tipo de referência). Após audição das entrevistas, na íntegra, foram catalogadas 8.824 ocorrências para a variável sob análise, sendo 6.706 (76%) da variante *a gente*, e 2.118 (24%) da variante *nós*. O programa GodVarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2005) selecionou como relevantes, após as rodadas estatísticas, nove grupos de fatores, sendo os três mais significativos: marca morfológica, capitais e sexo. Os resultados, tanto dos fatores selecionados, quanto dos fatores considerados irrelevantes pelo programa, foram analisados e estão descritos por meio de tabelas, gráficos estatísticos e cartas linguísticas, conforme a metodologia geossociolinguística. O que percebemos de conjunto, a partir dos dados aqui analisados, é que a variante *a gente* não apenas predomina no território nacional, mas também está se ampliando.

Palavras-chave: Variação de *nós* e *a gente*. Atlas Linguístico do Brasil. Geossociolinguística.

ABSTRACT

The general objective of this work was to describe and analysis of the variation of “us” and “people” in Brazilian capitals (except for Palmas, capital of Tocantins, and the Federal District), based on a section of the corpus of the Linguistic Atlas Project of Brazil (ALiB) . This cut corresponds to the ALiB research in the 25 Brazilian capitals, constituting a sample with 200 interviews with an average of 3h30min each, in a total of about 700h (or more than 29 days) of continuous speech. The profile of informants in the capitals, in the ALiB corpus, comprises four men and four women (diasexual variable), four individuals from the fundamental level and four from the university level (diastratic variable), four individuals aged between 18 and 30 years and four between 50 and 65 years old (diagenerational variable); the interviews were collected through the application of questionnaires (QFF, QSL, QMS) and strategies of questions for free answers, in order to obtain a more spontaneous speech, the semi-directed speech. To carry out this work, we seek support in the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2010; 2006; 1972), Gessociolinguistics (RAZKY, 1998; LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020), Pluridimensional and Relational Dialectology (THUN, 2005; 1998; ALTENHOFEN; THUN, 2016), among others. In all, thirteen groups of factors were controlled in this research, seven of which were extralinguistic (spatial: regions and capitals; social: age, gender, education; temporal: time the capitals were founded; and diaphasic: semi-directed speech/response to questionnaires) and six linguistic (completion of the subject; linguistic parallelism; morphemic mark; verb tense; syntactic function; and type of reference). After listening to the interviews in full, 8,824 occurrences were cataloged for the variable under analysis, 6,706 (76%) of the variant *a gente*, and 2,118 (24%) of the variant *we*. The GodVarb X program (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2005) selected as relevant, after the statistical rounds, nine groups of factors, the three most significant being: morphemic mark, capitals and sex. The results, both of the selected factors and of the factors considered irrelevant by the program, were analyzed and are described using tables, statistical graphs and linguistic charts, according to the geosociolinguistic methodology. What we perceive as a whole, based on the data analyzed here, is that the variant *we* not only predominates in the national territory, but is also expanding.

Keywords: Variation of *nós* and *a gente*. Linguistic Atlas of Brazil. Geo-sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Produções que marcaram a 1ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1826-1920)	43
Figura 2 -	Produções que marcaram a 2ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1920-1952)	44
Figura 3 -	Produções que marcaram a 3ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1952- 1996).....	46
Figura 4 -	Produções que marcaram a 4ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1996-2017).....	48
Figura 5 -	Proposta de periodização dos estudos dialetais no Brasil segundo Teles.....	50
Figura 6 -	Rede de pontos das capitais do Projeto ALiB.....	72
Figura 7 -	Cruzamento entre preenchimento do sujeito <i>versus</i> as cinco regiões....	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Uso do nome <i>gente</i> e da forma <i>a gente</i> no PB e PE.....	28
Quadro 2 -	Reestruturação do paradigma verbal proposto por Coelho <i>et al.</i> (2015).	31
Quadro 3 -	Paradigma pronominal em uso.....	32
Quadro 4 -	Pronomes pessoais retos e oblíquos.....	33
Quadro 5 -	Pronomes pessoais.....	34
Quadro 6 -	Quadro dos Pronomes Pessoais no PB.....	34
Quadro 7 -	Dados geográficos da região Norte.....	56
Quadro 8 -	Dados geográficos da região Nordeste.....	59
Quadro 9 -	Dados geográficos da região Centro-Oeste.....	61
Quadro 10 -	Dados geográficos da região Sudeste.....	63
Quadro 11 -	Dados geográficos da região Sul.....	65
Quadro 12 -	Estratificação dos informantes em sexo, faixa etária e escolaridade.....	73
Quadro 13 -	Regiões e capitais brasileiras	73
Quadro 14 -	Variável dependente e grupos de fatores.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Distribuição geral de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais brasileiras	92
Tabela 2 -	Distribuição das ocorrências de uso das variantes <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões.....	93
Tabela 3 -	Distribuição das ocorrências de <i>a gente</i> em relação às capitais.....	95
Tabela 4 -	Distribuição geral de <i>a gente</i> segundo a variável tempo de formação da capital.....	103
Tabela 5 -	Variação do <i>a gente</i> em relação ao tempo de formação da capital.....	104
Tabela 6 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Norte em relação à variação diafásica.....	108
Tabela 7 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Nordeste em relação à variação diafásica.....	109
Tabela 8 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Centro-Oeste em relação à variação diafásica.....	110
Tabela 9 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Sul em relação à variação diafásica.....	111
Tabela 10 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Sudeste em relação à variação diafásica.....	111
Tabela 11 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões em relação ao sexo.....	112
Tabela 12 -	Resultado do cruzamento da variável sexo com as capitais da região Norte.....	113
Tabela 13 -	Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Nordeste.....	115
Tabela 14 -	Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Centro-Oeste.....	116
Tabela 15 -	Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Sul.....	117
Tabela 16 -	Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Sudeste.....	119
Tabela 17 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões em relação à faixa etária.....	122
Tabela 18 -	<i>Nós</i> e <i>a gente</i> em relação à escolaridade.....	126
Tabela 19 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões em relação à escolaridade.....	126
Tabela 20 -	Cruzamento de escolaridade e faixa etária dos informantes das capitais do Norte.....	129
Tabela 21 -	Cruzamento de escolaridade e sexo dos informantes das capitais do Norte.....	129
Tabela 22 -	Cruzamento de escolaridade e faixa etária dos informantes do Nordeste	130
Tabela 23 -	Cruzamento de escolaridade e sexo dos informantes do Nordeste.....	130

Tabela 24 -	<i>Nós e a gente</i> no cruzamento dos fatores escolaridade e sexo.....	131
Tabela 25 -	<i>Nós e a gente</i> no cruzamento dos fatores escolaridade e faixa etária no Centro-Oeste.....	132
Tabela 26 -	<i>Nós e a gente</i> no cruzamento dos fatores escolaridade e sexo da região Sul.....	133
Tabela 27 -	<i>Nós e a gente</i> no cruzamento dos fatores escolaridade e faixa etária.....	134
Tabela 28 -	<i>Nós e a gente</i> no cruzamento dos fatores escolaridade e sexo do Sudeste.....	134
Tabela 29 -	<i>Nós e a gente</i> no cruzamento dos fatores escolaridade e faixa etária.....	135
Tabela 30 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> nas cinco regiões em relação ao preenchimento do sujeito.....	138
Tabela 31 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões em relação ao paralelismo linguístico.....	142
Tabela 32 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões em relação à marca morfêmica.....	145
Tabela 33 -	Distribuição das ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões em relação à marca morfêmica.....	150
Tabela 34 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas regiões em relação ao tempo verbal.....	152
Tabela 35 -	Resultado geral da produtividade de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à função sintática.....	158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	<i>Nós e a gente</i> nas capitais brasileiras.....	92
Gráfico 2 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Norte em relação ao sexo dos falantes.....	113
Gráfico 3 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Nordeste em relação ao sexo dos falantes.....	114
Gráfico 4 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Centro-Oeste em relação ao sexo dos falantes.....	116
Gráfico 5 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Sul em relação ao sexo dos falantes.....	117
Gráfico 6 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Sudeste em relação ao sexo dos falantes.....	118
Gráfico 7 -	Variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i> na região Norte em relação à faixa etária.....	122
Gráfico 8 -	<i>A gente</i> nas capitais brasileiras em relação à faixa etária I e II.....	123
Gráfico 9 -	Distribuição da variante <i>a gente</i> nas capitais em relação à escolaridade.....	127
Gráfico 10 -	Distribuição da variante <i>nós</i> nas capitais em relação à escolaridade.....	128
Gráfico 11 -	Variação de <i>a gente</i> nas capitais brasileiras em relação ao preenchimento do sujeito.....	140
Gráfico 12 -	Produtividade de <i>a gente</i> nas capitais em relação ao paralelismo linguístico.....	143
Gráfico 13 -	Produtividade de <i>a gente</i> nas capitais brasileiras em relação à marca morfêmica.....	146
Gráfico 14 -	Variação de <i>a gente</i> em relação ao cruzamento da marca morfêmica e da faixa etária.....	147
Gráfico 15 -	<i>A gente</i> em relação à marca morfêmica e sexo.....	148
Gráfico 16 -	Variação de <i>a gente</i> em relação ao cruzamento da marca morfêmica e da faixa etária.....	149
Gráfico 17 -	A variante <i>a gente</i> nas capitais brasileiras em função do tipo de referência.....	151
Gráfico 18 -	Variação de <i>a gente</i> nas capitais em função do tempo verbal presente.....	154
Gráfico 19 -	Variação de <i>a gente</i> nas capitais em função do tempo verbal pretérito perfeito.....	155
Gráfico 20 -	Variação de <i>a gente</i> nas capitais em função do tempo verbal pretérito imperfeito.....	156
Gráfico 21 -	Variação de <i>a gente</i> nas capitais em função do tempo verbal futuro e compostos.....	157
Gráfico 22 -	Produtividade de <i>a gente</i> em relação à função sintática nas capitais.....	160

LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta Linguística 1 -	Distribuição das ocorrências de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas cinco regiões.....	94
Carta Linguística 2 -	Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais brasileiras.....	97
Carta Linguística 3 -	Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais da região Norte.....	98
Carta Linguística 4 -	Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais da região Nordeste...	99
Carta Linguística 5 -	Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais da região Centro-Oeste.....	100
.	.	.
Carta Linguística 6 -	Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais da região Sul.....	101
Carta Linguística 7 -	Distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> nas capitais da região Sudeste.....	102
Carta Linguística 8 -	Distribuição dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do tempo de formação das capitais mais antigas.....	105
Carta Linguística 9 -	Distribuição dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função ao tempo de formação das capitais mais recentes.....	106
Carta Linguística 10 -	Distribuição dos pronomes <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação ao sexo nas capitais.....	120
Carta Linguística 11 -	Variação de <i>a gente</i> por regiões em função do nível de escolaridade.....	136
Carta Linguística 12 -	Distribuição de <i>a gente</i> nas capitais em relação à função sintática.....	162

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DE NÓS E DE A GENTE.....	20
2.1	GRAMATICALIZAÇÃO DO A GENTE COMO PRONOME.....	20
2.1.1	Pronominalização do <i>a gente</i> no Português.....	22
2.2	A CONFIGURAÇÃO ATUAL DOS PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	30
2.2.1	Reestruturação do quadro pronominal do PB e suas implicações na alternância dos pronomes de primeira pessoa do plural e segunda do singular.....	30
2.3	O USO DE NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	35
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	41
3.1	INTERFACES DA GEOLINGUÍSTICA, DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E DA GEOSOCIOLINGUÍSTICA.....	41
3.1.1	Abordagens da Dialectologia.....	42
3.1.2	Abordagens da Sociolinguística Variacionista.....	50
3.1.3	Abordagens da Geossociolinguística.....	53
3.2	BREVE HISTÓRICO DAS CINCO REGIÕES DO BRASIL.....	55
3.3	O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: BREVE HISTÓRICO...	68
3.3.1	Objetivos.....	70
3.3.2	Aspectos gerais.....	71
3.3.2.1	A rede de pontos.....	72
3.3.2.2	Os informantes.....	72
4	METODOLOGIA.....	75
4.1	O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	75
4.2	VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES.....	75
4.2.1	A variável dependente.....	75
4.2.2	As variáveis independentes.....	76
4.2.2.1	Variáveis extralinguísticas	77
4.2.2.1.1	Regiões.....	77
4.2.2.1.2	Capitais.....	77
4.2.2.1.3	Tempo de fundação da capital.....	78
4.2.2.1.4	Faixa etária.....	78
4.2.2.1.5	Escolaridade.....	78
4.2.2.1.6	Sexo.....	79

4.2.2.1.7	Resposta ao questionário e ao discurso semidirigido.....	80
4.2.2.2	Variáveis Linguísticas.....	81
4.2.2.2.1	Preenchimento do sujeito: explícito e implícito.....	81
4.2.2.2.2	Paralelismo linguístico.....	82
4.2.2.2.3	Marca morfêmica.....	83
4.2.2.2.4	Tempo verbal.....	83
4.2.2.2.5	Função sintática.....	84
4.2.2.2.6	Tipo de referência.....	84
4.3	ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS.....	86
4.3.1	Tratamento estatístico dos dados.....	88
4.3.2	Cartografia linguística.....	88
4.4	CONTEXTO DE EXCLUSÃO DE DADOS.....	88
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS RESULTADOS.....	91
5.1	RESULTADOS GERAIS.....	91
5.2	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	92
5.2.1	Variação diatópica: Regiões e Capitais.....	93
5.2.2	Tempo de Fundação das Capitais.....	103
5.2.3	Distribuição de nós e a gente no questionário e no discurso semidirigido.....	107
5.2.4	Variáveis Sociais.....	112
5.2.4.1	Variação diassexual.....	112
5.2.4.2	Variação diageracional.....	121
5.2.4.3	Variação diastrática.....	126
5.3	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	137
5.3.1	Resultados dos grupos de fatores linguísticos na variação de <i>nós</i> e <i>a gente</i>	137
5.3.2	Preenchimento do sujeito: sujeitos explícito(s) e implícito(s).....	137
5.3.3	Paralelismo linguístico.....	141
5.3.4	Marca morfêmica.....	144
5.3.5	Tipo de referência: genérica ou específica.....	150
5.3.6	Tempo verbal.....	152
5.3.7	Função sintática.....	158
6	CONCLUSÃO.....	164
	REFERÊNCIAS.....	168

1 INTRODUÇÃO

Estamos presenciando, nas últimas décadas, a alternância de uso de *nós* e *a gente* no Português Brasileiro (PB). Os usos alternados dessas duas variantes de primeira pessoa do plural vêm crescendo consideravelmente. No que diz respeito à variante *a gente*, podemos observar que já se alcançam os 75% de frequência de uso. As provas da extensão de uso e de situação de uso de *a gente* são as inúmeras ocorrências dessa variante (flexionada na terceira pessoa do singular) no falar dos indivíduos que possuem o nível universitário, dos falantes de faixa etária I (de 18 a 30 anos) e dos indivíduos do sexo feminino.

É observado também o aumento das investigações sobre o uso de *nós* e *a gente* no PB, nos últimos vinte anos. A disposição de registro desse fenômeno cada vez mais crescente vem acompanhando o processo de pronominalização do *a gente*, que teve início por volta dos séculos XVI e XVII, e é aproximadamente nesses séculos que se inicia o processo de pronominação do *a gente*, podendo ser chamada de “fase incipiente” do processo. Atualmente, o *a gente*, já pronominalizado, ocupa, junto com a variante *nós*, a primeira pessoa do plural na categoria de pronome pessoal do caso reto.

Nesse contexto, a presente pesquisa nasce a partir do objetivo de descrever e analisar como os falantes das capitais brasileiras que compõem o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) usam os pronomes *nós* e *a gente*. Assim, temos, como resultado dessa tese, o primeiro estudo que aborda a descrição da realidade de uso de *nós* e *a gente* no falar brasileiro com os dados do ALiB, cujas constatações agora apresentamos.

Considerando que uma análise morfossintática da variação de *nós* e *a gente* é bem ampla, alguns temas ficaram apenas esboçados, sugeridos para futuras investigações, tendo em vista que o nosso objetivo principal consiste na descrição e mapeamento geossociolinguístico desse fenômeno no PB e, contribuir com os estudos da variedade dialetal da nossa língua.

As pesquisas sobre a variação de *nós* e *a gente* no PB se iniciaram na década de 1980. Nelise Omena foi uma das pesquisadoras pioneiras, com o trabalho intitulado “A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural”, publicado no ano de 1996. Posteriormente, várias pesquisas sociolinguísticas sobre esse fenômeno foram realizadas ao longo dos últimos 20 anos, por diferentes grupos de pesquisas, em diferentes regiões brasileiras, tendo a maioria das investigações sido realizadas com base em dados provenientes das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Entretanto, a maioria dos estudos já realizados difere da proposta do presente estudo no que se refere ao fato de este ampliar os recursos metodológicos (as

técnicas) disponíveis para descrever os novos desafios que o próprio fazer científico impõe constantemente, de acordo com o que a Dialetologia, Sociolinguística Variacionista e Geossociolinguística preconizam. A articulação desses pressupostos possibilita a realização de uma análise com base nos fatores condicionantes: o fator espacial, o social e o linguístico.

Ao realizar o levanto bibliográfico sobre o uso de *nós* e *a gente*, percebemos a falta de pesquisa sobre esse fenômeno entre as regiões: enquanto algumas áreas foram amplamente estudadas, em outras, o fenômeno precisaria de uma maior descrição. É, então, a partir dessa constatação que advém a necessidade de posicionar um estudo sobre o fenômeno acima referido em todas as capitais brasileiras, para que, no âmbito da contribuição com os estudos já realizados sobre o tema, seja oferecida uma cartografia mais contemplativa, registrando-se no mapa do Projeto ALiB o estudo em tela, a partir de ocorrências atestadas em todas essas capitais.

O objetivo geral do presente estudo consiste em descrever e analisar a atuação de fatores geossociolinguísticos no condicionamento de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras. Em relação aos objetivos específicos, resolvemos: (i) verificar qual variante é mais usada em cada capital e em cada região (variação diatópica); (ii) construir cartas linguísticas que mapeiem a variação geossociolinguística de *nós* e *a gente* no PB; (iii) contribuir para a descrição e documentação do PB, a partir de análise do *corpus* do Projeto ALiB; (iv) elucidar se as variantes *nós* e *a gente*, quando ocorrem, acompanham ou não a marca canônica de concordância.

Com o objetivo de ampliar a possibilidade de análise da variação linguística, no presente estudo, buscamos amparo na abordagem da Geossociolinguística, introduzida por Razky em 1996, na elaboração do Atlas Geossociolinguístico do Pará (RAZKY, 1998; 2003). Essa abordagem da variação linguística sustenta-se num tripé de fatores condicionantes: o espacial, o social e o linguístico, sem abrir mão também da perspectiva temporal conforme, Lima, Razky e Oliveira (2020). Esses autores destacam que a Geossociolinguística não se trata de uma nova área ou subárea da linguística, mas de uma forma de usar e explorar os recursos metodológicos (as técnicas) disponíveis para a descrição dos novos desafios que o próprio fazer científico impõe a cada dia.

Dessa forma, a nova abordagem busca articular os pressupostos metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística para a descrição e análise da variação linguística, fazendo uso das técnicas de questionário e de narrativas orais, nas coletas de dados; no tratamento dos dados, análise e apresentação dos resultados, utilizando programas estatísticos (como

GoldVarb), construindo tabelas e gráficos; e lançando mão das técnicas de cartografia, para a construção de cartas linguísticas (cf. LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020).

O interesse pelo estudo da variação de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras surgiu a partir da observação de esse fenômeno ser caracterizador do PB e ainda não haver estudos recobrando todas as regiões do país, bem como a partir da possibilidade de desenvolver essa pesquisa usando o *corpus* do projeto ALiB, que contempla todas as capitais, excetuando-se Brasília (DF) e Palmas (TO).

Por isso, nesta investigação, utilizamos os dados do referido projeto, que se pauta nos princípios da Geolinguística e da Sociolinguística e, agora, unindo essas duas abordagens, tem-se a Geossociolinguística, os quais têm por objetivo observar, descrever e analisar os fenômenos linguísticos, com base nos aspectos diatópicos (análise da variação linguística em função do espaço geográfico) e nos aspectos sociais da língua.

A amostra considerada nesse estudo foi estratificada conforme a metodologia de coleta de dados do Projeto ALiB, considerando as variáveis geográficas (regiões e capitais), sociais (sexo, nível de escolaridade e faixa etária), bem como, as variáveis linguísticas.

No inquérito do Projeto ALiB, há uma questão específica para tratar o uso dos pronomes *nós* e *a gente*, situada no número 26 do questionário morfossintático, a saber: “O que vocês fazem no fim de semana?”. Para não limitar o estudo somente a essa questão e chegar a uma análise mais completa possível, optamos por ouvir, transcrever e analisar todas as ocorrências de *nós* e *a gente* em todo o questionário.

Mesmo que nem todas as ocorrências de uso dos pronomes *nós* e *a gente* presentes no inquérito constituam dados válidos para análise, realizamos um cuidadoso estudo do fenômeno em destaque nessa Tese e, a partir disso, chegamos aos critérios de exclusão dos dados, ou seja, os que viavelmente foram descartados para a análise.

Assim, em nosso estudo, não foram contemplados: i) pronome *nós* ou *a gente* não acompanhados de forma verbal, principalmente quando é observada a alternância entre o *nós* e o *a gente*, ou seja, quando não estão acompanhados de forma verbal no início do período, com posteriores ocorrências de verbos conjugados na primeira pessoa e terceira do singular, referindo-se aos pronomes *nós* ou *a gente*; ii) pronomes implícitos *nós* e desinência verbal – *mos* em expressões cristalizadas; iii) começa com o pronome *nós* ou *a gente* e não conclui o assunto, logo muda de categoria gramatical; e iv) faz alusão aos pronomes *nós* e/ou *a gente*, mas não conclui o diálogo com referência a esses pronomes.

Após a etapa de exclusão dos dados, passamos para a definição as variáveis independentes que pressupõem certa influência em maior ou menor grau no uso ou não uso de

nós e a gente, tais como: fatores geográficos, sociais e linguísticos.

Para a execução desta pesquisa, foram adotadas as metodologias da Dialetologia (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; CARDOSO, 2010) da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e da interface entre essas duas disciplinas, seguindo uma metodologia conhecida por Metodologia Geossociolinguística (LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020).

Para a realização das análises estatísticas dos dados, foi usado o programa Goldvarb X¹ (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2005) e, construídas cartas linguísticas para apresentar os dados descritos na pesquisa, foi feito dessa forma, combinando as técnicas da Geolinguística e da Sociolinguística, no mesmo estudo para juntar a dimensão espacial, a social e a linguística.

Relativamente à organização, esta Tese está dividida em seis seções: na primeira, temos esta introdução; na segunda, os estudos sobre os pronomes *nós e a gente* no português brasileiro; na terceira, os pressupostos teóricos; na quarta, a metodologia; na quinta, a apresentação e análise geossociolinguística dos resultados; na conclusão, por fim, recuperamos os principais resultados, comentando os pontos mais importantes.

¹ O Goldvarb X é um “programa estatístico computacional desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005) (<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>); uma das ferramentas-chave da Sociolinguística Variacionista, em termos metodológicos. Cabe a esse programa processar um grande volume de dados linguísticos, com o objetivo de definir uma regra variável que ajude a explicar determinado fenômeno sociolinguístico”. (BERLINCK; BIAZOLLI, 2018, p. 9).

2 DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DE NÓS E DE A GENTE

Esta seção tem por objetivo, primeiro, apresentar o percurso histórico de estudos sobre o *a gente*, reunindo trabalhos voltados para a discussão a respeito de sua emergência, datando o início dos estudos no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE). Destacamos aqui os estudos que abordam o processo de gramaticalização e pronominação do *a gente*. Finalizamos com apresentação de estudos variacionistas já realizados nas capitais brasileiras sobre os usos dos pronomes de primeira pessoa do plural no PB, dando ênfase aos trabalhos que fundamentam a análise geossociolinguística do fenômeno aqui em estudo.

2.1 GRAMATICALIZAÇÃO DO A GENTE COMO PRONOME

Para que possamos abordar o processo de pronominalização do *a gente*, faremos, inicialmente, um rápido e geral balanço de alguns estudos relacionados ao processo de gramaticalização. Partindo do estudo de Antoine Meillet, que propôs o termo gramaticalização pela primeira vez e, em seguida, focalizamos nos textos de Lehmann (1985), Croft (1990), Traugott e Heine (1991), Castilho (1997), entre outros, os quais tratam desse processo.

Como brevemente anunciado no parágrafo inicial dessa seção, o termo gramaticalização foi proposto pela primeira vez na Linguística moderna por Antoine Meillet cf. (MATOS; SILVA, 2002). Esse autor a define como um processo pelo qual itens ou sequências de itens lexicais tornam-se um morfema gramatical, mudando sua distribuição e função no processo (MEILLET [1912] *apud* BYBEE, 2016, p. 169).

Considerando essa definição, Croft (1990, p. 230) diz que a “gramaticalização é um processo através do qual determinados itens lexicais tornam-se morfemas gramaticais, é unidirecional e cíclico”. Seguindo essa definição de Croft (1990), Hopper e Traugott (1993, p.126) compreendem que a gramaticalização é unidirecional e justificam que isso se deve ao fato de que a mudança gradual na gramaticalização é irreversível.

Heine *et al.* (1991 *apud* OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015, p. 38) fornecem uma das clássicas definições para gramaticalização, que foi apresentada primeiramente por Jerzy Kurylowicz (1975):

a gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical. A perspectiva adotada por Kurylowisk

aproxima-se da do grupo que estudava os processos de gramaticalização a partir das relações entre léxico e a gramática. Os processos de mudança estavam restritos, portanto, a esses dois domínios (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015, p. 38).

Heine e Kuttera (2007 *apud* OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015, p. 38) defendem que o desenvolvimento de forma gramaticais não é independente do das construções as quais elas pertencem. Portanto, os estudos a respeito de gramaticalização atualmente costumam ser indissociáveis do estudo das construções e de segmentos discursivos mais amplos.

O linguista Ataliba Castilho (1997) atribui a segmentação do processo em multissistemas, assim, a língua é compreendida como sistema complexo integrado, cujas categorias estão nucleadas em volta do discurso, da gramática, da semântica e do léxico.

A gramaticalização trata-se da transição gradual de “palavras principais” para “palavras acessórias” e, enfim, para “palavras gramaticais” em estágios de uma língua. Os itens pertencentes às categorias “de conteúdo lexical”, como, por exemplo, substantivo, no caso do nome *gente*, passa a fazer parte da categoria de pronome *a gente*, levando em conta as propriedades semânticas, discursivas e gramaticais (= sintática e morfológicas).

Castilho (2016) explica que a

[...] gramaticalização é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. [...]. (CASTILHO, 2016, p. 138).

A partir dessa definição de gramaticalização proposta por Castilho (2016), podemos pensar no processo de gramaticalização do nome *gente*, oriundo do substantivo latino *gens*, *gentis*, constitui um SN que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição (OMENA, 2003).

Segundo Omena (2003), o substantivo *gente* determinado pelo artigo feminino singular *a*, é a forma originária de *a gente* que, através de um processo de gramaticalização passou a integrar o sistema pronominal do Português e passa a concorrer com o pronome *nós*, forma da primeira pessoa do plural.

Esse processo de gramaticalização do pronome *a gente* foi estudado por Lopes (1999, 2003, 2007) a partir de *corpora* constituídos por textos do século XIII ao XX, incluindo-se as cartas setecentistas e oitocentistas oficiais e não oficiais editadas por Romeu (2004) e os

corpora de fala utilizados em formato de entrevistas, do século XX, que fazem parte do Projeto NURC.

A pesquisadora defende a necessidade de explicar as causas das alterações ocorridas no nosso sistema pronominal, a partir da identificação dos traços formais e semânticos intrínsecos às formas nominais que se pronominaram.

Durante a evolução diacrônica de *a gente*, Lopes (2007) ressalta que não houve perda completa e imediata dos traços nominais e, muito menos, a adoção definitiva das propriedades pronominais. Desse modo, no momento em que o substantivo *gente* passa a fazer parte do sistema pronominal, assume, em certos contextos, determinadas propriedades, passando da classe gramatical de substantivo para pronome pessoal do caso reto.

Com base nos estudos realizados por Lopes (1999; 2003; 2007), faremos uma súmula do processo de pronominalização de *a gente*, iniciando com a apresentação dos três momentos: 1) séculos XVII e XVIII; 2) século XIX; e 3) século XX, nos quais registram os estágios do processo de pronominação do *gente* para o *a gente*. Finalizamos com os estudos que mostram como se deu o processo de gramaticalização no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE).

2.1.1 Pronominalização do *a gente* no Português

O processo de pronominação de *a gente* é dividido por Lopes (2003), como já foi dito, em três momentos: 1) séculos XVII e XVIII, 2) século XIX e 3) século XX. Para a realização do estudo de forma mais aprofundada sobre a entrada do pronome *a gente* no Português, Lopes (2003) analisa dois tipos de *corpora*, como um processo de mudança em tempo real de longa duração (do Português arcaico ao Português contemporâneo) e, em tempo real de curta duração, pelo confronto de dois momentos distintos no Português do Brasil.

Lopes (2003), traça o percurso histórico de *gente* (substantivo) para *a gente* (pronome) em tempo real de longa duração, a partir da atuação das propriedades intrínsecas de gênero, número e pessoa no processo de gramaticalização do substantivo *gente*. Para a análise do estudo de longa duração, a autora examinou um *corpus* composto por uma variedade de textos escritos do século XIII ao XX, tanto do Português Brasileiro (PB), do Português Europeu (PE) quanto do Português Africano (PA).

Lopes (2003) afirma que é no período dos séculos XVII e XVIII que se inicia o processo de pronominação da forma *a gente*, podendo ser chamada de “fase embrionária” do processo. Nessa fase, Lopes (2003) destaca que a forma ainda se encontrava em um estágio

intermediário da pronominação, porque ainda havia ocorrências ambíguas. Considerados como de “intepretação ambígua”,

pois poderiam ser considerados como “as pessoas em geral, inclusive o eu (que também é ser-pessoa)” ou como “eu+alguém” = variante de nós. Estabelecesse, pois, uma oposição entre o uso substantivo e os casos ditos duvidosos, que aparentemente já aparecem com um uso pronominal, mas não se tem certeza com relação a essa leitura (LOPES, 2004, p. 65).

Por esse motivo, o uso do substantivo *gente* encontrava mais significativo nesse período, e as poucas ocorrências pronominais encontradas, em sua grande maioria, apresentava uma leitura ambígua. A autora destaca algumas tendências de uso da forma pronominal.

A primeira tendência dos resultados indicou que a forma hipoteticamente pronominal *a gente* tem preferência quando o referente pode ser interpretado como genérico, permitindo a inclusão do falante. Já quando há a exclusão do falante, a preferência é pelo uso do substantivo *gente*.

No que se refere aos graus de referenciabilidade, Lopes (2003) afirma que só houve coexistência dos empregos nominal e pronominal da forma “(a) gente” nos níveis intermediários de determinação/referencialidade [+definido] [+referencial] [-específico] e [-definido] [+referencial] [-específico], o que aponta um grau maior de indeterminação e generalidade. Nos extremos da escala, máximo/mínimo grau de referenciabilidade, foram encontradas apenas ocorrências da forma substantiva “gente”.

De modo geral, essa fase pode ser caracterizada pelo uso da forma cristalizada “a gente”, conjecturando, mesmo que genericamente, 1) a possibilidade de incluir o falante; 2) um referente [-definido] [-específico]; e 3) um caráter dêitico.

Na análise dos dados de longa duração registrados do século XIII ao XX, Lopes (2004) observou que

a concordância interna no SN, estabelecendo o controle da presença do traço de número no substantivo *gente*. O intuito era, pois, marcar cronologicamente a perda da subespecificação do número formal [αpl] que pode ter sido decisiva nesse processo evolutivo de *gente* > *a gente*. O traço formal de número plural, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. Os resultados evidenciam que o substantivo *gente* apresentava com nitidez as propriedades caracterizadoras do nome por ser empregado com a subespecificação de número [apl], ou seja, podia ser usado tanto no singular (*esta gente*) quanto no plural (*estas gentes*). Os exemplos a seguir elucidam o uso subespecificado do traço de número utilizado do século XIII ao XV-XVI: [1] “Quen viu o mundo qual o eu já vi, e viu as gentes [+pl] que eran

enton...” (Séc. XIII, CA, VASCONCELOS 1990:v. 6692) [2] “e aque a gente [-pl] vem a doo de Rachel” (Séc. XIII, CSM, METTMANN, 1972), (LOPES, 2004, p. 54).

De acordo com Lopes (2004), no século XVI, identificou-se um percentual significativo de 74% de ausência do traço de número plural. Embora a subespecificação de número se faça presente até o século XIX, o traço [-pl] (uso de *gente* apenas no singular) ganha espaço ao longo do tempo, fixando-se como uso categórico no século XX. Lopes (2004), pressupõe, ainda que, a perda da subespecificação de número não significa que a pluralidade é semanticamente irrelevante; significa apenas que é gramaticalmente irrelevante.

Lopes (2004) afirma que, além da mudança com relação às propriedades de número, na gramaticalização do substantivo *gente* tenha havido também uma alteração nos traços de gênero, sejam eles formais ou semânticos. Para a autora,

a matriz lexical minimamente especificada do substantivo não apresentava correlação entre forma e sentido, pois o substantivo *gente* não impõe restrições quanto ao sexo dos referentes, uma vez que se refere a um grupamento de pessoas [+genérico]. No seu processo de pronominalização, a forma *a gente* pronominal, apesar de não ter gênero formal como os outros pronomes pessoais legítimos (eu, tu, nós, vós), apresenta subespecificação semântica quanto ao gênero: [α FEM] (admite referência ora a homens, ora a mulheres, a depender do adjetivo com o qual concorda) (LOPES, 2004, p. 56).

De acordo com os resultados de Lopes (1999; 2003) no período arcaico, mais especificamente entre o século XIII e o XV, ocorria uma grande variedade de concordância no predicativo, incluindo sobretudo o plural, visto que o substantivo *gente* era subespecificado quanto ao número.

Lopes (2004) afirma ainda que a partir do século XVI, as possibilidades de concordância vão paulatinamente diminuindo em termos de frequência de uso. Nos séculos XIX e XX, a concordância torna-se categórica para o feminino singular.

O século XIX é considerado por Lopes (2002) como um período decisivo para o processo de gramaticalização de *a gente*. A autora relaciona-o como uma “fase de transição”, pelo fato de apresentar ocorrências com características tanto dos séculos anteriores, quanto posteriores. Lopes afirma que, a partir dos dados disponíveis, fica evidente que

apesar de o vocábulo (a) *gente* começar a perder suas propriedades formais de nome desde o século XVI, o século XIX é fase decisiva nesse processo de gramaticalização. A perda da subespecificação de número formal, da concordância com P6, e de certos privilégios sintáticos, como o fato de ser

determinado dentro do SN atinge altos índices nesse período. Entretanto, o número significativo de exemplos que apresentam ambiguidade (sic) interpretativa e a concordância de *a gente*, pressupostamente pronominal, com adjetivos no feminino tendo como referente personagens masculinos ainda evidenciam a transitoriedade do processo. (LOPES, 2002, p. 14).

Lopes (2003) constata que, além dos traços apresentados, a forma passa a ter um emprego mais genérico do que específico, ocorrendo com tempos verbais associados a uma interpretação menos marcada, como presente do subjuntivo, presente do indicativo e formas infinitivas. Essa característica, entretanto, foi herdada da forma-fonte *gente*, apresentando um referente [-específico]. Além disso, destaca-se que a forma pronominal passa a ter uma posição no SN mais rígida, sendo usada como núcleo isolado, ou seja, sem modificadores ou quantificadores, atuando-se como um pronome pessoal.

Ainda, Lopes (2003) verifica que o gênero do falante foi selecionado nesse período histórico em todas as variações do Português, uma vez que o uso da nova forma, pronominal, era favorecido por mulheres: os escritores faziam com que as personagens femininas usassem mais o pronome (64% das ocorrências) do que os personagens masculinos (35% das ocorrências).

Outro fato importante que Lopes (2004) também destaca, no século XIX, foi o início da pronominalização de *a gente*, a combinação com o possessivo *nossa* começa a ser implantada. A autora localizou um exemplo no século XIX e no século XX – todos associados ao pronome *a gente*. Exemplo: “a gente vai mudar as nossas coisas para o terreno”. (Séc. XX, MENDES, 1981, p. 118).

No século XX, o pronome *a gente* já estava em fase avançada do processo de gramaticalização,

passando a comportar-se como os outros pronomes pessoais (eu, tu/você, ele/ela) e se tornando subespecificado semanticamente quanto ao gênero [α FEM], tendendo a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino dependendo do sexo do referente. Caso a concordância com o plural ocorra, no entanto, há uma preferência pelo uso com o masculino plural, em especial se o pronome fizer referência a um grupo misto de pessoas ou quando ele for genérico. Em relação ao traço de número, “a gente”, embora apresente uma interpretação plural (falante + alguém), herdou o traço [ϕ pl], a forma não marcada de número em Português, concordando com P3. No entanto, há uma segunda possibilidade de concordância, mais comum na fala de indivíduos não escolarizados, que é aquela com P4, ainda que seja uma forma estigmatizada na língua (ARRUDA, p. 68, 2021).

Lopes (2003) ressalta que, mesmo que não tenha encontrado tais dados no *corpus* selecionado, verifica-se que esse é um indício da presença do traço semântico [+EU]. Outro indício seria a concordância com o pronome possessivo “nosso”. Mostraremos, a partir dos próximos parágrafos, o processo de pronominalização ocorrido tanto no PE quanto no PB.

O processo de pronominalização iniciou no mesmo período histórico tanto no PE quanto no PB, entretanto, Lopes (2003) verifica uma certa divergência entre as duas variedades. Em alguns contextos, no PB, percebe-se um estágio mais avançado no processo de substituição do pronome *nós* por *a gente*, mas o mesmo não acontece no PE. A autora destaca que, nos dados de Portugal, o pronome *a gente* é menos produtivo, diferentemente do que ocorre nas variedades brasileiras.

Segundo Callou *et al.* (1997), a distribuição de uso de *a gente* e *nós* é mais ou menos equilibrada: 56% e 44% respectivamente no Português Brasileiro. Por outro lado, no Português de Portugal a distribuição é bastante diferenciada: 16% de *a gente* e 84% de *nós*. Indicando assim que “[...] a substituição de *nós* por *a gente* encontra-se realmente em um estágio mais acelerado no Português Brasileiro, se comparado ao Português de Portugal.” (CALLOU *et al.*, 1997, p. 281).

Esses dados indicam que os falantes do Português no Brasil recorrem ao uso das variantes de acordo com os contextos em que são expressos. Certamente, quanto mais inibidor o contexto se apresentar ele descartará uma forma e procurará fazer uso da outra (CALLOU *et al.*, 1997).

Além disso, um fator que pode ter corroborado com essa disparidade de uso em ambos os países, provavelmente, é a diferença em termos de concordância das formas com estruturas predicativas. Sobre esse fato, Arruda (2021 *apud* PEREIRA, 2003) destaca que no PB, o pronome *a gente* tende a combinar-se com a terceira pessoa do singular e de acordo com o sexo do referente, porém

ao analisar a concordância da forma pronominal com adjetivos/particípios no PE, encontra resultados que diferem da estrutura padrão da variante brasileira. A autora examina isso em três fontes: registros orais, cujo padrão predominante foi a concordância com o masculino singular (12a); obras literárias e textos paraliterários (letras de canções), nos quais o padrão mais frequente foi o do feminino singular, provavelmente devido à influência da norma (...); e testes feitos com falantes, sendo o masculino plural a forma mais frequente, independente do sexo do emissor, e o padrão majoritário de todas as ocorrências encontradas. Exemplos: (12a) E é por isso que *a gente* está hoje um bocado mais atarefado. [Informante Feminino] (b) Chega *a gente* a sentir-se perseguida pela própria sombra [MIGUÉIS, José Rodrigues]

(c) *A gente* acaba sempre por chegar à festa *atrasados* [Informante 16] (ARRUDA, 2001, p. 70 *apud* PEREIRA, 2003. Grifos do autor).

Arruda (2021 *apud* VIANNA; LOPES, 2013) sugere que a causa das disparidades entre o PB e o PE pode estar relacionada à frequência do uso da forma-fonte *gente* nas duas variantes.

As autoras baseiam-se em Heine (2013) e na sua proposta de mecanismos presentes na gramaticalização: Dessemantização (perda de conteúdo semântico), Extensão (uso da forma em novos contextos), Decategorização (perda de propriedades em relação à forma-fonte) e Erosão (perda de substância fonética). Todos esses mecanismos, de acordo com o autor, atuam em conjunto no processo de mudança, o qual consiste em três etapas: (1) há uma expressão linguística A, que é recrutada para sofrer gramaticalização; (2) a expressão assume outro padrão de uso, B, que apresenta ambiguidade em relação a A; (3) finalmente, A perde-se, e resta apenas B. A terceira etapa seria, portanto, a final, pois indica a perda completa da forma-fonte. Então, as autoras apontam que, apesar de a forma-fonte não ter desaparecido em nenhuma das variantes linguísticas, verificar seu comportamento pode ser relevante na análise do estágio em que o processo de gramaticalização se encontra (ARRUDA, 2021, p. 71).

Segundo Vianna e Lopes (2013), “a repetição de uma determinada construção ou expressão, frequentemente usada na língua, aumenta a probabilidade de que haja expansão do seu sentido originário, com decorrências morfossintáticas e morfofonêmicas” (VIANNA; LOPES, 2013, p. 79). Dessa forma, a repetição seria o fio condutor do processo de gramaticalização, porque, por meio dela, sequências de morfemas ou palavras – frequentemente usados – tornam-se automatizados como uma única unidade no processamento.

Assim, Vianna e Lopes (2013) levaram em consideração, em sua análise, a produtividade da forma-fonte *gente*, visto que ela pode influenciar (acelerando ou retardando) o processo de generalização do pronome. Baseando-se em seus resultados, elas concluem que

a forma “gente”, se comparada com o pronome, apresenta uma produtividade bem baixa no PB. Isso porque, quando o falante brasileiro quer se referir a um “grupo de humanos”, faz o uso da expressão “todo mundo”. No PE, essa situação é invertida: se comparado ao pronome, o substantivo “gente” é bastante produtivo. Além disso, na variação portuguesa, como apresentado por Pereira (2003), há uma relação entre o traço semântico e o formal, pois a concordância com o predicativo é feita usando o plural (VIANNA; LOPES, 2013, p. 79).

Ademais, Segundo Arruda (2021 *apud* VIANNA; LOPES, 2013), é possível achar sentenças ambíguas no PE, pois a forma-fonte continua sendo largamente utilizada e requer uma concordância com o feminino singular.

Por isso, os predicativos no feminino singular seriam evitados com o pronome inovador e licenciados apenas com o nome coletivo na variante lusitana¹. No PB, como “gente” substantivo não é tão produtivo quanto em Portugal, e como o pronome “a gente” se generalizou para indicar a primeira pessoa do plural, os casos de ambiguidade não ocorrem, diminuindo drasticamente no século XIX, como apontado por Lopes (2003), e deixando de existir no século XX. Logo, o uso reduzido de “a gente” pode ser justificado pela produtividade do nome “gente” e pelo uso do pronome “nós”, os quais atingem números altos na variante portuguesa. Em relação às estruturas predicativas, os falantes do PE optam pela concordância no singular com o nome “gente” e no plural com o pronome “a gente” (ARRUDA, 2021, p. 73 *apud* VIANNA; LOPES, 2013).

As autoras sugerem, então, que a forma gramaticalizada possa assumir um comportamento diferente da forma nominal para evitar ambiguidade interpretativa. Portanto, a disparidade de uso do *a gente* nas duas variedades pode ser verificada pelos fatores apresentados no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Uso do nome *gente* e da forma *a gente* no PB e PE.

Português Brasileiro	Português Europeu
Forma <i>a gente</i> mais produtiva	Substantivo <i>gente</i> mais produtivo
Os falantes recorrem ao uso das variantes de acordo com os contextos em que são utilizados, pois quanto mais inibidor o contexto se apresentar, eles descartarão uma forma e procurarão usar a outra.	O uso reduzido da forma <i>a gente</i> pode ser justificado pela produtividade do nome <i>gente</i> e pelo uso do pronome <i>nós</i> , nos quais atingem números mais elevados na variante portuguesa.
Baixa frequência de uso da forma-fonte, por ser mais produtivo o uso da expressão “todo mundo” para referir a um grupo de humanos.	Maior frequência de uso da forma-fonte. O substantivo <i>gente</i> é mais produtivo para referir a um grupo de humanos.
A concordância com o predicativo é feita usando o singular. A forma <i>a gente</i> tende a combinar-se com a terceira pessoa do singular.	Os falantes optam pelo uso da concordância no singular com o nome <i>gente</i> e no plural com o pronome <i>a gente</i> . Ex: “(...) <i>a gente</i> <u>está atarefado</u> ”. (feminino) “(…) <i>a gente</i> sentiu-se <u>perseguida</u> ”. (masculino) “ <i>A gente</i> acaba sempre por chegar (..) <u>atrasados</u> ”. Em registros orais o padrão predominante foi a concordância com masculino singular. Obras literárias e textos paradidáticos (letra de canções) foi mais frequente o feminino singular, provavelmente por influências da norma. Masculino plural a forma mais frequente, independente do sexo do emissor.
Maior frequência de uso da forma <i>a gente</i> .	Menor frequência de uso da forma <i>a gente</i> .

Fonte: Elaboração própria (2023).

Dessa forma, seguindo o exposto por Lopes (2013), a repetição seria o fio condutor do processo de gramaticalização, porque, por meio dela, a forma frequentemente usada torna-se automatizada como uma única unidade no processamento. Assim, a frequência de uso pode ser um indicativo para os maiores índices da forma *a gente* no PB e do substantivo *gente* no PE. Já que a repetição de uma determinada construção ou expressão, frequentemente usada na língua, aumentaria a sua probabilidade de expansão.

Sintetizando cronologicamente os estágios do processo de gramaticalização da forma *a gente* estudado por Lopes (1999; 2002; 2003; 2004), podemos inferir que esse processo teve início por volta dos séculos XVII e XVIII, período chamado de fase embrionária, pelo fato de ainda haver ocorrências ambíguas, pois o processo se encontrava em um estágio intermediário. Conseqüentemente, o nome *gente* era mais produtivo nesse intervalo de tempo.

As primeiras tendências dos resultados indicaram que o *a gente*, quando era usado, tinha preferência quando o referente poderia ser interpretado como genérico, permitindo a inclusão do falante. Por outro lado, quando não havia a possibilidade da inclusão do falante, a preferência era pelo uso do substantivo *gente*.

No decorrer dos séculos XIII ao XV, o substantivo *gente* era subespecificado em relação ao número (exemplo: “Quen vio o mundo tal qual o eu vi, e viu “as gentes” (+plural) que eram enton...”). A partir do século XVI, as possibilidades de concordância vão aos poucos diminuindo a frequência de uso.

Nos séculos XIX e XX, a concordância torna-se categórica para o feminino singular. O século XIX é considerado como fase de transição, por ainda apresentar ocorrências com características tanto dos séculos anteriores quanto posteriores. Ainda nesse século, começa a ser implantada a combinação de uso entre o pronome *a gente* e o possessivo *nosso*.

O século XX é a fase decisiva no processo de gramaticalização, uma vez que, o pronome *a gente* já se encontrava, nesse período, em fase avançada em relação ao processo de pronominalização. Logo após tudo isso e, gramaticalizada, a forma *a gente* passa a integrar o sistema pronominal do Português Brasileiro, a partir dessa integração surgem novas possibilidades combinatórias de uso. Daí, surge a nova configuração do sistema pronominal. Assunto que será discutido a seguir.

2.2 ATUAL CONFIGURAÇÃO DOS PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta seção, tratamos dos pronomes de primeira pessoa do plural, na perspectiva do paradigma pronominal em uso. Aqui, objetiva-se delinear um quadro das atuais reflexões sobre o sistema pronominal a partir dessa nova configuração do paradigma de primeira pessoa do plural. Para tanto, tomamos como base estudos recentes publicados na “Gramática do Português Brasileiro”, de Mário Perini (2010); nas reflexões de Coelho *et al.* (2015); Castilho (2017); e nas considerações de Lopes e Rumeu (2007). As discussões presentes nessas coletâneas tratam da atual configuração das formas pronominais em uso, foco do nosso estudo.

2.2.1 Reestruturação do quadro pronominal do PB e suas implicações na alternância dos pronomes de primeira pessoa do plural e segunda do singular

A inclusão das formas *você* e *a gente* no quadro do pronome de segunda pessoa do singular e primeira pessoa do plural, considerados nas atuais reflexões teóricas como paradigmas usados no Português Brasileiro ou paradigma 2, tem causado, segundo Lopes e Rumeu (2007), uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua. De acordo com essas autoras, a forma *você*, originada de uma expressão nominal *Vossa Mercê*, que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, manteve algumas propriedades mórficas que ocasionaram um rearranjo no sistema pronominal. As mudanças por que passaram essas variantes linguísticas não afetaram apenas o paradigma pronominal do caso reto, mas, segundo Coelho *et al.* (2015),

esse comportamento híbrido dos pronomes “você/vocês” e “a gente”, agregando aos traços originários gramaticais traços semânticos de P2/P5 e de P4, respectivamente, acabou provocando uma reestruturação também no paradigma verbal, que passa de seis formas distintas básicas (paradigma 1) para quatro, três ou apenas duas (paradigma 2) (COELHO *et al.*, 2015, p. 156).

Para ilustrar a reestruturação do paradigma verbal abordado por esses autores, apresentamos o Quadro 2:

Quadro 2 - Reestruturação do paradigma verbal proposto por Coelho *et al.* (2015).

Paradigma 1		Paradigma 2
P1	eu ando/escrevo/vou	eu ando/escrevo/vou
P2	tu andas/escreves/vais	tu anda(s)escreve(s)vai(s) – você anda/escreve/vai
P3	ele(a) anda/escreve/vai	ele(a) anda/escreve/vai
P4	nós andamos/escrevemos/vamos	nós anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) a gente anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos)
P5	vós andais/escreveis/ides	vocês anda(m)/escreve(m)/vai(ão)
P6	eles(as)andam/escrevem/vão	eles anda(m)/escreve(m)/vai(vão)

Fonte: Coelho *et al.* (2015, p. 156).

Nesse Quadro, notamos que “o paradigma 1 mostra a norma-padrão lusitana do século XIX, correspondente ao paradigma flexional do verbo regular no tempo presente de primeira, segunda e terceira conjugação” (COELHO *et al.*, 2015, p. 156). Podemos observar, também, que algumas dessas formas não ocorrem no Português Brasileiro, como *vós*, que, mesmo na língua escrita só se usa em certos textos religiosos (PERINI, 2010). Lopes (2007) defende a apresentação do que é normal, usual e frequente no Português Brasileiro, sem perder de vista o que está disponível na nossa literatura, na nossa língua, na nossa história. Trata-se, nesse caso, da necessidade de disponibilizar nas gramáticas contemporâneas estudos diacrônicos e sincrônicos do sistema pronominal do Português Brasileiro, levando em consideração o uso alternativo desses pronomes (LOPES, 2007).

O paradigma 2, apresentado no Quadro 2, representa a(s) variedade(s) usada(s) no Português contemporâneo (COELHO *et al.*, 2015). Notamos que a utilização do *tu*, apresentada nesse paradigma, é típica da oralidade, em alguns estratos sociais e/ou em algumas regiões brasileiras. Já a utilização das formas *vocês andam*, *você anda* e **a gente anda**, são de uso amplamente generalizado, adentrando a norma culta, utilizadas também, em alguns casos, na escrita. A partir daí, podemos observar o hibridismo linguístico ocasionado por essa nova configuração do sistema pronominal. Diferentes variantes se inter-relacionam e podem conviver, em um mesmo espaço e tempo, geralmente associadas a diferentes valores sociais (COELHO *et al.*, 2015).

Observe as explicações de Coelho *et al.* (2015) sobre como se deu a passagem do paradigma 1 ao paradigma 2, para entender melhor o teor das discussões em torno dos usos pronominais que encontramos atualmente:

A entrada dos pronomes “você” e “vocês” em P2 e P5, respectivamente, na maioria das regiões brasileiras, desencadeou uma mudança no paradigma de flexão verbal correspondente, que começou a contar com formas homônimas entre P2 e P3: “você anda”/“ele(a) anda” e entre P5 e P6: “vocês

andam”/”eles(as)andam”; A entrada da forma “**a gente**” em **P4** desencadeou uma competição pronominal na língua com o pronome “**nós**”. O uso de “**a gente**” aparece com frequência principalmente na língua falada de pessoas mais jovens. Esse novo pronome (“**a gente**”) desencadeia nova alteração no paradigma de flexão, que conta, portanto, com mais uma forma verbal homônima entre P2, P3 e P4: “você vai”/“ele(a)vai”/“**a gente vai**”; A homonímia, observada nos itens 1 e 2, instala gradativamente na língua uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal para evitar a ambiguidade provocada por essas formas verbais. Essa mudança pode ser observada: (i) quando comparamos a fala de pessoas mais jovens e mais velhas, configuramos um caso de mudança em tempo aparente; e (ii) quando comparamos textos escritos atuais com registros antigos, evidenciando uma situação de mudança em tempo real (COELHO *et al.*, 2015, p. 157).

A partir da migração do pronome *você* de P3 para P2, outras possibilidades de uso surgem com essa nova configuração, modificando não apenas o paradigma dos pronomes retos e a concordância verbal, mas também provocando mudanças em cadeia que atingem, assim, outros subsistemas pronominais, tais como: a forma oblíqua (os clíticos) e a forma possessiva. Observamos essas mudanças no Quadro 3, proposto por Coelho *et al.* (2015):

Quadro 3 - Paradigma pronominal em uso.

Pronomes Pessoais		Pronomes Oblíquos (Retos e Tônicos)	Pronomes Possessivos
P1	eu	me, mim, comigo	meu(s), minha(s)
P2	tu - você	te, ti, contigo, o, a, lhe, se, de você, com você	teu(s), tua(s), seu(s), sua(s), de você
P3	ele(a)	o, a, lhe, se, si, consigo, dele(a), com ele(a)	seu(s), sua(s), dele, dela
P4	nós – a gente	nos, conosco, com nós, se, da gente, com a gente	nosso(s), nossa(s), da gente
P5	vocês	os, as, lhes, se, de vocês com você	seu(s), sua(s), de vocês
P6	eles(as)	os, as, lhes, se, si, consigo, deles(as), com eles(as)	seu(s), sua(s), deles, delas

Fonte: Coelho *et al.* (2015, p. 158).

Para Coelho *et al.* (2015), as principais mudanças pronominais apontadas nesse Quadro, com a entrada dos pronomes *você*, *vocês* e *a gente* na língua, são:

Na realização do possessivo, as formas “seu(s)”, “sua(s)” (originalmente de P3 e de P6) assumem também a função de P2 e P5 e a forma possessiva de p3 e de p6 passa a ser, quase categoricamente, a forma genitiva (“dele(s)”, “dela(s)”); Na realização do oblíquo, os pronomes acusativos de P3 e P6 “o(s)” e “a(s)” assumem também a função de P2 e P5; os retos dativos “lhe(s)” migram para P2 e P5, assumindo função principalmente de acusativo; e o dativo ganha forma de sintagma preposicionado, como em “de

vocês(s)”, “**da gente**”; na realização do reflexivo, o pronome “se” segue tanto a forma “você” (“você **se** espelha”) como a forma “**a gente**” (“a gente **se** espelha”), mas ainda é bastante frequente nas formas originais de P3 (“ele **se** espelha”) e de P6 (“eles **se** espelham”). Esse uso do “se” está bastante generalizado na língua. Como se fosse um coringa, ele acompanha as demais pessoas do discurso também: “eu **se** espelho”, “tu **se** espelha(s)”, “nós **se** espelhamo(s)” (COELHO *et al.*, 2015, p.158-159. Grifos dos autores).

Podemos observar que, tanto no Quadro de Coelho *et al.* (2015) quanto no Quadro de Perini (2010), os pronomes oblíquos também são formas alternantes dos pronomes pessoais *eu*, *você* e *nós*, além do pronome reflexivo *se* apresentado por Perini (2010). Este discorre que, no PB, só esses pronomes (*eu*, *você* e *nós*) têm formas oblíquas, de maneira que o quadro completo se reduz aos itens mostrados no Quadro 4, abaixo. Vale ressaltar que os pronomes pessoais têm um comportamento gramatical peculiar e precisam ser estudados separadamente (PERINI, 2010). Por isso, o autor apresenta dessa forma. Veja o Quadro 4:

Quadro 4 - Pronomes pessoais retos e oblíquos.

Forma reta	Forma Oblíqua
eu	me, mim, - migo
você, (tu)	te, (-tigo), (ti), (lhe)
ele, ela	-
nós	nós, - nosco
vocês	-
eles, elas	-
-	<i>se</i> [reflexivo]

Fonte: Perini (2010, p.116). Nota: Pronomes Pessoais: Retos e Oblíquos [“As formas entre parênteses, só sendo corrente em parte do território brasileiro”].

Segundo Perini (2010), só os pronomes *eu* e *tu* têm forma especial para uso depois de preposições (exceto com a preposição, os oblíquos precedidos de preposição, sua posição é a mesma dos sintagmas preposicionados não pronominais), como, por exemplo: *mim* e *ti*. Nos demais casos, as formas retas são usadas depois de preposição, como, por exemplo: *O Joaquim trouxe um quindim para você / para nós / para elas*.

Finalizamos essa reflexão com os Quadros 5 e 6 sobre os pronomes pessoais de primeira pessoa do singular e primeira do plural, apresentado por Castilho (2010/2017). Nesses quadros, o autor apresenta a nova configuração dos pronomes. Seguem os quadros:

Quadro 5 - Pronomes pessoais.

Pessoa	PB Formal		PB Informal	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa do singular	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me, mim, Prep. + eu, mim
1ª pessoa do plural	Nós	Nos, conosco	A gente	E gente, Prep. + a gente

Fonte: Adaptado de Castilho (2010, p. 447).

Conforme mostra o Quadro 5, Castilho (2010) propõe a existência de um uso formal e outro informal dos pronomes pessoais de primeira pessoa do singular e primeira do plural, incluindo, assim, a forma *a gente* nesse novo paradigma. Podemos observar que o autor, assim como os demais autores discutidos anteriormente, inclui o pronome *a gente* na categoria de pronome pessoal de primeira pessoa do singular, ao lado do *eu* e lhe atribui, como pronomes oblíquos equivalentes, os pronomes *eu*, *me*, e *mim*, também, na primeira pessoa do plural, ao lado do pronome *nós*.

Segundo Castilho (2016), os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm mostrado a reestruturação do sistema pronominal do Português Brasileiro, sobretudo em relação à modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade dos pronomes no sistema das línguas explica o porquê da reorganização do quadro dos pronomes repercutir nos demais pronomes, na parte da morfologia verbal, na concordância verbal, bem como na estrutura funcional da sentença (CASTILHO, 2016).

O quadro dos pronomes pessoais do PB na atualidade, apresentado por Castilho (2016), mostra as transformações ocorridas. Apresentamos aqui um recorte do quadro, especificamente, na parte que diz respeito à primeira pessoa singular e a do plural, pelo fato de representar bem o nosso objeto de estudo.

Quadro 6 - Quadro dos pronomes pessoais no PB.

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	eu	<i>me, mim, comigo</i>	<i>eu, a gente</i>	<i>eu, me, mim, Prep. + eu, mim</i>
1ª pessoa pl.	<i>nós</i>	<i>nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>a gente, Prep. + a gente</i>

Fonte: Adaptado de Castilho (2016).

Notamos que o pronome *a gente* posiciona-se na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural, no PB informal.

Na amostra aqui em estudo, a expressão *a gente* coocorre com a forma *nós*, nos mesmos contextos, o que confirma a ideia de que os falantes do Português Brasileiro as entendem como sinônimas. Estudos recentes têm mostrado que a primeira pessoa do plural *nós* vem sendo substituído pelo sintagma nominal indefinido *a gente* no falar do Português Brasileiro.

A alternância entre a primeira pessoa do singular e a do plural tem mais de uma motivação, segundo Castilho (2016). A forma no plural coloca em discreto o segundo plano do locutor, ao passo que a forma singular a põe em relevo. Os pronomes pessoais e as correspondentes formas do verbo prestam-se bem a esse jogo de figura. Esse autor ressalta que é patente que nessas situações a categoria de espaço proximal e distal está por trás das estratégias discursivas do falante. O pronome *a gente*, apresentando um caráter indeterminador em oposição à variante mais específica de *nós*. O falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pelo fato de a variante *a gente* englobar mais pessoas discursivas tais como: “*eu + você(s) + ele(s) + todo mundo ou qualquer um*”, (LOPES, 2016).

Essa nova configuração do sistema pronominal será considerada em nossas análises, pois essa reestruturação do sistema pronominal fundamenta as ocorrências da variação de *nós* e *a gente* usada em concorrência na amostra aqui em estudo.

Na seção que segue, serão apresentadas as mudanças ocorridas a partir da nova configuração dos pronomes com a inserção de *a gente* no sistema pronominal do Português Brasileiro. Fizemos uma revisão bibliográfica sobre a incorporação do pronome “*a gente*” ao sistema pronominal do Português.

2.3 O USO DE *NÓS* E *A GENTE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Aqui, começamos a entrar no universo das pesquisas realizadas sobre o *nós* e *a gente* no Português Brasileiro. Inicialmente, julga-se mister a menção ao trabalho de Omena (1986), uma das pesquisadoras pioneiras sobre a temática em abordagem, com o trabalho intitulado “A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural”, publicado no ano de 1996, o primeiro estudo a tratar desse tema. Em sua pesquisa, a autora analisa a fala de informantes cariocas não cultos com base em uma amostra do banco de dados do Projeto Censo (Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro). De acordo com as análises da autora, foram localizadas 1.979, das 2.701 ocorrências do pronome “*a gente*”, na função de sujeito,

registrando o percentual de 73% na fala carioca (OMENA, 1986; 1996 *apud* PAIVA; DUARTE, 2015).

Posteriormente, Omena publica o artigo “A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança” no livro “Mudança linguística em tempo real”, organizado por Paiva e Duarte (2015). Para a realização da referida pesquisa, Omena (2003) utilizou uma amostra do *corpus* Censo. A primeira amostra gravada no início da década de 80 e a segunda, na década de 2000, referente à fala urbana da cidade do Rio de Janeiro. Com o *corpus* estratificado em três faixas etárias (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), três níveis de escolaridade (primário, ginásio e 2º grau) e sexo (feminino e masculino).

No seu trabalho de pesquisa, Omena (2003) discute sobre aspectos da natureza da mudança linguística através de estudo em tempo real de curta duração, com o objetivo de investigar como está se dando a substituição da forma do pronome pessoal de primeira pessoa do plural pela forma *a gente*. Nessa pesquisa, a autora pretende responder por qual fase passa esse fenômeno variável: “encontra-se em um estágio de variação estável ou em pleno processo de mudança em progresso?”.

Omena (2003) destaca ainda que, levando-se em conta o estudo de painel, que retrata o desempenho individual no uso da alternância das variantes, em seu estudo, procurou responder à questão: “quando a comunidade muda ou permanece estável, o desempenho de cada indivíduo espelha seu comportamento?”. Sobre esse questionamento, os resultados da pesquisa comparativa que a autora fez mostraram que, com o desempenho de 32 falantes da amostra da década de 80 e da amostra da década de 2000, demonstrou-se que, em relação ao uso dessa variável, a comunidade não mudou, o percentual de uso das variantes continuou praticamente o mesmo, 78% em 80, e 79% na década de 2000 (OMENA, 2003).

Em relação à primeira pergunta, a autora concluiu que a forma inovadora vai lenta e constantemente ganhando terreno de sua concorrente, mesmo que, nesse pequeno período de tempo, apresente certa estabilidade.

Destacamos aqui também o trabalho realizado por Vianna e Lopes (2015), publicado em 2015 no livro “Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro”, organizado por Marcos Antônio Martins e Jussara Abraçado. As autoras realizaram um levantamento das pesquisas feitas sobre “Variação dos pronomes *nós* e *a gente*”, exclusivamente na posição de sujeito, com o objetivo de realizar um apanhado geral dos principais resultados para o fenômeno de variação entre “*nós*” e “*a gente*”, obtidos pela pesquisa científica nacional.

Sobre esse tema, Vianna e Lopes (2015) evidencia que a pesquisa científica nacional vem acumulando consideráveis produções bibliográficas, sobretudo de caráter variacionista,

como pode ser constatado nos trabalhos de Omena (1986; 1996; 2003); Álbán e Freitas (1991); Freitas (1991); Borba (1993); Lopes (1993); Menon (1994); Machado (1995); Seara (2000); Tamanine (2010); Laureano (2003); Maia (2003); Fernandes (2004); Borges (2004); Ziles (2005, 2007); Mendes (2007); Muniz (2007); Rocha (2009); Ramos *et al.* (2009); Mendonça (2010); Vianna (2006, 2011); Rubio (2012); Mattos (2013); entre outros. As autoras fazem comentários dos resultados principais de alguns desses trabalhos mencionados, não todos, o que também faremos no decorrer deste item, principalmente, no que tange aos resultados dos trabalhos realizados nas capitais brasileiras, para possíveis comparações.

No que se refere aos resultados individuais de cada grupo de pesquisa, Vianna e Lopes (2015) destacam que qualquer generalização sobre o fenômeno só deve ser tomada em termos relativos, por causa das dimensões continentais do país e por haver muitas áreas não investigadas, principalmente na região Norte.

Essas autoras constaram que, quando se analisam amostras da fala, em sua totalidade, é possível observar comportamentos semelhantes nas capitais, com relação ao uso de *a gente*: em todas elas, o *a gente* suplanta o uso da forma mais antiga *nós*. Elas destacam que, no entanto, há diferenças quando se observa a distribuição geral das formas em cada cidade: aparentemente, o processo de substituição de *nós* por *a gente* está mais avançado em umas cidades mais do que em outras. Apresentaremos mais à frente alguns exemplos de resultados das seguintes capitais mostrados por Vianna e Lopes (2015).

Outro trabalho que coloca em foco três capitais brasileiras: Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre é o de Lopes (1993), com o estudo do uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito. A autora utilizou o *corpus* proveniente do Arquivo Sonoro do Projeto Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro - Nurc/Brasil, constituído por entrevistas do tipo Diálogo Informante e Documentador – DID, os dados foram coletados na década de 70. O conjunto de dados foi composto por homens e mulheres com o nível universitário completo, distribuídos em três faixas etárias (25 a 35 anos, 26 a 55 anos e acima de 55 anos).

Nos resultados, Lopes (1993) confirma o que foi evidenciado por Omena (1986) com falantes não cultos. Os dois estudos apontam os mesmos condicionamentos sociais e linguísticos para a variação entre *nós* e *a gente*. Porém, o processo de mudança ocorre de maneira um pouco diferenciada nos dois grupos, como foi discutido por Callou e Lopes (2004).

Segundo Vianna e Lopes (2015), as autoras Callou e Lopes (2004) realizaram uma análise comparativa dos estudos de Omena (2003) e Lopes (1993) com o objetivo de verificar o estágio em que se encontrava o processo de substituição do pronome *nós* pelo *a gente*: se

estava em variação estável ou em processo de mudança. A análise comparativa levava em conta o comportamento linguístico da comunidade a partir do confronto de duas décadas: 1970 e 1990, estudo com falantes cultos (Nurc-RJ) e nos anos 1980 e 2000, estudo com falantes de nível médio de escolaridade (Censo-Peul-RJ). Os resultados dos falantes cultos evidenciaram um comportamento *instável* da comunidade. No que se refere aos falantes não cultos, entretanto, houve uma certa “estabilidade” no comportamento de uma década para a outra. Portanto, a comparação entre os dois grupos mostra a direção da mudança.

Vianna e Lopes (2015) afirmam ainda que, além de identificarem diferenças entre os falantes cariocas de menor e menor nível de escolaridade, as autoras Omena (2003) e Lopes (1993) concluem que a substituição do pronome *nós* pelo pronome *a gente* corresponderia a uma mudança geracional.

Nos resultados das análises, em geral, Lopes (1993) obteve 972 dados, explícitos ou não, sendo 562 dados de sujeito *nós* (58%) e 410 de sujeito *a gente* (42%). Das cidades analisadas, o Rio de Janeiro apresentou o maior percentual de uso de *a gente* (59%, .69). Já em Porto Alegre e Salvador, observou-se um maior uso do pronome *nós* (72%, .60 e 63%, .66, respectivamente).

Vitório (2017) fez uma análise das realizações das formas pronominais de referência à primeira pessoa do plural, nas funções de sujeito, complemento e adjunto, na cidade de Maceió/AL. O objetivo da autora consistiu em descrever o uso variável dos pronomes *nós* e *a gente*, na posição de sujeito e nas posições de complemento e adjunto, intencionando traçar o perfil sociolinguístico dos falantes maceioenses em relação ao uso dessas variantes e, dessa forma, desvendar o caminho através do qual a variante inovadora *a gente* gradativamente se espalha pelo quadro dos pronomes do Português Brasileiro.

A autora fez um levantamento de todas as realizações de *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito e nas funções sintáticas de complemento e adjunto, a partir de uma amostra composta por 72 entrevistas de falantes maceioenses, coletada no ano de 2010 e estratificada segundo as variáveis sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Universitário.

De acordo com os resultados obtidos no estudo de Vitório (2017), verificou que, na posição de sujeito, *a gente* foi a variante selecionada, sendo favorecida nos contextos referente ao: morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido, falantes menos escolarizados e falantes mais novos, revelando um processo de mudança em curso.

Nas posições de complemento e adjunto, *nós* foi a variante selecionada, com o pronome *a gente* sendo favorecido nos seguintes contextos: núcleo verbal, função sintática de (oblíquo) complemento, *a gente* antecedido por *a gente* em outras funções, falantes do sexo/gênero feminino e menos escolarizados. Em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, verificou-se que *a gente* é a variante selecionada – 84% versus 16% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis marca morfêmica, paralelismo formal, preenchimento do sujeito, escolaridade e faixa etária, com a variante inovadora sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber: morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente*, sujeito preenchido e falantes menos escolarizados e falantes mais novos, revelando um processo de mudança em curso, conforme pontuam os estudos sociolinguísticos para as variedades brasileiras descritas.

No que diz respeito à variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, verificou-se que as formas da variante conservadora apresentam um percentual maior de realização, mas já há a implementação das formas de *a gente* nessas funções sintáticas, sendo essa variação condicionada pelas variáveis tipos de núcleo, relações gramaticais, paralelismo formal, sexo/gênero e escolaridade, com o pronome inovador sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber, núcleo verbal, função sintática de (oblíquo) complemento, *a gente* antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas diferentes de sujeito, falantes do sexo/gênero feminino e menos escolarizados.

Na região Centro-Oeste, temos os trabalhos de Mattos (2013) intitulado “A primeira pessoa do singular na fala de Goiás”. Nessa pesquisa, a autora entrevistou 55 pessoas, 28 mulheres e 27 homens, com 10 anos ou mais de escolarização, entre 16 e 86 anos. Os resultados estatísticos apontaram predomínio do pronome *a gente* (78%), semelhantemente ao registrado em outras áreas urbanas brasileiras. Esse nível de uso de *a gente* coexiste com 21% de singular verbal com o pronome *nós*, diferentemente do registrado em outras áreas urbanas.

Uma matriz cultural de base rural valorizada no estado fundamenta a compreensão da variação verbal com *nós* como um uso identitário local; o desenvolvimento econômico urbano e a expansão da imigração no estado fundamentam a compreensão do avanço do *a gente*, um uso identitário nacional. As variáveis sociais apontam que os jovens (0,70), as mulheres (0,60) e os falantes com até 10 anos de escolarização (0,69) favorecem o pronome *a gente* na comunidade. Esses mesmos agentes, os jovens (0,82), as mulheres (0,70) e os falantes com até 10 anos de escolarização (0,80), intensificam o uso do verbo no singular com o pronome *nós*.

Na região Norte, destacamos os trabalhos de Ramos *et al.* (2009), nos quais se constata o sensível uso de *a gente* em detrimento de *nós*, na fala dos ludovicenses. Para os autores, “a variante ‘nós’ encontra na expressão ‘*a gente*’ uma série concorrente, [...] [variante essa que] não chega a ser estigmatizada pela escola, logo não é alvo de correção.” (RAMOS *et al.*, 2009, p. 289).

Em se tratando do trabalho de Alves e Souza (2020), intitulado de “A variação *nós/a gente* no falar maranhense”, o *corpus* foi extraído de 44 entrevistas do Atlas Linguístico do Maranhão – Projeto ALiMA, realizadas com falantes nativos de dez localidades, selecionadas de acordo com cinco mesorregiões maranhenses, distribuídos entre os fatores sexo, idade e nível de escolaridade. Os resultados indicam, no falar maranhense, uma visível tendência ao uso do *a gente* na posição de sujeito. Foram constatados que, das 1.456 realizações encontradas na fala do maranhense, 1.008 foram para o uso do pronome *a gente*, representando o percentual de 69,2%, contra 448 para o pronome *nós*, totalizando 30,8%.

Já no estudo de Silva e Camacho (2017), intitulado “Os pronomes *nós* e *a gente* no Português falado em Rio Branco”, o *corpus* foi constituído por 40 gravações, de fala natural, realizadas nos anos de 2011 e 2012. Para a seleção dos informantes, foram consideradas as variáveis sociais como sexo, escolaridade e idade. Em relação à variável dependente, constatou-se a alternância entre *nós* e *a gente*, circunscrita à posição de sujeito, objeto e complemento, tem como fatores condicionadores de natureza interna a natureza da referência e a concordância verbal.

De acordo com os autores, a análise dos dados permitiu conceber que o sintagma nominal *a gente* parece já estar incorporado à gramática da comunidade rio-branquense, embora ainda esteja em concorrência com a variante *nós*. Os resultados computados pelo Programa estatístico Goldvarb X, apresentaram 1.061 ocorrências de uso das formas pronominais *a gente* e *nós*, das quais 814 (76,7%) foram para o uso da variante *a gente* e 247 (23,3%) para a variante *nós*. Esse resultado aponta para o uso mais recorrente da forma *a gente* nesta capital brasileira.

Portanto, este fenômeno variável vem sendo estudado desde os idos de 1986, no Português Brasileiro, mas ainda não se tem um mapeamento completo de estudo em todas as regiões, algumas carecendo de mais pesquisas do que outras, isso justifica a realização da presente pesquisa.

No tópico a seguir, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Nesta seção, traça-se um panorama dos pressupostos teóricos da Geolinguística, Sociolinguística Variacionista e Geossociolinguística. A partir desses estudos, apresentam-se as contribuições dessas abordagens para o estudo da variação dos pronomes *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras.

3.1 INTERFACES DA GEOLINGUÍSTICA, DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E DA GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Por volta do século XIX, surgiu a Linguística Histórica e, na mesma época, surge também a Dialetoлогия. Esta última tem como principal objetivo o estudo da variação e mudança linguística no espaço territorial ou geográfico. A Geografia Linguística ou a Geolinguística é um método específico da Dialetoлогия. A Sociolinguística surgiu em seguida, por volta de 1960, com a proposta de estudar a língua, a partir da perspectiva social, iniciando os estudos linguísticos nos grandes centros urbanos.

Com a necessidade de novas configurações, surge a Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 2000), com a proposta de ampliação do campo de estudo, integrando os eixos horizontal da Dialetoлогия, com o vertical da Sociolinguística. A proposta integradora entre essas duas perspectivas metodológicas dimensiona, ao primeiro eixo, incluindo a diatopia, que está relacionada com as diferenças linguísticas distribuídas geograficamente, no segundo eixo, a diastratia, que direciona para a organização sociocultural de uma comunidade de fala.

Paralelamente, iniciam os trabalhos na perspectiva da Geossociolinguística, desenvolvidos no âmbito do Projeto GeoLinTerm, na Universidade Federal do Pará (UFPA), a partir de proposta introduzida por Razky. Essa abordagem articula os pressupostos metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística, fazendo uso das técnicas de questionários e de narrativas orais, para a coleta de dados, bem como as técnicas de cartografia, gráficos e tabelas para a apresentação dos resultados e, para a rodada dos dados usa-se o GoldVarb.

Nesse contexto, discorreremos a partir daqui sobre as abordagens de cada disciplina, iniciando pelo percurso da Geolinguística na seção 3.1.1, logo após, expomos as abordagens da Sociolinguística Variacionista na seção 3.1.2, e finalizamos com as abordagens da Geossociolinguística com a seção 3.1.3.

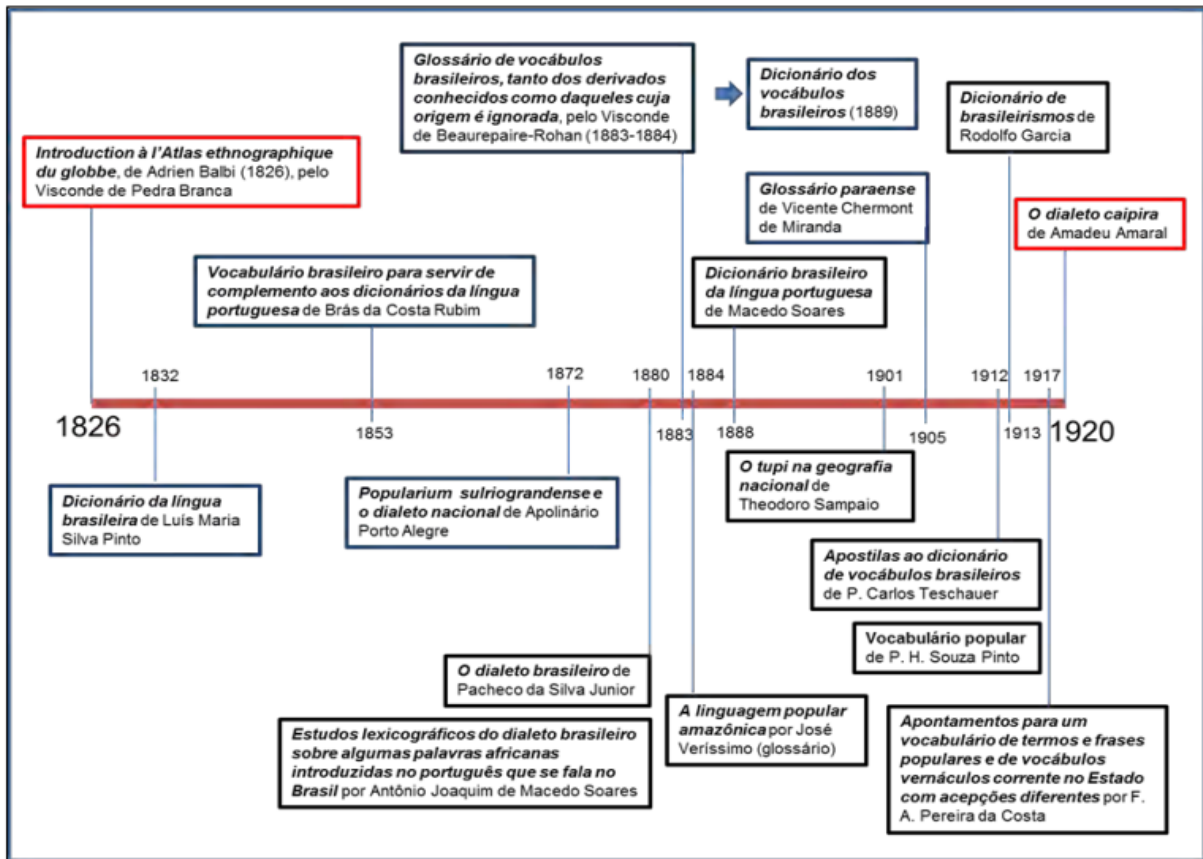
3.1.1 Abordagens da Dialetologia

No Brasil, a Geolinguística, apesar do interesse expresso por Nascentes 1953[1922]), Silva Neto (1957), Cunha (2006), entre outros, os primeiros resultados cartográficos surgem com o “Atlas prévio dos falares baianos”, segundo Cardoso (2010 *apud* ROSSI; ISENSEE; FERREIRA, 1963). É, então, no século XX, que se consolidam os caminhos da Geolinguística no Brasil.

Para apresentar as produções que marcaram a dialetologia no Brasil, mostraremos a periodização proposta por Teles (2018) que vai da primeira à quinta fase. Segunda essa autora, ela honra a periodização da 1ª a 4ª fase, que até então foram propostas e aceitas e, propõe a inclusão de uma nova fase, a quinta. Apresentaremos cada uma delas, bem como os quadros que sintetizam as produções de cada fase.

A primeira manifestação que se pode caracterizar, a partir de uma visão ampla de natureza dialetal sobre o Português do Brasil, deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, datada de 1826, e escrita a pedido do geógrafo Vêneto Adrien Balbi (CARDOSO, 2010). Na Figura 1, apresenta-se, resumidamente, as principais obras da primeira fase.

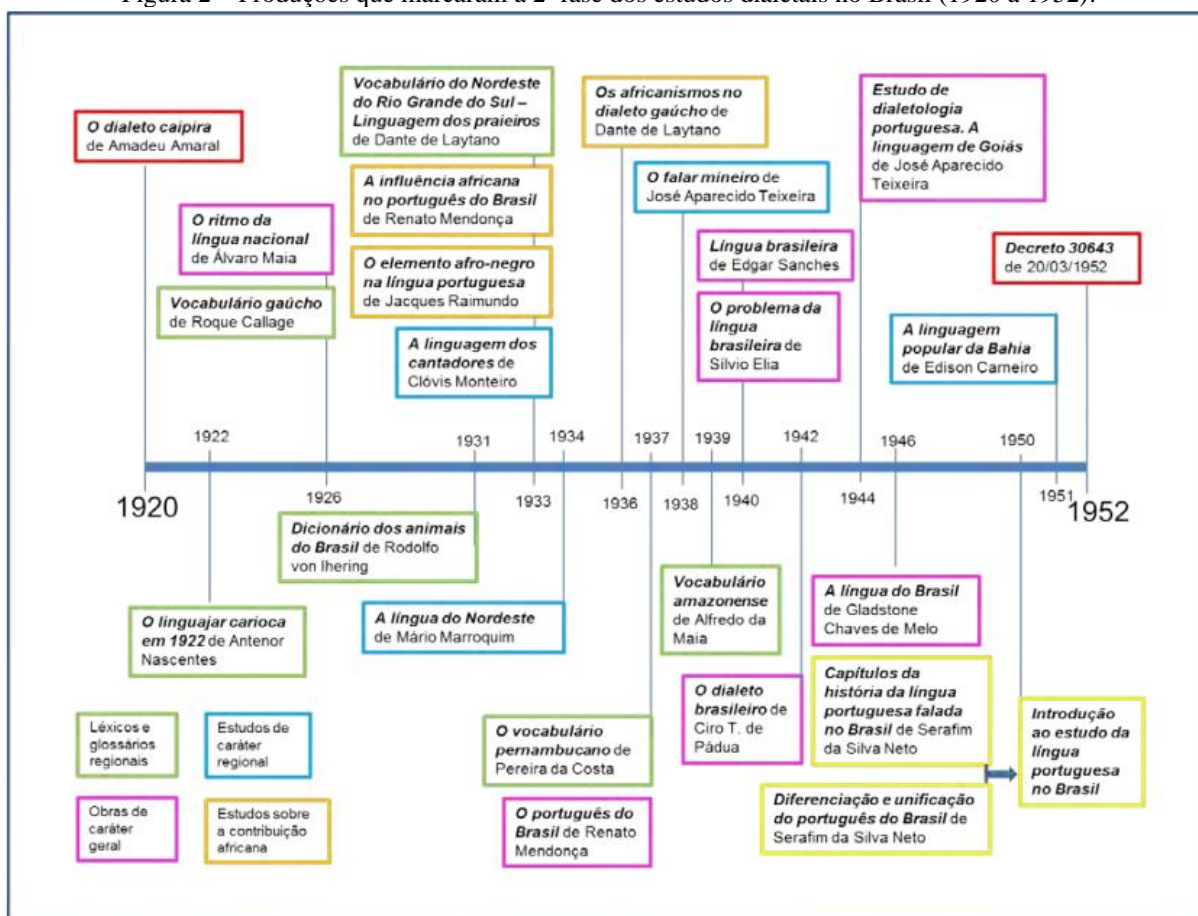
Figura 1 – Produções que marcaram a 1ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1826 a 1920).



Fonte: Teles (2018).

Antenor Nascentes (1952; 1953) estabelece as duas primeiras fases. Todavia, com o intuito de reformular a proposta de Nascentes, Ferreira e Cardoso (1994), acrescentam uma terceira fase; anos mais tarde, Mota e Cardoso (2006) reanalisam as propostas e acrescentam uma quarta fase dos estudos dialetais no Brasil. As periodizações propostas por esses autores estão representadas na Figura 2, a seguir.

Figura 2 – Produções que marcaram a 2ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1920 a 1952).



Fonte: Teles (2018).

A segunda fase registra os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolinguística em territórios brasileiros. Cardoso (2010) destaca que essa fase é marcada pela produção de trabalhos de cunho monográficos voltados à observação de uma determinada área, descrevendo os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático. Observam-se os diferentes níveis de enfoque da língua empregados metodologicamente sob a abordagem dos fenômenos orientados para o exame da realidade observada *in loco*, dos quais se destacam os trabalhos de Amaral (1976), Nascentes (1953) e Marroquim (1934).

O trabalho de Amaral, publicado em 1920, “O dialeto caipira”, emerge da preocupação com o processo de dialeção do Português Brasileiro sobre o qual, à época, pouco se sabia ou se tinha escrito (CARDOSO, 2010, p. 134). Na Introdução da obra, o autor expressa;

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer

evidente, mas cujos caracteres ainda não discriminados (AMARAL, 1976, p. 43).

Segundo Cardoso (2010), Amaral, ao estudar uma área do Estado de São Paulo, aquela identificada como a do falar caipira, fornece a fundamentação para um trabalho sério no campo de investigação dialetal. O que chamou a atenção para a necessidade de “observadores imparciais, pacientes e metódicos”, capazes de assumir uma postura metodológica que orientasse à observação da realidade *in loco*, assim, eliminando “por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente”. Desse modo, se saberia com segurança quais caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um (CARDOSO, 2010).

Antenor Nascentes publicou “O linguajar carioca em 1922”. Obra que, a partir da segunda edição, publicada em 1953, passa a chamar-se “O linguajar carioca”. Segundo Cardoso (2010), o autor procurou, inicialmente, definir o que entende por falar brasileiro e em procurar situar o linguajar carioca no conjunto desses falares.

Outro aspecto relevante a ser mencionado em relação ao processo de dialeção do Português Brasileiro, é a divisão dos falares brasileiros que Antenor fez, após percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá (NASCENTES, 1953, p. 24). Essa divisão, proposta, primeiramente, em base estritamente linguística é a única de que, até o presente, dispomos (CARDOSO, 2010).

A obra de Nascentes traz grandes contribuições, primeiro, em relação à divisão dialetal do Brasil e, segundo, em relação às contribuições específicas para o conhecimento do dialeto carioca, ao estudar aspectos da fonética, morfologia, sintaxe e do léxico.

Assim, começam os primeiros estudos de caráter regional, que abordam, particularmente, aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de dada região. Começando pela obra: “O falar mineiro” (1938), em seguida, a obra: “Estudos de dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás” (1944), de José Aparecido Teixeira, e a obra “A linguagem popular da Bahia” (1951), de Edison Carneiro, dentre outros.

Antenor Nascentes publica as “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, obra dividida em dois volumes - o primeiro, em 1958, e o segundo em 1961 -, na qual o autor estabelece, como o próprio nome sugere, passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo (CARDOSO, 2010).

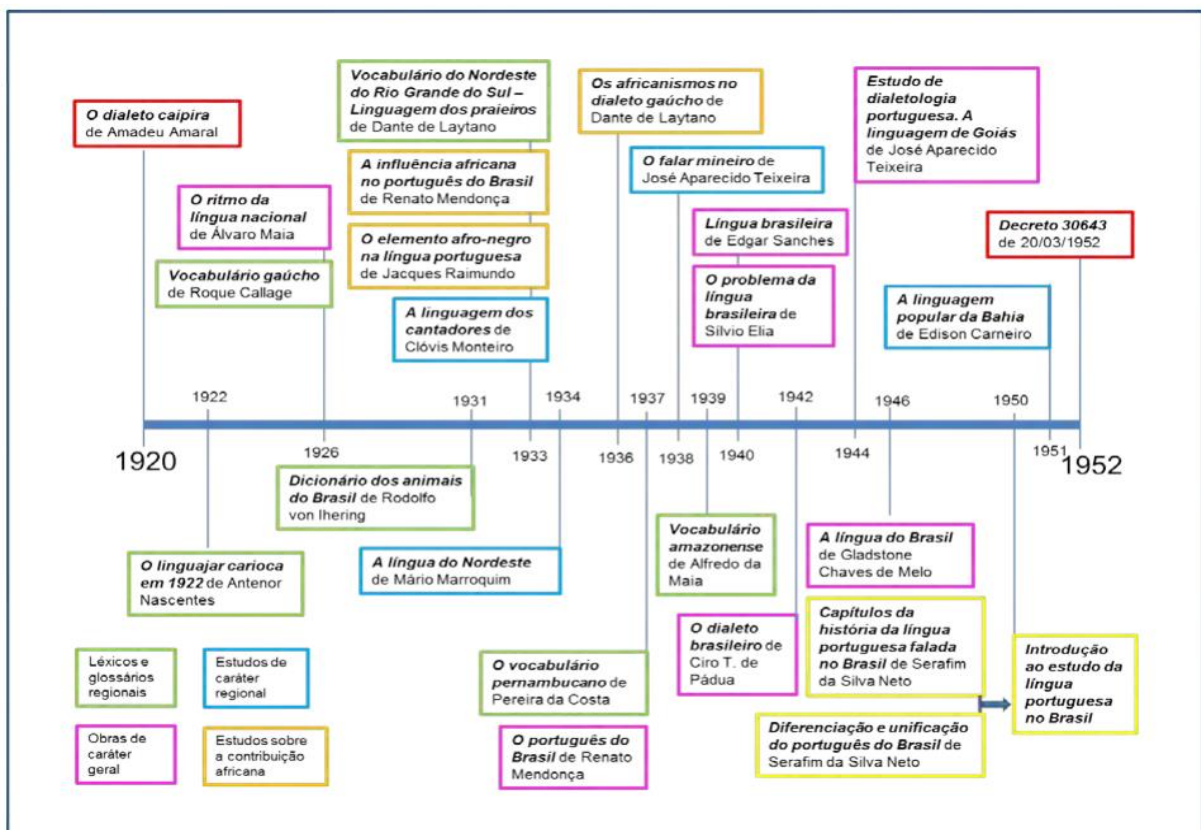
Nas “Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, Nascentes relembra que:

Embora seja toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto... (NASCENTES, 1958, p. 7).

Segundo Cardoso (2010), o dialetólogo reconhece as dificuldades advindas sobretudo da extensão territorial do país e da precariedade das vias de comunicação que determinam a opção inicial dos estudos geolinguísticos no Brasil de empreender-se o trabalho começando pelos atlas regionais.

Desse modo, a maturidade geolinguística do Brasil foi alcançada através da elaboração dos atlas estaduais e regionais e de inúmeros trabalhos os quais estão expostos a seguir nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 – Produções que marcaram a 3ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1952 a 1996).



Fonte: Teles (2018).

No decorrer desses 21 anos, as produções dialetológicas no Brasil vão chegando a sua quarta fase. Esse novo momento de estudos linguísticos vai, aos poucos, conquistando novas dimensões metodológicas, inovando quanto aos critérios de escolhas dos participantes da pesquisa, somando ao aspecto geográfico, o social, o que evidenciam relações entre os dados linguísticos e os dados nos aspectos socioculturais. Além disso, os participantes são

selecionados considerando os aspectos sociais (escolaridade), faixa etária (fundamental e universitário) e o sexo (homem e mulher).

Assim, a partir da década de 60, os estudos Geolinguísticos investem em novas orientações, ao inserir alguns princípios metodológicos da Sociolinguística, somando, à variável diatópica, variáveis sociais, como assinala a autora:

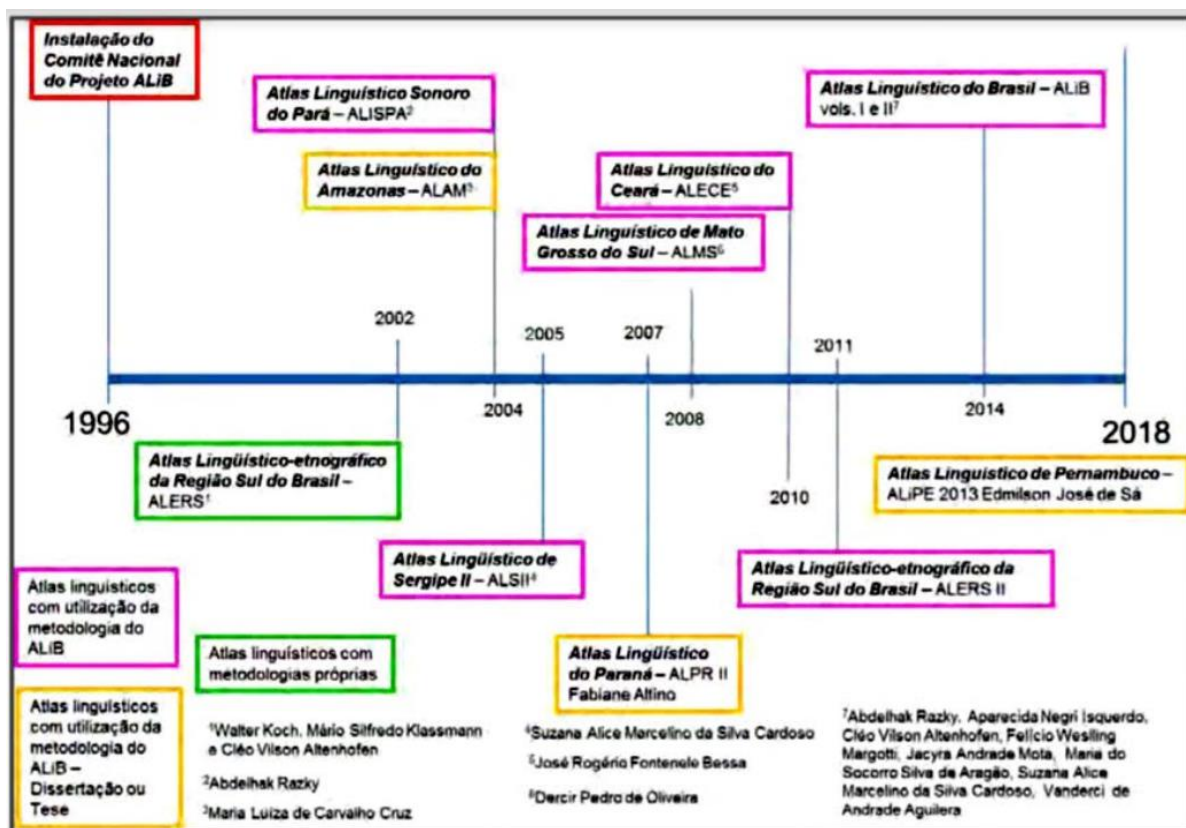
Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do corpus de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 1991, p. 26).

Esse entendimento destaca que, além das variáveis sociais, fez-se necessário incluir diferentes níveis de interlocuções, como temas de discursos semidirigidos, para que os participantes da pesquisa os desenvolvam através de textos e de leitura, buscando, dessa forma, a variação diafásica.

Além disso, vale mencionar, também, que as abordagens apregoadas pela Sociolinguística passaram a ser incorporadas aos elementos definidores dos princípios metodológicos adotados, e isso foi deixando mais clara distinção entre a Geolinguística monodimensional predominante até então e a nova Geolinguística, pluridimensional (a tradicional *versus* a contemporânea).

Na Figura 4, elaborado por Teles (2018) apresentamos algumas produções que marcaram a 4ª fase dos estudos dialetais no Brasil de 1996 a 2017.

Figura 4 - Produções que marcaram a 4ª fase dos estudos dialetais no Brasil (1996-2017).



Fonte: Teles (2018).

Nessa fase, os trabalhos que foram e vêm sendo desenvolvidos com o *corpus* do Projeto ALiB, nas abordagens da lexicográficas, sociolinguísticas e geossociolinguísticas, vêm utilizando novos recursos tecnológicos que atendam às exigências do modo de fazer ciências no mundo atual.

Na Figura 4, acima, foi possível observar alguns trabalhos produzidos com base na metodologia do ALiB e outros, em quantidade menor, fizeram uso de questionários e metodologia próprios, isso não invalida, muito menos compromete a qualidade das produções (TELES, 2018).

Seguindo a proposta de Teles (2018), a quarta fase encerra-se no ano de 2014, propõe-se agora, a inclusão de uma nova fase.

Em 8 de outubro daquele ano, na Universidade Estadual de Londrina - UEL, foi feito o lançamento em nível nacional e internacional (durante o III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística - CIDS) dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, 18 anos após a implantação do Projeto, 13 anos após a aplicação do primeiro questionário na cidade de Quirinópolis (GO) e apenas um ano após a aplicação do último, na cidade de Limoeiro (PE). De lá para cá, independentemente de iniciar-se – ou não – uma nova fase, é indiscutível a argumentação de que esse é um

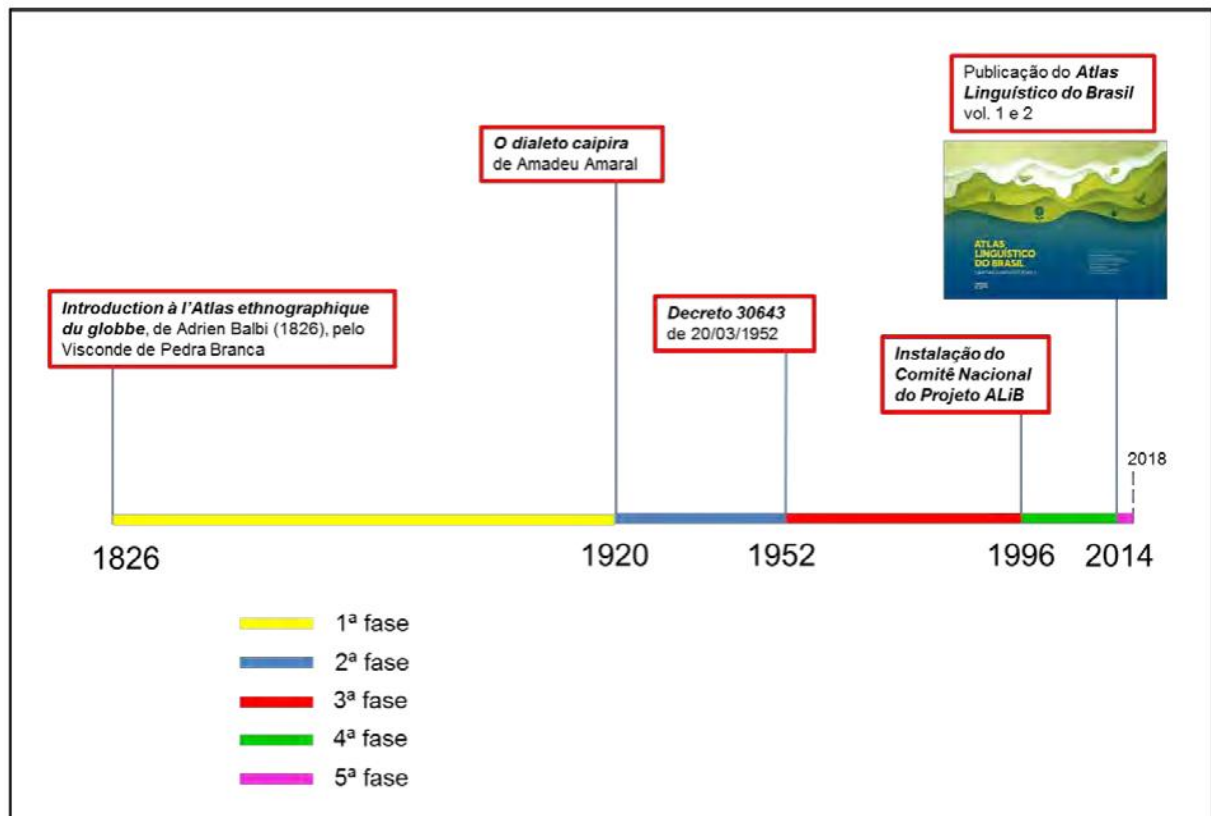
marco da Geolinguística brasileira: tanto pelo fato de inúmeros trabalhos terem sido desenvolvidos, desde então, a partir do seu conteúdo, quanto pela extensão alcançada, seja pela disponibilização do atlas em bibliotecas não apenas 80 das Universidades integrantes do Projeto, seja pela divulgação em âmbito nacional que o atlas teve a partir de telejornais de coberturas locais e nacionais, além de uma série composta de vários programas, abordando praticamente todas as áreas de estudos linguísticos que o ALiB contempla. (TELES, p.79-80, 2018).

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi publicado em outubro de 2014, no III Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (CIDS), ocorrido na Universidade Estadual de Londrina. Esse instrumento tem por meta a proposta de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à realidade da Língua Portuguesa. O ALiB, portanto, e segundo Teles (2018), representa um marco: do ponto de vista cartográfico, também se trata de uma publicação inovadora, especialmente por ser o primeiro Atlas Linguístico no Brasil a ter sido concebido para utilização em Sistemas de Informações Geográficas.

Teles (2018) complementa ainda afirmando que, não somente pelo fato de os elaboradores desse atlas terem utilizados uma base cartográfica digital, oficial, mas também porque todas as feições geográficas estão perfeitamente construídas para esse fim. Além disso, outra característica importante de ser destacada é o georreferenciamento de todas as localidades, tornando todas cartas publicadas passíveis de reedições e complementações a qualquer época (TELES, 2018).

Diante do exposto e ainda seguindo a proposta de Teles (2018), a partir da publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, consideramos que ele seja considerado o marco inicial de uma quinta fase dos estudos da Dialetoлогия no Brasil, de acordo com o que se vê na Figura 5.

Figura 5 – Proposta de periodização dos estudos dialetais no Brasil segundo Teles.



Fonte: Teles (2018).

Vale enfatizar a tendência surgida a partir do desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, na segunda metade do século XX, que se considera a relação entre os fatores linguísticos e sociais, a qual influencia no aspecto da variação.

Segundo Cardoso (2010), ao estudar a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialectologia não pode deixar passar ao largo a consideração dos fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, por essa razão, a importância da correlação entre a Dialectologia e a Sociolinguística, ambas perseguindo a variação e mantendo sob controle variáveis diversas. É sobre o pressuposto metodológico da Sociolinguística que iremos discorrer a seguir.

3.1.2 Abordagens da Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística é um campo de estudo linguístico que se apresenta como uma das subáreas da Linguística. Estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais (MOLLICA; BRAGA, 2012). Como ciência autônoma e interdisciplinar, essa corrente teórica e metodológica teve início no século XX, embora houvesse vários linguistas que já

desenvolvessem trabalhos baseados em pressupostos teóricos claramente sociolinguísticos, como é o caso de Meillet (1866-1936) e Bakhtin (1895-1975). Esses pensadores levaram em conta o contexto sociocultural em suas reflexões linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala - o falante -, pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (BORTONI-RICARDO, 2014).

Para falar do estudo social da língua, destaca-se, aqui, Antoine Meillet (1866-1936), que já insistia em seus inúmeros textos sobre o caráter social da linguagem e a definiu como um fato social, assim como Saussure também já o havia feito (CALVET, 2002). O linguista francês Antoine Meillet foi quase sempre apresentado como discípulo de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Contudo, com a publicação (póstuma) do “Curso de Linguística Geral”, Meillet distanciou-se de Saussure.

A distinção de ideias entre os dois linguistas pode ser notada com relação às dicotomias saussurianas, que distinguem a sincronia da diacronia, e com a última frase do “Curso”: “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (CALVET, 2002, p. 14).

Em toda a obra de Meillet, nota-se a convergência das abordagens interna e externa e das abordagens sincrônica e diacrônica dos fatos da língua. Enquanto Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; enquanto Saussure distingue a abordagem sincrônica da diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura da língua através de sua história e da estrutura da sociedade (CALVET, 2002).

Segundo Meillet (1906[1905] *apud* CALVET, 2002), por ser a linguagem um fato social, disso resulta que a Linguística é uma ciência social. Logo, o único elemento variável ao qual se pode recorrer para explicar a variação linguística é a mudança social. Diante disso, podemos notar uma posição próxima da que se encontrará mais tarde na obra de William Labov (CALVET, 2002).

Embora o aspecto social da língua tenha chamado à atenção desde cedo, o que já estava presente nos trabalhos dos linguistas Ferdinand de Saussure, Mikhail Bakhtin e Antoine Meillet, no início do século XX, foi provavelmente nos anos 1950 que esse aspecto começou a ser investigado minuciosamente. Houve também a contribuição de linguistas como Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman, que chamaram a atenção para uma série de fenômenos interessantes, como a diglossia e os efeitos do contato linguístico.

Mas, pode-se dizer que quem mais se destacou nessa área de estudos foi o linguista norte-americano William Labov, que nos anos de 1960 deu início a uma série de investigações sobre a variação linguística, investigações que inovaram a compreensão de

como os falantes utilizam sua língua. Por isso, ele é considerado como o fundador da Sociolinguística Variacionista, após descrever uma metodologia para analisar o processo de variação e mudança linguística. A criação desse processo metodológico para descrição e análise quantitativa da variação deu-se a partir de sua pesquisa sobre os estudos fonológicos do Inglês falado na ilha de Martha's Vineyard e sobre o Inglês falado na cidade de Nova Iorque.

Passamos a apresentar a partir daqui a metodologia da Sociolinguística Variacionista que oferece duas características as quais, unidas, destacam sua personalidade entre o conjunto das disciplinas linguísticas. Uma delas é a atenção à dimensão social da língua e suas implicações epistemológicas, conforme destaca o autor:

[I]nteressa o uso da língua na sociedade, valorizando as interações dos falantes reais considerados como sujeitos, como agrupações ou como comunidades. A outra característica é a de sua dimensão empírica: a sociolinguística trabalha com dados empiricamente reunidos, armazenados e tratados, concedendo validade às aproximações indutivas (MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 168).

Conforme Moreno Fernández (2012), a Sociolinguística representa perfeitamente uma concepção do estudo da língua fundamentada tanto no empirismo quanto em sua função social. A Sociolinguística Variacionista entende a variação linguística como fato apreensível e sistemático, ao correlacionar os aspectos linguísticos e sociais para a explicação do processo da variação e da mudança linguística. Adota-se também essa linha em nossa pesquisa, em função de ela ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso (MOLLICA; BRAGA 2012). Essa abordagem tem como pressuposto básico o estudo da variação, que é um fenômeno inerente ao sistema linguístico de qualquer comunidade de fala. Além disso, esse campo trabalha com um instrumental estatístico para quantificar os fenômenos variáveis.

Para Guy (2007), a realização de análise quantitativa possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua relação com a mudança linguística. Para o autor, o método estatístico tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigmas linguísticos, entre tantas outras.

Segundo Scherre e Naro (2006), os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. Segundo

esses autores, se o linguista for bom, certamente os resultados lhe permitirão refutar ou não as hipóteses estabelecidas quando da análise dos dados linguísticos. Além disso, destacam que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode auxiliar no entendimento sobre o comportamento de fenômenos linguísticos. Esse instrumental abre novos horizontes de entendimento, aumentando a capacidade dos pesquisadores na realização de análises de usos linguísticos.

Ampliando ainda mais as ferramentas para o estudo da variação linguística, utilizamos, nessa pesquisa, uma metodologia que combina as técnicas da Geolinguística e da Sociolinguística e origina que se costuma chamar de Geossociolinguística.

3.1.3 Abordagens da Geossociolinguística

A Geossociolinguística é uma proposta que articula os recursos metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística para ampliar as possibilidades de análises da variação linguística, passando a considerar os aspectos espacial, social e linguístico, sem abrir mão também da perspectiva temporal (LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020, p. 15). O termo “geossociolinguística” foi introduzido por Razky (1997), no âmbito do Projeto ALiPA (primeira fase do projeto GeolinTerm), na Universidade Federal do Pará (UFPA). Para esse autor, uma perspectiva Geossociolinguística é necessária para compensar os limites de cada uma das disciplinas (Sociolinguística e Geolinguística).

Tendo em vista que a presente pesquisa se embasa nas abordagens da Geossociolinguística, a partir daqui, faremos uma breve descrição da metodologia, das técnicas e orientações teóricas utilizadas no estudo da variação, baseado em um resumo apresentado em a Metodologia Geossociolinguística (LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020), proposto no livro: “Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro”, na seção três da obra, que trata sobre “A Geossociolinguística: Novas Perspectivas do Estudo da Variação”.

Em “A Metodologia Geossociolinguística”, os autores comentam que toda área de conhecimento científico precisa delimitar o seu objeto e apresentar um conjunto de técnicas que permitam, primeiro, a coleta e tratamento dos dados e a análise e apresentação dos resultados. Esse conjunto de técnicas corresponde ao “método” e o que fundamenta essas técnicas, como sendo adequadas para produzir conhecimentos científicos válidos sobre o objeto delimitado, é a “metodologia”. E, segundo, a análise e a apresentação dos resultados

Quando, por exemplo, utilizamos as técnicas de aplicação de questionários (QFF, QSL, QMS) e de narrativa oral para a coleta de dados em Geossociolinguística, ou utilizamos um programa computacional como o Varbrul/GoldVarb para análise estatística dos dados, ou construímos cartas linguísticas para apresentar os dados descritos na pesquisa, estamos fazendo isso com base numa metodologia que combina técnicas da Geolinguística e da Sociolinguística – que nos acostumamos chamar de **Metodologia Geossociolinguística** (LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020, p. 18. Grifo nosso).

A abordagem da Geossociolinguística consiste no uso das técnicas de questionários e de narrativas orais, para as coletas de dados, usa o Varbrul/GoldVarb para as rodadas estatísticas dos dados. Para a apresentação dos resultados: são produzidos mapas, cartas linguísticas e gráficos, descritos na pesquisa. Segundo Lima, Razky e Oliveira (2020), a cartografia geossociolinguística é um recurso que permite uma visão em conjunto de uma imensa quantidade de dados linguísticos, distribuídos por vastas áreas geográficas. Atualmente, com possibilidade de inserção de som e imagem (inclusive com animação) nas cartas digitais, nos atlas eletrônicos.

A seguir, sintetizamos em tópicos a metodologia da Geossociolinguística proposta por Lima, Razky e Oliveira (2020)²:

Pressupostos metodológicos da Geossociolinguística:

- a) Comunidade Linguística;
- b) Regras Categóricas e Regras Variáveis;
- c) Variáveis e Variantes;
- d) Grupos de Fatores (ou Variáveis Independentes);
- e) Perspectiva Temporal: Tempo Real e Tempo Aparente;
- f) Atitude Linguística dos Falantes;
- g) Níveis de Monitoramento das Variantes Linguísticas (Estereótipos, Marcadores, Indicadores);
- h) Coleta de Dados Geossociolinguísticos: questionários e narrativas orais;
- i) Tipos de variação que podem ser controlados numa pesquisa geossociolinguística: Variação dialingual, diatópica, diastrática, diageracional, diasssexual, diacínética,

² Detalharemos os tópicos que serão usados na presente Tese, na seção 4.2; caso o leitor tenha interesse no detalhamento dos tópicos não comentados na seção seguinte, a obra original de Lima, Razky e Oliveira (2020) deverá ser consultada.

diarreliosa, diarreferencial, diamodal, diatécnica e diagenérica.

j) Análise e Apresentação dos Resultados: tabelas, gráficos e Cartas Linguísticas.

Segundo Lima, Razky e Oliveira (2020, p. 43), nos últimos anos, o estudo da variação linguística se desenvolveu bastante no Brasil, conseqüentemente, as pesquisas pautadas nos pressupostos metodológicos da Sociolinguística e Dialetoлогия ocasionaram a criação de novas técnicas ou rearranjo a partir dos que já existiam, de maneira que, poderia falar de uma sociolinguística e de uma dialetoлогия brasileira, que se tem acostumado a chamar de Geossociolinguística.

Essa foi a abordagem adotada no presente estudo, para a realização dos tratamentos dos dados, para as análises e para a apresentação dos resultados da pesquisa, produzimos tabelas, gráficos e cartas linguísticas. As análises quantitativas foram feitas com base nos dados obtidos por meio do programa de análise multivariável no Goldvarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2005).

3.2 BREVE HISTÓRICO DAS CINCO REGIÕES DO BRASIL

Nesta seção, descrevemos a dimensão diatópica do presente estudo, apresentamos brevemente a área territorial das cinco regiões brasileiras, bem como um rápido e geral balanço histórico das possíveis contribuições para a formação linguística das regiões brasileiras e suas respectivas capitais, a partir da chegada dos primeiros povos que nelas habitaram. Incluímos, no final das apresentações sócio-histórica e geográfica, um levantamento das pesquisas sobre a primeira pessoa do plural realizada em cada região. Iniciamos, então, com o cenário diatópico do estudo.

Sobre a variação diatópica, Cardoso (2010, p. 56), destaca que “o espaço geográfico pode estabelecer-se como *locus* da pesquisa uma única localidade, um estado, uma região, um país, um continente, [...]”. No presente estudo, foram selecionadas as 25 (vinte cinco) capitais estaduais que compõem as 5 (cinco) regiões brasileiras como dimensão diatópica para representar o perfil da realidade linguística desse espaço geográfico. Ficam à parte desse estudo as capitais: Brasília (DF) e Palmas (TO), pelo fato de serem capitais novas e por não se enquadrarem no perfil sociolinguístico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, na época das coletas dos dados.

No espaço geográfico brasileiro, é possível evidenciar a particularidade de cada terra, exibindo, segundo Cardoso (2010, p. 15), “a variedade que a língua assume de uma região a

outra, como forma de responder à diversidade cultural a natureza da formação demográfica da área”. Além disso, essa autora destaca que, “à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história” (CARDOSO, 2010, p. 15). Diríamos que as influências linguísticas advindas de diversos povos, vindos de diferentes países contribuíram para a variedade que a Língua Portuguesa brasileira assume em suas cinco regiões e respectivas capitais.

A dimensão continental do Brasil se constitui ao todo por 27 capitais, distribuídas em 26 estados juntamente ao Distrito Federal. Nesse imenso espaço territorial, podemos pensar na variedade que a nossa língua assume em cada canto do país, da qual pretendemos mostrar uma pequena parcela a partir do resultado da descrição do fenômeno aqui em estudo.

Em um possível levantamento diacrônico no território brasileiro seria perceptível as influências linguísticas advindas de diferentes povos, em momentos distintos, impactando diretamente na forma de se expressar, trazendo sonoridades, variedades lexicais, dialetais e formas de sentidos peculiares aos falantes das cinco regiões brasileiras.

Apresentamos a seguir, brevemente, as peculiaridades na extensão territorial do Brasil e alguns fatores históricos que tratam da chegada de alguns povos em cada região, bem como a apresentação das pesquisas científicas realizadas sobre os pronomes *nós* e *a gente* nas cinco regiões brasileiras.

Região Norte

A região Norte é a maior em extensão territorial, com uma área de 3.853.676,948 km², equivalente a 42,27% do território nacional. Essa região conta com uma população de cerca de 18.672.692 de habitantes, segundo o censo de 2020, e é formada por sete estados, conforme apresentados no Quadro 7, a seguir, com as suas respectivas extensões e capitais:

Quadro 7 - Dados geográficos da região Norte.

Estados	Amazonas (AM)	Pará (PA)	Acre (AC)	Rondônia (RO)	Roraima (RR)	Amapá (AP)	Tocantins (TO)
Capitais	Manaus	Belém	Rio Branco	Porto Velho	Boa Vista	Macapá	Palmas
Extensão Territorial	1.571.000 Km ²	1.248.000 Km ²	152.581 Km ²	237.576 Km ²	224.299 Km ²	142.815 Km ²	277.621 Km ²
População*	4.207.714	8.690.745	894.470	1.796.460	631.181	861.773	1.590.248

Fonte: IBGE (2020). Nota: *População estimada em 2020.

Em relação à economia, a região Norte começou a receber grande número de migrantes, por volta de 1870, que se embrenhavam pela floresta à procura da seringueira, para extração do látex, usado na fabricação da borracha. Em 1910, metade da borracha consumida no mundo saía da Amazônia. O extrativismo do látex e da castanha-do-pará, atraíram imigrantes espanhóis, portugueses e franceses.

Para estimular o desenvolvimento econômico da região, foram construídos os portos de Belém e Manaus, além de outros em cidades menores como Santarém (PA) e Parintins (AM). Todos esses imigrantes trouxeram para a região seus repertórios linguísticos, que, com o passar do tempo, foram contribuindo para as formações dialetais e se integrando ao léxico da Língua Portuguesa.

O Distrito Industrial, denominado Polo Industrial de Manaus (PIM), administrado pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), foi criado em 1957 e impulsionado com investimento em 1967. Atualmente, abriga cerca de 600 empresas, dentre as quais, temos empresas de origem japonesa, como a Sanyo, a Sony, a Toshiba, a Yamaha, a Honda etc. Há também empresas de origem norte-americana (Microsoft, Philco), alemã (BMW, Adidas), francesa (BIC, Gillete, Thomson), holandesa (Philips), coreana (LG, Samsung) e outras, principalmente do setor de eletroeletrônicos, que se beneficiaram com as facilidades de importação de peças e componentes.

Todos esses fatores podem contribuir para a pluralidade cultural e linguística da região Norte. Sua cultura é extensa e fortemente influenciada pelos diferentes povos, como, europeus (espanhóis, portugueses, franceses e alemães), africanos, norte-americanos, japoneses, bolivianos, povos dos diversos estados brasileiros, e, sobretudo, pelos povos indígenas que lá habitam. Nesse sentido, salientamos que, nessa região, os povos indígenas realizam inúmeros rituais, cada tribo expressa sua crença e tradição, havendo diferenciação nos elementos culturais.

O Estado do Acre só integrou o território brasileiro a partir de 1904, quando foi anexado após o movimento que ficou conhecido como Revolução Acreana. Antes de ser anexado, pertencia à Bolívia. Em 1912, o Acre foi decretado território federal e o controle era exercido por um governador nomeado pelo presidente da república e passou à condição de Unidade da Federação somente em 1962.

Os contatos linguísticos com os povos das fronteiras, imigrantes e migrantes têm trazido variedades linguísticas e culturais à região Norte, que, acrescentadas à cultura dos povos (nativos e não-nativos) já existentes na região, têm enriquecido e evidenciado os falares nos seus diferentes estados. Todas essas variedades precisam ser conhecidas e já estão sendo

registradas cientificamente pois elas manifestam o capital linguístico constitutivo da identidade cultural do povo da região norte brasileira. O capital linguístico pode ser entendido como um subconjunto do capital cultural. Ele é adquirido primariamente através de relações familiares, comunitárias e por imposições das forças políticas e econômicas que vão se adentrando às comunidades.

Fazendo um levantamento sobre os estudos que tratam da variação de *nós/a gente* em posição de sujeito no Brasil, a partir do mapeamento realizado por Vianna e Lopes (2015), foi constatado que, “haja visto as dimensões continentais do país e o fato de ainda haver muitas áreas não investigadas” (VIANNA; LOPES, p. 109, 2015), como é o caso da região Norte, que, na época do levantamento realizado por elas, ainda não contabilizava descrições da variação de *nós/a gente* feitas com base na Sociolinguística variacionista.

Foi somente em 2017 que a primeira pesquisa sobre esse fenômeno foi registrada nessa região, na capital do Acre, o estudo de Silva e Camacho (2017) sobre “Os pronomes *nós* e *a gente* no Português falado em Rio Branco”. O *corpus* foi constituído por 40 gravações, de fala natural e as entrevistas foram realizadas nos anos de 2011 e 2012. Os resultados apresentaram 1.061 ocorrências de uso das formas pronominais *a gente* e *nós*, das quais 814 (76,7%) foram para o uso da variante *a gente* e 247 (23,3%) para a variante *nós*. Esse resultado aponta para o uso mais recorrente da forma *a gente* nesta capital brasileira.

Região Nordeste

A região Nordeste é formada por nove estados litorâneos e ocupa uma área de 1.554.291,607 km², o equivalente a 18,27% do território brasileiro, gerando uma densidade demográfica de 36,1 habitantes/km². A região é coberta por grande extensão de Mata Atlântica, Agreste, Meio-Norte e Sertão. Foi a porta de entrada dos exploradores portugueses, que iniciaram suas atividades agrícolas em 1530, com o cultivo e beneficiamento da cana-de-açúcar e, depois, do cacau. Os derivados da cana e do cacau tornaram-se produtos disputados pelo mercado europeu.

As cidades históricas da região Nordeste, com seus monumentos e edifícios que remontam à época colonial, são um testemunho da história do país e contexto de forte atrativo turístico. Entre as capitais nordestinas, São Luís (MA) é a única cidade brasileira fundada pelos franceses, depois dominada pelos holandeses e, por último, reintegrada pelos portugueses. Assim, São Luís foi erguida com forma arquitetônica de três povos. Recife (PE) guarda particularidades históricas de ter sido a sede do governo holandês, no Brasil, e da

colonização portuguesa. Salvador (BA), com sua arquitetura estilo colonial, é referência como centro da cultura africana no Brasil e, historicamente, como a primeira sede do governo português entre 1549 e 1763.

Apresentamos no Quadro 8, os nove estados e capitais que compõem a Região Nordeste, bem como a extensão e a população de cada estado.

Quadro 8 - Dados geográficos da região Nordeste.

Estados	Mara-nhão (MA)	Piauí (PI)	Ceará (CE)	Rio Grande do Norte (RN)	Paraíba (PB)	Pernambuco (PE)	Alagoas (AL)	Sergipe (SE)	Bahia (BA)
Capitais	São Luís	Teresina	Fortaleza	Natal	João Pessoa	Recife	Maceió	Aracaju	Salvador
Extensão	331.983 Km ²	251.529 Km ²	148.826 Km ²	52.797 Km ²	56.585 Km ²	98.312 Km ²	27.768 Km ²	21.910 Km ²	567.295 Km ²
População *	7.114.598	3.281.480	9.187.103	3.534.165	4.039.277	9.616.621	3.351.543	2.318.822	14.930.634

Fonte: IBGE (2020). Nota: *População estimada em 2020.

A região Nordeste constitui-se também de um amplo e diversificado repertório cultural. Com heranças do período colonial, muitas manifestações retratam a vida dura do sertanejo, o homem do sertão, ou a luta pela sobrevivência no passado escravista. Como parte do repertório cultural, tem-se nessa região as manifestações folclóricas, que se originou da mistura dos povos que ocuparam o nordeste brasileiro: indígenas, africanos e portugueses.

É também promissora em produção literária, com destaque para os gêneros poema, romance e cordel. A maioria dos autores renomados da literatura brasileira são filhos do Nordeste. Dentre os mais renomados, podemos destacar Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Ferreira Gullar, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Patativa do Assaré, entre outros.

Da miscigenação dos povos que ocuparam ou passaram pela Região Nordeste desenvolveu-se um riquíssimo repertório linguístico, o qual contribuiu efetivamente para a formação do Português Brasileiro. Os contatos linguísticos e culturais estabelecidos entre os povos europeus, indígenas e africanos contribuíram para a formação de um amplo acervo lexical, assim como para o surgimento e consolidação de um vasto estilo de variação linguística que são manifestados pelos falares do povo nordestino. A variação linguística manifestada pelos falantes nordestinos configura-se como a característica de maior distinção em relação às outras regiões.

Nessa região, há contribuições de estudos sociolinguístico sobre o *nós* e *a gente* no Português Brasileiro. Até o ano de 2015, segundo Vianna e Lopes, contava-se com

investigações realizadas em Salvador e o recôncavo baiano, João Pessoa e São Luís do Maranhão.

Na Bahia, as pesquisas sobre esse fenômeno foram realizadas por Álbán e Freitas (1991), Lopes (1993), Mendes (2007), Monteiro (1994). A pesquisadora Lopes (1993) realizou estudo na cidade de Salvador. Já Álbán e Freitas (1991) e Monteiro (1994) analisaram a variação “nós” e “a gente” na fala culta soteropolitana, tendo por base dados do Projeto Nurc/Salvador.

O trabalho de Mendes (2007), intitulado “O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no Português popular do interior da Bahia”, buscou observar a fala popular no interior da Bahia. Essa autora utilizou um *corpus* constituído por 24 entrevistas realizadas com pessoas naturais da sede e/ou zona rural do município. O que chamou atenção nesse trabalho foi que, em termo de frequência geral de uso, a autora observou que, num total de 1.970 dados de referência à primeira pessoa do plural, a forma *a gente* é a estratégia preferencial de uso, ocorrendo em 93% dos casos.

Dentre os fatores sociais da amostra de Mendes (2007), chama a atenção o não predomínio de *a gente* na fala dos jovens, bem como a alta produtividade entre os falantes de meia-idade. Outro fator importante a se destacar na pesquisa de Mendes (2017) é o predomínio de *a gente* na sede do município, ao contrário da zona rural, que preferiram o uso conservador da variante *nós*, sobretudo, os indivíduos que sempre permaneceram no município. O resultado reflete, segundo a autora, um processo de mudança em curso que vem de fora, trazido pelos falantes que têm mais contato com os grandes centros urbanos ou na fala dos que estão mais expostos aos meios de comunicação de massa.

Também referente ao Nordeste, na Paraíba, Fernandes (1997; 2004) contribuiu para o entendimento da variação de *nós/a gente*, primeiro estudo com dados de fala de indivíduos naturais de João Pessoa, entrevistas do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Das 2.739 ocorrências de *nós* e *a gente* em posição de sujeito, 79% foram para a variante *a gente*, contra 21% de ocorrências para o pronome *nós*.

Em São Luís Maranhão, há o trabalho de Ramos *et al.* (2007), intitulado “Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância “nós/ a gente” no Português do Maranhão”, uma variedade pouco descrita nesse estado, por isso, a importância do seu registro nessa região. As coletas de dados foram realizadas durante o ano de 1996 e, o resultado desse estudo observou que o pronome *nós* com um grau elevado de inclusão do eu e [- indeterminado], e a variante *a gente* se manifestou com um grau mínimo de inclusão do eu e [+indeterminado].

Portanto, no Nordeste, conta-se com importantes contribuições dos estudos realizados por cada um desses pesquisadores, que tiveram o objetivo de descrever o uso de *nós e a gente* nessa região, esses registros de fato contribuíram para o preenchimento das lacunas em termos de estudos sobre esse espaço geográfico brasileiro.

Região Centro-Oeste

A região Centro-Oeste possui uma área de 1.606.399.509 km², correspondendo a 18,86 % do território nacional. Apesar de ser a segunda maior região do país em extensão territorial, é a segunda menos populosa. Entre as cinco regiões, é a única que não é banhada pelo mar. Faz fronteira com dois países sul-americanos, Bolívia e Paraguai. Sua posição central é a única que permite ligação de fronteira com todas as outras regiões brasileiras. Ela sedia a capital do país, Brasília, e possui a maior planície úmida do mundo, o pantanal mato-grossense.

No Quadro 9, a seguir, apresentam-se os três estados da região Centro-Oeste, suas capitais, o Distrito Federal, bem como as extensões territoriais e populações dos estados.

Quadro 9 - Dados geográficos da região Centro-Oeste.

Estados e Distrito	Mato Grosso (MT)	Mato Grosso do Sul (MS)	Goiás (GO)	Distrito Federal (DF)
Capitais	Cuiabá	Campo Grande	Goiânia	Brasília
Extensão	903.357 km ²	357.125 km ²	340.086 km ²	5.802 km ²
População*	3.526.220	2. 809 394	7.113.540	3.055.149

Fonte: IBGE (2020). Nota: *População estimada em 2020.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, com o objetivo de descobrir ouro e pedras preciosas, os bandeirantes, partindo da vila de São Paulo, iniciaram a ocupação da região Centro-Oeste, que antes era uma área praticamente esquecida pelos colonizadores. A descoberta desses minerais potencializou a instalação dos primeiros núcleos urbanos da região, como as cidades de Goiás (GO) e Cuiabá (MT).

Nas primeiras décadas do século XX, houve um aumento significativo do processo de ocupação da região e da criação de novos centros urbanos de pequeno porte. O crescimento da região também foi fundamentado no incentivo governamental em nível federal e estadual, como a instalação de colônias de povoamento. A criação de duas cidades planejadas ao longo do século XX, Goiânia em 1933 e Brasília em 1960, contribuiu também para o desenvolvimento econômico e demográfico da região.

A região Centro-Oeste recebeu influências das diferentes matrizes culturais que formaram a população brasileira. As danças e manifestações artísticas são de preferências de todas as comunidades. Elas apresentam elementos portugueses e indígenas.

Com a investida dos bandeirantes paulistas, nos séculos XVII e XVIII, em busca de ouro e pedras preciosas, a região Centro-Oeste tornou-se território de novos arranjos culturais e linguísticos. Os bandeirantes, juntamente com os escravos afro-brasileiros, que representavam a força de trabalhos das expedições, trouxeram para o Centro-Oeste repertórios linguísticos – que, em contatos com as etnias indígenas - Goyá, Carapitanguá, Araxá, Quirixá, Xavantes, Guarani, Terenas, entre outras - formou o léxico e as variações linguísticas que se fixaram nos falares do povo da região. Dessa miscigenação linguística, surgiu o conhecido “falar caipira” manifestado predominantemente pelos falantes de Goiás e regiões interioranas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Sobre o falar de Goiás, destacamos a pesquisa de Mattos (2013), que tratou da concordância verbal estabelecida com a primeira pessoa do plural, mais voltado para a concordância de *nós* com verbos na terceira pessoa do singular, como por exemplo: *o nós vai*.

A pesquisa de Mattos (2013) estende-se a mais cidades de Goiás, contemplando, a capital do estado, Goiânia, e os municípios de Goianópolis, Anápolis, Ceres, Cromínia, Piracanjuba, Formosa, Pirinópolis, entre outros. O foco de investigação dessa autora foi a concordância verbal estabelecida com a primeira pessoa do plural. Com esse estudo, Mattos (2013) ofereceu um panorama da variação entre essas formas em Goiás, obtendo resultados que mostraram uma produtividade de 77% de dados para o *a gente* e 23% de ocorrências para o *nós*.

Muniz (2007) faz um estudo comparativo entre a zona rural e a urbana e encontra resultados interessantes, com base na observação de 21 indivíduos. Enquanto em Goiânia se verifica um comportamento bastante paralelo, conforme o que já foi observado em algumas capitais brasileiras, com percentuais 69% para o *a gente* e 31% para o *nós*. Ao contrário do observado em Jaraguá, que apresentou um comportamento mais conservador, e a forma inovadora se encontra em um estágio menos avançado sobre a sua implementação, com 43% de uso.

Em relação à descrição de *nós* e *a gente* nessa região, ainda são poucos os registros sobre esse fenômeno. Até o momento da publicação do artigo sobre o mapeamento de *nós* e *a gente*, ocorrido em 2015, por Vianna e Lopes, havia o trabalho de Mattos (2013), que focalizava localidades em diferentes pontos de Goiás e o trabalho de Muniz (2007) que faz uma comparação entre a comunidade rural (Jaraguá) a um centro urbano (Goiânia). Os outros

estados dessa região não contam com a descrição desse fenômeno. Conforme observado, na região Centro-Oeste, apenas essas duas pesquisas foram registradas, carecendo de mais trabalhos descritivos da variação de *nós* e *a gente* nessa região.

Região Sudeste

A região Sudeste possui extensão territorial de 924.511,3 km² e é formada pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Apesar de ser a segunda menor do Brasil, detém a maior concentração populacional. Conforme dados do Censo Demográfico previstos em 2020, realizado pelo IBGE, totaliza 86.400.000 habitantes, com densidade demográfica de aproximadamente 93 habitantes por quilômetro quadrado. É a região mais populosa do Brasil, com mais de 90% da população morando em áreas urbanas. Além disso, seus índices econômicos são altos, assim como a taxa de industrialização. Foi, no século XX que o território atraiu mais migrantes em busca de melhores condições de vida.

Apresentamos, no Quadro 10, os quatro estados da Região Sudeste e suas capitais:

Quadro 10 - Dados geográficos da região Sudeste.

Estados	São Paulo	Rio de Janeiro	Minas Gerais	Espírito Santo
Capitais	São Paulo	Rio de Janeiro	Belo Horizonte	Vitória
Extensão	1521.202 km ²	1.200,329 km ²	331,354 km ²	97.123 km ²
População	12.396.372	6.775.561	2.530.701	369.534

Fonte: Elaboração própria (2022).

Uma das motivações para o início da ocupação do sudeste brasileiro foi a descoberta do ouro na região, no século XVII, por volta de 1690, assim como de outras pedras preciosas, como o diamante. Tais minérios foram encontrados, a princípio, em Minas Gerais, o que deu início a vários povoados que, posteriormente, transformaram-se em grandes cidades. O interesse nas pedras preciosas era tão grande que atraía inúmeros migrantes no século XVIII. Devido a esse e a outros fatores, como o declínio Nordeste, o governo português decidiu, em 1763, transferir a capital de Salvador para o Rio de Janeiro.

No final do século XIX, a população do Sudeste era quase toda formada por descendentes de portugueses, indígenas e por negros escravizados que trabalhavam, em sua maior parte, nas fazendas e nos serviços domésticos. A presença indígena era tão forte que, até o século XIX, a língua mais falada na província de São Paulo era a língua geral, uma mistura do Tupi e outras línguas indígenas com o Português.

Com a abolição da escravidão, em 1888, e a forte imigração de nordestinos e europeus, o Sudeste concentrou um alto contingente populacional e vasta mão de obra, além de capital oriundo do café para o desenvolvimento de atividades industriais. Esses fatos propiciaram o início da industrialização brasileira na região, sendo atualmente a mais industrializada do país.

O desenvolvimento econômico da Região Sudeste teve forte influência nas decisões das políticas linguísticas implementadas na região. Em meados do século XVIII, quando Portugal percebeu que havia, no Brasil, um movimento ativo que defendia a língua Tupi ou língua geral como oficial do Brasil, houve reação imediata da coroa portuguesa, designando Marquês de Pombal para impedir, através de Decreto, os Jesuítas de catequizar os indígenas por meio da língua geral e, conseqüentemente, abolir a possibilidade de oficializar o Tupi como língua nacional. Com a transferência da capital federal de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, a região Sudeste tornou-se o centro de imposição Língua Portuguesa como língua oficial nacional. Mesmo assim, a influência do Tupi permanece viva como parte da formação do léxico do Português Brasileiro.

Com a forte migração para o Sudeste nos séculos passados, vieram manifestações culturais de diversos povos: da cultura indígenas, da cultura africana, da cultura europeia e da cultura asiática.

Diferentemente das regiões do Norte e Centro-Oeste, que têm poucos os trabalhos descritivos sobre a primeira pessoa do plural, na região Sudeste, os estudos sobre esse fenômeno encontram-se mais avançados e numerosos. No Rio de Janeiro, encontramos as pesquisas de Omena (1986; 1996; 2003); Lopes (1993); Machado (1995); entre outros. Em Minas Gerais, temos os trabalhos de Maia (2003) e Rocha (2009). No estado de Espírito Santo, temos o estudo de Mendonça (2010). No estado de São Paulo, pode-se mencionar o trabalho de Menon (1994), realizado na capital, e o trabalho de Rubio (2012) realizado no interior de São Paulo. Tendo em vista que as informações relativas às pesquisas realizadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo já foram apresentadas na seção 2.4. No próximo parágrafo, apresentamos os resultados das pesquisas realizadas em Minas Gerais e Espírito Santo.

A pesquisa de Maia (2003) sobre a alternância entre *nós* e *a gente* no dialeto mineiro, foi realizada na capital do estado, Belo Horizonte. Nos dois *corpora* contemplam indivíduos com pouca escolaridade ou são analfabetos. A autora escolheu duas comunidades linguísticas da zona rural (Pombal/Mariana), com o objetivo de confrontar com os dados oriundos de uma comunidade urbana, para verificar o estágio da variação de *nós* e *a gente*. Os resultados mostraram que a variante inovadora (*a gente*) é mais usada em Belo Horizonte, apresentando

o peso relativo (0.67), do que entre os falantes de Pombal (PR 0.32). Dessa forma, constata-se que acerca do tempo de implementação da mudança em zonas rurais, “as comunidades rurais apresentam ritmo de tempo mais lento” em direção à incorporação da mudança (MAIA, 2003, p. 53). Logo, o espaço urbano favoreceu a implementação da forma inovadora, ao contrário, a zona rural tende a retardar o processo de substituição do pronome *nós* por *a gente*.

O estudo de Mendonça (2010), intitulado “Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba” extrai as entrevistas do banco de dados do Projeto do Português Falado em Vitória (PortVix). Nele, Mendonça (2010) constatou que, dos 1.745 dados de referência à primeira pessoa do singular, os falantes nativos de Vitória (Espírito Santo) preferem a variante *a gente*, apresentando o percentual de 71% e o pronome *nós* ocorreu em menor incidência, com percentual de 29%.

Nessa região, foram realizadas pesquisas de *nós* e *a gente* nos quatro estados. Isso significa dizer que, em relação ao estudo desse fenômeno, a região Sudeste encontra-se bem à frente, diferente das regiões mostradas anteriormente que ainda carecem de avançar nas descrições desse objeto. Conforme já mencionamos, nas seções iniciais deste estudo, Omena (1986; 1996; 2003) foi a pioneira na investigação dos pronomes *nós* e *a gente*, com pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, estado pertencente a essa região.

Região Sul

A região Sul do Brasil ocupa uma área de 576.774.310 km², o que corresponde a 6,76% do território brasileiro. É a menor das regiões do país e a única das regiões fora da zona intertropical. Faz fronteira com o Uruguai, Argentina e Paraguai. Seu povoamento foi marcado pela presença de imigrantes europeus, entre eles, italianos, alemães, poloneses e ucranianos, que deixaram marcas de suas culturas, notadamente na arquitetura, na culinária e nas danças da região. Apresentamos, no Quadro 11, os três estados da Região Sul e suas capitais:

Quadro 11 – Dados geográficos da região Sul.

Estados	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
Capitais	Curitiba	Florianópolis	Porto Alegre
Extensão	199.315 km ²	95.346 km ²	281.748 km ²
População	11.516.840	7.252.502	11.422.973

Fonte: Elaboração própria (2023).

O momento culminante de povoamento da região Sul ocorreu a partir de meados do século XVIII, com a ocupação dos portugueses e dos luso-brasileiros. Por volta de 1750, as Missões Jesuítas começaram a formar as cidades de São Borja, Santo Ângelo, São Miguel das Missões e São Nicolau, São Luís do Gonzaga, entre outras. A necessidade de abastecimento de couro e carne da região das Minas Gerais incentivou o deslocamento de paulistas em busca do gado selvagem que vivia solto nos estados do Sul. No início do século XIX, as áreas campestres da atual região Sul estavam ocupadas por criadores de gado, migrantes de origem paulista e imigrantes açorianos, atraídos pela concessão de terras nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Na esfera cultural, a influência dos imigrantes ainda é percebida na arquitetura, na alimentação, nas festas típicas e no modo de produção. Em Blumenau, Estado de Santa Catarina, ocorre uma das principais festas germânicas fora da Alemanha: a *Oktoberfest*, um festival de cerveja originado em Munique. No Rio Grande do Sul, acontece o Festival de Gramado, que há mais de quatro décadas reúne os principais nomes do circuito do cinema sul-americano. A rede hoteleira na Serra Gaúcha mantém a tradição dos cafés coloniais, tão típico nas famílias do Sul. A alimentação está entre as marcas da cultura local, com múltiplas influências. Há a polenta e a ministra, da Itália; a cuca e schmier, trazidas pelos alemães, bem como a bebida mais tradicional da região, o chimarrão.

Em função disso tudo, o repertório dialetal e lexical construído pelo povo sulista se constituiu de um amplo arranjo histórico, econômico, político, cultural e linguístico herdado dos povos que ocuparam a região. Como a região foi primeiramente ocupada pelos povos indígenas: carijós, guaranis e kaigangs, depois pelos portugueses, a partir do século XVI e, a partir de meados do século XVIII, pelos luso-brasileiros e por povos europeus, como os alemães, os italianos, os poloneses, os eslavos, os polacos e os ucranianos, parte do acervo linguístico que compõe o atual léxico da Língua Portuguesa nessa região é proveniente da miscigenação linguística de todos esses povos que ali se estabeleceram.

No intuito de registrar aqui trabalhos no âmbito dos estudos da primeira pessoa do plural nessa região, destacamos, primeiro que, neste espaço geográfico brasileiro, as pesquisas científicas têm sido bastante produtivas, sobretudo, em função da força do Projeto Varsul (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil). Com os dados do Projeto Varsul-Santa Catarina, há registros dos trabalhos de Seara (2000) e Laureano (2003), em Florianópolis, e o de Tamanine (2002), nas cidades catarinenses de Blumenau, Chapecó e Lages. Além desses, há registro do trabalho de Silva (2002), realizado em Blumenau, sobre a referenciação com as formas *nós* e *a gente*.

Com os dados do Projeto Varsul-Paraná, podemos mencionar os estudos de Borba (1993) e Tamanine (2010), ambos realizados em Curitiba. Pertencente às amostras do Varsul-Rio Grande do Sul, registramos aqui o trabalho de Zilles (2002), realizado em Porto Alegre.

Levando em consideração a grande quantidade de trabalhos realizados nessa região sobre o *nós* e *a gente*, comentaremos o trabalho de Seara (2000), o qual focaliza os falantes da capital Florianópolis, e o de Zilles (2002), cujo foco recai sobre os falantes da capital Porto Alegre.

No estudo de Seara (2002), realizado em Florianópolis, foi utilizado um total de 12 entrevistas a fim de se analisar a alternância entre *nós* e *a gente*. Os resultados dessa pesquisa mostraram a produtividade geral das formas de 72% para o uso de *a gente*, contra 28% para o pronome *nós*. Comparando esses percentuais com os da pesquisa realizada por Omena e Braga (1996) no Rio de Janeiro, entre entrevistados adultos, constatou-se resultados bem próximos entre as duas pesquisas, com percentuais entre 69% e 70% de uso para a variante *a gente*.

A pesquisa de Zilles (2002), realizada na capital Porto Alegre, com 33 entrevistados, representou quatro níveis de escolarização (primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, ensino médio e superior). Nesse estudo, foi obtido um total de 1.483 ocorrências para o uso da primeira pessoa do plural e a variante *a gente* ocorreu em 70% dos casos. Comparando esse percentual com os de outras capitais já comentadas, nota-se que o resultado da pesquisa de Omena (1986) realizada no Rio de Janeiro é bastante semelhante, já que foi constatado 69% de uso para o *a gente* em Florianópolis, estudo realizado por Seara (2002), e em Vitória, por Mendonça (2010), nesses, o percentual de uso para o *a gente* foi de 70%, resultado igual ao de Porto Alegre.

Na amostra das regiões aqui analisadas, podemos perceber o uso mais produtivo da variante *a gente*, entretanto, há uma alternância entre as duas formas pronominais, com índice menor para o uso da variante *nós*. Embora haja tendências gerais de mudanças linguísticas, essas tendências podem estar acontecendo mais em um determinado dialeto de uma determinada região ou capital que em outra, apresentando percentuais diferenciados. O percentual observado mostra a relevância do fator dialetal (espacial) em relação aos demais fatores (sociais e linguísticos), pois cada região e capital pode apresentar diferentes índices percentuais de uso desse fenômeno.

3.3 O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) teve por objetivo realizar um Atlas Linguístico Geral do Brasil, no que se refere à Língua Portuguesa, considerando uma antiga aspiração de linguistas e dialectólogos brasileiros que, na metade do século XX, já se empenharam na sua realização. Todavia, por diversas razões, esse feito não se concretizou. Após, muitos estudos realizados, atlas elaborados e publicados, cursos, apresentações em Congressos no Brasil e fora daqui, estabeleceram passos firmes e seguros para que, finalmente, depois de mais de 50 anos da emissão do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, regulamentado pela Portaria nº 536, de maio desse mesmo ano, fossem iniciadas as pesquisas para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Desse modo, o projeto de caráter nacional e de natureza interinstitucional, congregou 17 instituições que, por iniciativa da Universidade Federal da Bahia, firmaram entre si um convênio de apoio ao Projeto ALiB. Por motivo de amplitude, foram organizados subprojetos integrados para serem concluídos, cada um a seu tempo.

Assim, segundo Cardoso (2012) o Projeto desenvolveu-se em etapas, que, de fato, se constituem em subprojetos. Na primeira etapa, houve a concepção do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – e a definição da metodologia (1996-2002). A partir desse momento, segundo Cardoso, foi

criado um para coordená-lo, o trabalho ganha corpo com (i) a elaboração de um detalhado projeto, contendo um breve histórico da Geolinguística no Brasil e a justificativa para a empreitada; (ii) a definição dos princípios metodológicos a serem seguidos e (iii) o estabelecimento de um cronograma de trabalho. Fixaram-se, assim, a rede de pontos, o perfil e número de informantes e o instrumento básico de trabalho – os questionários –, trabalho que exigiu uma interface com outras áreas do conhecimento organizado, como a história, a demografia, a geografia e os estudos sociais, em geral. Os questionários, em três versões sucessivas – todas elas publicadas sob os auspícios da Universidade Estadual de Londrina (UEL) –, foram testados, cada versão a seu tempo e em diferentes regiões do país, o que permitiu o aprimoramento desse instrumento, fundamental à coleta de dados, e a preparação da versão final, publicada em 2001, também pela UEL, e utilizada nacionalmente, versão esta que tem sido alvo de consulta e de uso por pesquisadores da área e em diferentes projetos, particularmente de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado (CARDOSO, 2012, p. 500).

Na segunda etapa, foi realizada a constituição do *corpus* e a transcrição dos dados (2001-2010) que, segundo Cardoso,

constitui-se, na verdade, de duas ações distintas: a primeira, que vai compreender o registro de dados de todas as capitais brasileiras de Estado — à exceção de Palmas e Brasília que, por serem cidades recém-criadas, não preenchem os requisitos estabelecidos pela metodologia do projeto; a segunda diz respeito à constituição do corpus resultante dos demais pontos da rede. Projeto Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO, 2012, p. 500).

Na terceira etapa, houve a transcrição e a análise dos dados (2004-2012) etapa que, pela sua própria natureza, se superpõe à anterior, pois Cardoso (2012) afirma que

vem-se desenvolvendo numa tríplice direção: (i) a transcrição grafemática dos registros, cuja definição de princípios a serem observados demandou ampla e duradoura discussão; (ii) a definição da transcrição fonética a ser observada e (iii) a continuada análise dos dados (CARDOSO, 2012, p. 500).

A quarta etapa, tratou-se da editoração dos dados e a publicação dos resultados (2005-2012). Por objetivo de divulgação dos resultados, com a apresentação de um mapeamento linguístico do Brasil, e acompanhado de comentários às cartas e da possibilidade de se ouvirem os informantes, segundo Cardoso (2012), o Projeto ALiB vem caminhando solidamente e afirmou-se como um projeto estruturado, definido na letra de sua formulação, mas, principalmente, acolhido e respeitado pela comunidade científica. Dessa forma:

Definiu a sua metodologia. Criaram-se os parâmetros de seu funcionamento: os critérios para estabelecimento da rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários a serem aplicados. • Estruturou-se como trabalho de caráter nacional, dirigido por um comitê constituído com a representação de dez universidades brasileiras, e tem alargado o comprometimento de instituições com a sua realização, com a assinatura de um convênio inter-universidades. • Tem mantido coordenado o trabalho desenvolvido com a realização de reuniões nacionais do Comitê Nacional que o dirige. • Tem assegurado a formação do seu corpo de inquiridores e auxiliares de pesquisa de campo com a realização de workshops, encontros que têm cumprido, além da função para a qual prioritariamente são programados, uma outra de relevância para os estudos dialetais no Brasil: têm estimulado equipes estaduais e regionais a desenvolverem pesquisas no campo da Geolinguística (CARDOSO, 2012, p. 502).

Portanto, Cardoso (2012) conclui que o Projeto ALiB responde a uma necessidade inadiável de descrição do Português do Brasil, de reconhecimento de áreas dialetais brasileiras e se apresenta como instrumento auxiliar no entendimento da história linguística do Brasil e no processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

O Comitê Nacional para a elaboração do Projeto ALiB foi constituído, no início, por seis professores, tais como: Suzana Cardoso - da Universidade Federal da Bahia, Maria do

Socorro Aragão - da Universidade Federal do Ceará, Vanderci Aguilera - da Universidade Estadual de Londrina, Mário Roberto Zágari - da Universidade Federal de Juiz de Fora, Walter Koch - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Jacyra Mota - da Universidade Federal da Bahia. Atualmente, com algumas modificações e saída de alguns pesquisadores, conta com mais quatro membros: Adelhak Razky - da Universidade Federal do Pará, Aparecida Negri Esquerdo - da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Cléo Wilson Atenhofen - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Ana Paula Antunes Rocha - da Universidade Federal de Ouro Preto.

O Comitê organiza reuniões sistematicamente, com o objetivo de traçar as diretrizes, métodos e técnicas a serem utilizadas e para treinamento dos pesquisadores. Para esse fim, foram criados os Workshops, denominados por WorkALiB. Durante os encontros, são discutidos a respeito de metodologia do trabalho, avaliação e o andamento do Projeto, divulgação e compartilhamento dos trabalhos realizados pelas equipes regionais, apresentações e discussões dos resultados de análises parciais que fazem uso do *corpus* do Projeto, organização e publicação dos volumes do Projeto ALiB e da série Documentos, dentre outros objetivos. Desde a criação do Projeto já foram realizadas 14 edições do WorkALiB, o último foi realizado no ano de 2019, na Universidade Estadual de Londrina, no Paraná.

3.3.1 Objetivos

Os objetivos do Projeto ALiB apresentam-se como gerais e específicos, segundo Aragão (2020), os objetivos gerais consistiram em:

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxicosemânticas), consideradas na perspectiva da Geolinguística pluridimensional;
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (História, Antropologia, Sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o 1º e 2º graus, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil (ARAGÃO, 2020, p. 143-144).

Já os objetivos específicos compreenderam:

• Descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional; • Estabelecer isoglossas, com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados; • Registrar, com base na análise em tempo aparente, processos de mudança; • Identificar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas com vistas a estudar as suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna; • Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia —, com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil; • Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um imenso volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes que enformam a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio da variante culta; 147 • Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (ARAGÃO, 2020, p. 143-144).

A presente tese está ligada aos objetivos do Projeto ALiB, ao propor a descrição e análise morfossintática do uso de *nós* e *a gente* no PB, levando em consideração as diferentes dimensões de variação, a fim de contribuir com os estudos sobre esse fenômeno no Brasil.

3.3.2 Aspectos gerais

Em relação à apresentação de dados linguísticos, o Projeto ALiB pretende inserir-se entre os atlas mais modernos, fornecendo, como os chamados atlas de segunda geração, além das cartas linguísticas propriamente ditas, estudos interpretativos sobre alguns dos aspectos cartografados.

Além disso, seguindo a tendência contemporânea, acrescentar aos dados cartografados informações de natureza acústica que permitam o acesso direto à voz do próprio informante, em sincronização com a indicação do ponto onde ele se situa, ou exibição, via Internet, de cartas e localização de pontos de inquérito e respectivas ocorrências registradas, como nos denominados atlas de terceira geração.

Relativamente às características gerais do Projeto ALiB, considera-se relevante destacar três aspectos metodológicos importantes para uma pesquisa de natureza geolinguística, tais como: a rede de pontos, os colaboradores e o inquérito linguístico aplicado, conforme Cardoso (2010, p. 89): “A pesquisa de cunho dialetal se fundamenta em um tripé básico: a rede 148 de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos variados”.

3.3.2.1 A rede de pontos

Com o objetivo de documentar os diferentes usos do Português em todo o território nacional, o Projeto ALiB recobre uma rede de 250 localidades, com um total de 1.100 informantes, dos dois gêneros, distribuídas por diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Mostramos a seguir, na Figura 6, a Carta Base do ALiB com a Rede de Ponto das capitais.

Figura 6 – Rede de pontos das capitais do Projeto ALiB.



Fonte: ALiB (2001).

3.3.2.2 Os informantes

Como preconiza a metodologia do ALiB, em relação ao perfil dos informantes, procura-se atender a questões espaciais, por isso, são entrevistados filhos da localidade pesquisada e de pais também da área. Além da dimensão espacial, inclui-se ainda, o controle de variáveis sociais, relacionadas à idade, o sexo e à escolaridade. O número total atinge cerca de 1100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias - 18 a 30 anos e 50 a 65 anos - e contemplando os dois sexos (ALiB, 2001).

Procedendo à apresentação do perfil dos informantes estratificados pelo Projeto ALiB, nas capitais de estado, são acrescentados mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental, salvo o que já se disse de referência às capitais, e possuidores de uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local (ALiB, 2001).

Na metodologia, está especificada a impossibilidade de se documentarem três diferentes faixas etárias, pelo fato de acarretar um aumento de custos, portanto, optou-se pelo registro de informantes de faixas mais distanciadas. Tal opção procura atender às possibilidades de melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e das mudanças linguísticas (ALiB, 2001).

Para esse estudo, foram avaliados dados de 25 localidades que constituem as capitais e as cinco regiões da rede de pontos do Projeto ALiB, totalizando um *corpus* de 200 informantes. A análise foi realizada com base em fatores internos e externos, para isso, foram levantados e estudados todos os contextos em que ocorrem as variantes *nós* e *a gente* de todo o questionário do referido projeto. No quadro 12, apresentamos a estratificação dos informantes, o sexo, a faixa etária e a escolaridade.

Quadro 12 - Estratificação dos informantes em sexo, faixa etária e escolaridade.

INFORMANTE	SEXO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
1	Masculino	18 a 30 anos	Ensino Fundamental
2	Feminino	18 a 30 anos	
3	Masculino	50 a 65 anos	
4	Feminino	50 a 65 anos	
5	Masculino	18 a 30 anos	Universitário
6	Feminino	18 a 30 anos	
7	Masculino	50 a 65 anos	
8	Feminino	50 a 65 anos	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 13 - Regiões e capitais brasileiras.

NORTE	NORDESTE	SUL	SUDESTE	CENTRO-OESTE
Belém	Aracaju	Curitiba	Belo Horizonte	Campo Grande
Boa Vista	Fortaleza	Florianópolis	Rio de Janeiro	Cuiabá
Macapá	João Pessoa	Porto Alegre	São Paulo	Goiania
Manaus	Maceió		Vitória	
Porto Velho	Natal			
Rio Branco	Recife			
	Salvador			
	São Luis			
	Teresina			

Fonte: Elaboração própria (2023).

Assim, consistiu-se em uma amostra formada por 200 falantes, estratificados de acordo com as seguintes variáveis sociais: sexo (masculino, feminino); nível de escolaridade (fundamental, universitário) e faixa etária (I - de 18 a 30 anos, II - de 50 a 65 anos). Foram utilizadas QFF, QSL, QMS e as respostas referentes à questão de nº. 26 do Questionário Morfossintático (QMS) das capitais brasileiras.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, descrevendo o passo a passo necessário para a execução desta investigação. Para tanto, especificaremos o *corpus* da pesquisa, de onde provém a amostra utilizada na análise, o tratamento dos dados, os procedimentos para a análise geossociolinguística e os critérios adotados para a classificação, análise e apresentação dos resultados.

4.1 O *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 200 entrevistas do ALiB, correspondentes aos inquéritos das 25 capitais brasileiras. Cada entrevista – que resulta da aplicação dos questionários Fonético-Fonológico, Semântico-Lexical, Morfossintático, além das questões pragmáticas, dos temas para discurso semidirigido e das perguntas metalinguísticas – tem, em média, 3h30min de duração de fala contínua, totalizando o *corpus* aqui utilizado em cerca de 700h de fala contínua.

No QMS do Projeto, há uma questão específica para tratar do uso de *nós* e *a gente* (questão 26), a saber: “O que vocês fazem no final de semana?”. Entretanto, para não limitar a pesquisa somente a essa questão e a respostas a questionários, decidimos por ouvir as entrevistas na íntegra, a fim de alcançar uma análise do uso de *nós* e *a gente*, na fala dos entrevistados, a mais completa possível.

4.2 VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES

4.2.1 A variável dependente

A variável dependente desta pesquisa apresenta caráter binário e consiste na variação de *nós* e *a gente*, conforme exemplificadas, do 1 ao 7 - uso de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras.

(1) INQ.- Ele é compridinho, tem a asa bem comprida também, transparente, ele bate assim na água, ele vai voando e vai batendo assim na água, ele é de beira de rio.

INF. Tem um que **nós chamamo** aqui - Martin-pescador, bate com o peito assim, tipo um passarinho (M13C).

(2) INQ.- Então vou mudar, como é que vocês chama aqui um homem que é contratado pra trabalhar na terra de outra pessoa?

INF.- ... Num é, assim...

INQ.- É, sai daqui e vai pra fazenda trabalhar.

INF.-**Nós chama** de pião esse aí (M13C).

(3) INQ.- E como é que você chama aquilo que sai a luz assim, que a gente usa pra acender a luz?

INF.- É, tomada.

INQ.- Tomada mas é...

INF. - Bocal, **a gente chama** aqui de bocal (M13C).

(4) INQ.- E um bichinho branquinho, enrugadinho que dá na goiaba, como é que vocês chamam aqui?

INF. **Nós fala** bicho de goiaba, um bichinho assim branco assim.

(5) INQ. - E antigamente vocês falavam diferente?

INF. - Não, aqui **nós** sempre **falamo** desse jeito memo (M13C).

(6) INQ. - Que nome se dá a uma pessoa que fica assim furiosa, fica agressiva e às vezes a gente até tem que internar num hospício.

INF.- Aqui **a gente fala** que tá brabo (M13C).

(7) INQ. - Em outros lugares do Brasil você acha que fala diferente?

INF. Tem o sotaque que é diferente **da gente** (M13C). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

Os exemplos apresentados do número 1 ao 7 mostram o *nós* com a desinência MOS e desinência ZERO, o *a gente* com flexão verbal na terceira pessoa do singular.

4.2.2 As variáveis independentes

Nesta pesquisa, as variáveis independentes que compõem um conjunto de fatores extralinguísticos (diastráticos e diatópicos) e de fatores linguísticos (estruturais).

A leitura dos trabalhos já realizados sobre a variação de *nós* e *a gente* foi muito importante para nos orientar na seleção dos grupos de fatores, especialmente, dos linguísticos. A seguir, descreveremos cada grupo de fatores, começando pelos extralinguísticos.

4.2.2.1 Variáveis extralinguísticas

As variáveis externas ao sistema linguístico constituem-se de um conjunto de fatores relacionados a comunidade e podem pertencer à esfera espacial e social. Nesta pesquisa, a primeira, está relacionada à localidade (capitais e regiões), a segunda, aos aspectos sociais (a escolaridade, sexo e faixa etária). Esses fatores podem exercer influência, em maior ou menor

grau, nos fenômenos linguísticos, que se mostram sensíveis a eles. Os grupos de fatores considerados para esta pesquisa serão apresentados a seguir.

4.2.2.1.1 Regiões

O espaço geográfico evidencia a peculiaridade de cada lugar, retratando a variedade que a língua em uso assume de uma região para outra, de uma capital para outra, e assim por diante. As variáveis geográficas controladas para a realização da análise da variação de *nós* e *a gente* estão assim especificadas: as 5 regiões brasileiras e as 25 capitais.

Nesta pesquisa, trabalhamos com as 5 regiões brasileiras, as quais constituem cinco fatores: Região Norte, Região Nordeste, Região Centro-Oeste, Região Sudeste e Região Sul.

4.2.2.1.2 Capitais

Nesta tese, trabalhamos com as capitais brasileiras (excetuando-se Palmas, no estado do Tocantins, e o Distrito Federal, Brasília. As capitais, portanto, são:

- Região Norte: Macapá (AP), Boa Vista (RO), Manaus (AM), Belém (PA), Rio Branco (AC), Porto Velho (RR).
- Região Nordeste: São Luís (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João Pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE), Salvador (BA).
- Região Centro-Oeste: Cuiabá (MT), Campo Grande (MS), Goiânia (GO).
- Região Sul: Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS).
- Região Sudeste: Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP), Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ).

4.2.2.1.3 Tempo de fundação da capital

A variável extralinguística “tempo de fundação das capitais” foi controlada por se mostrar relevante em outros estudos sobre a variação linguística no português brasileiro. Primeiramente, Callou e Silva (1997) levantaram a hipótese de que a distribuição regional do fenômeno (uso do artigo definido diante de nome próprio) pudesse apoiar as diferenças rítmicas de fala das regiões Sudeste/Sul e Norte/Nordeste. A partir dessa hipótese, as autoras consideraram que o fenômeno poderia ter uma explicação para além da questão da definitude,

o que chamou a atenção foi o fato de o artigo ser menos frequente na região de colonização mais antiga, o que revelaria um caso de conservadorismo linguístico.

Nas palavras das autoras, “quanto mais antiga a colonização, menor o percentual de uso do artigo.” (CALLOU; SILVA, 1997, p. 22). Outro trabalho sobre essa variável, que também, se mostrou relevante foi o estudo de Lima e Moraes (2019) sobre uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. Estimulados a partir dos resultados dos trabalhos mencionados, controlamos essa variável para verificar a sua produção na variação de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras.

Desse modo, definimos a variável “Tempo de fundação da Capital”, da seguinte forma:

a) Capital de fundação mais antiga (séc. XVI - XVII): Manaus, Belém, São Luís, Natal, João Pessoa, Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Florianópolis, Curitiba.

b) Capital de fundação mais recente (séc. XVIII-XX): Rio Branco, Macapá, Porto Velho, Boa Vista, Teresina, Fortaleza, Maceió, Aracaju, Belo Horizonte, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande, Porto Alegre.

4.2.2.1.4 Faixa etária

Nesta pesquisa foram controladas duas faixas etárias, que estão distribuídas equitativamente em:

- Faixa etária I: de 18 a 30 anos.

(8) INF. – **Nós saímos** para dançar, vamos pra uma cervejinha, vamos namorar um pouco...(M14AN). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

- Faixa etária II: de 50 a 65 anos.

(9) INF.– Eu e minha mulher **saímos** normalmente, eu faço uma corridazinha, quase que diariamente eu corro, e meu fim de semana se resume a isso, vou pra casa dos pais, da minha sogra com a minha família, né? E assistir televisão (M24AN). (ALiB, 2001. Grifo nosso).

4.2.2.1.5 Escolaridade

A escolaridade é um critério muito importante para a investigação sobre a variação e a mudança linguística, já que quanto maior o tempo de escolaridade do indivíduo, maior a probabilidade de sua fala aproximar-se da norma-padrão. Para a presente pesquisa, foram controlados dois níveis de escolaridades: o fundamental e o universitário.

4.2.2.1.6 Sexo

Várias pesquisas sociolinguísticas comprovam notáveis diferenças quando se usa a variável sexo como critério de análise. Uma das principais é a tendência de as mulheres obedecerem à variante da norma padrão com maior frequência do que os homens.

Na seção de análise do nosso fenômeno, responderemos aos seguintes questionamentos sobre essa variável: Como a variável sexo está se comportando em relação a essa tendência?; Quem é mais conservador os homens ou as mulheres?; e Quem usa mais o *nós* e Quem usa mais o *a gente*?. Os exemplos (10) e (11), mostram as falas de uma mulher faixa etária I, escolaridade nível fundamental, de Curitiba, região Sul e de um homem com o mesmo perfil.

(10) INQ. - Mas pra todas as caminhadas?

INF.- Não, **nós** temo uma caminha por ano que sempre **fizemo** que são quase quarenta quilometro daqui na santa que **a gente faz** a pé, uma procissão a noite a pé (F13S).

(11) INQ.- Mas, assim o que você fazia nos finais de semana, pra onde vocês iam?

INF.- **A gente ia dançar**, geralmente. **A gente só se encontrava** à noite, ou senão se **encontrava**, assim, durante o dia quando tinha alguma festinha **pra gente... pra gente ir...** Às vezes **a gente ia...** às vezes **a gente ia almoçar** junto, quando... era uma data especial. Geralmente, nos aniversário de meses assim do nosso namoro (M13S). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

4.2.2.1.7 Resposta ao questionário e ao discurso semidirigido

A variação na dimensão diafásica refere-se à variação linguística em função do gênero textual ou discursivo por exemplo: e-mail, entrevista formal, diálogo livre, questionário, relato de experiência etc (cf. LIMA; RAZKY; OLIVEIRA, 2020). Nesse sentido, controlamos essa variável para verificar se há diferença de uso de *nós* e *a gente* nas respostas ao questionário e no discurso semidirigido.

Para o presente estudo, realizamos um levantamento das ocorrências de *nós* e *a gente* em todo o inquérito do Projeto ALiB das 25 capitais. Durante as transcrições do fenômeno, observamos que as variantes *nós* e *a gente* foram usadas de forma direta para responder aos questionamentos, tais como: “*a gente* chama arco-íris” ou “*nós* chamamos banheiro”; essas respostas foram selecionadas para representar a variante “questionário”. Além disso, nas respostas aos questionários, foram encontradas, também, as variantes *nós* e *a gente* na

categoria de discursos semidirigidos, nas quais os informantes relatavam e descreviam algumas situações discursivas para exemplificar as nomeações dadas aos objetos questionados, essas ocorrências foram selecionadas para a variante “discursos semidirigidos”.

Por causa dessas situações, e para melhor codificar essa variável, foi necessário estabelecer o seguinte critério: ao codificar as ocorrências das variantes presentes no questionário, as respostas teriam de ser diretas, com até 2 linhas, passando disso, as respostas passavam a ser codificadas como discurso semidirigido. Esse critério foi definido pela quantidade de relatos durante a aplicação do questionário. Os participantes descreviam algumas situações discursivas a fim de exemplificar as nomeações dadas a determinados objetos questionados.

Nos discursos semidirigidos, os entrevistadores pediam para os falantes relatarem um acontecimento mais marcante da vida. O objetivo consistia em fazer com que os falantes relatassem as situações cotidianas de forma menos monitorada, ou seja, que falassem livremente, sem se preocupar com o estilo formal da língua; na maioria das vezes, eles usavam o seu vernáculo ao relatar temas para os discursos semidirigidos. Alguns participantes descreviam mais de uma situação cotidiana, outros apenas uma, e assim sucessivamente, por esse motivo, houve mais horas de gravação para alguns relatos, aumentando, assim, o número de ocorrências para essas situações discursivas.

4.2.2.2 Variáveis Linguísticas

As variáveis independentes linguísticas controladas para a realização da análise da variação dos pronomes *nós* e *a gente* estão assim especificadas: a) preenchimento do sujeito: explícito/implícito; b) paralelismo linguístico: não primeiro da série, primeiro da série e isolado; c) tempo verbal: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, gerúndio, infinitivo e futuro (estes três últimos foram amalgamados pelo fato de haver pouca ocorrência); d) marca morfêmica: *a gente* em P4 (morfema -mos)/*nós* (morfema -mos) e *a gente* em P3 (morfema -zero)/*nós* em P3 (morfema zero); e) função sintática: sujeito e não sujeito e f) tipo de referência: genérica e específica.

4.2.2.2.1 Preenchimento do sujeito: explícito e implícito

a) *A gente* explícito e implícito:

(13) **É, a gente vai** pra algum lo (...) sítio aí, **Ø vai** pra praia na fazendinha, **Ø comer** camarão, **Ø vai jogar** dominó com os amigos, **Ø vai** pra seresta. (SMF2). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

O exemplo (13) acima ilustra a presença do pronome *a gente*. A falante relata sobre o que costuma fazer nos finais de semana com o seu esposo. Primeiro, a falante usa o pronome *a gente* explícito e na sequência utiliza o pronome *a gente* implícito, referindo-se [eu + ele].

b) *Nós* explícito e implícito

(14) Com os amigos é reunir na igreja, **Ø fazemos** isso depois das nossas obrigações né? Conversar muito mais a respeito da paróquia, da comunidade (...) café, cafezinho, é pizza, alguma coisa que sempre **nós temos** lá a servir dentro da nossa cantina lá, da nossa lanchonete, nas mesas lá, sentar, conversar com nossos irmãos. (BM23). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

O exemplo (14) ilustra a presença do pronome *nós*, quando o falante relata sobre o que costuma fazer nos finais de semana com seus amigos e irmãos de igreja. Primeiro, ele usa o pronome *nós* implícito, que é detectado pela desinência verbal *-mos* e, na sequência, utiliza o pronome *nós* explícito, referindo-se [eu + eles].

4.2.2.2.2 Paralelismo linguístico

Categorizamos como paralelismo linguístico a tendência de o participante da pesquisa repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva, o que significa considerar que a presença de uma determinada variante é diretamente proporcional à sua presença em dado posterior. Exemplo: se um ou mais dados da primeira pessoa do plural são precedidos da variante *a gente*, os dados seguintes tendem a ser da forma *a gente*. Isso também acontece com o pronome *nós*.

Assim, para a análise desse grupo de fator, selecionamos as seguintes variantes: realização de referência isolada (15), na qual há apenas um dado em um mesmo turno de fala e um só período; primeira da série: quando a forma linguística aparece no início do turno de fala e há repetições posteriores (16); Não primeira da série, quando há mais de um período (17), conforme observa-se em:

(15) **Nós chama** chuva de vento isso aí, né? (M130)

(16) **Quando a gente tá comendo, a gente nem pensa.** Aí separa uma quantia de queijo e presunto, **aqui a gente come mais aquele presunto apresentado**, mas eu acho ruim, melhor o de peru né, mas custa um pouco mais caro, então eu pego. (F13O)

(17) Aqui quando o sol tá muito forte, pessoas que não são daqui, passam mal, se sentem mal, é dificuldade de respiração e tal. **Nós aqui adoramos**, né? (F13O) (ALiB, 2001. Grifos nossos).

O exemplo (15) ilustra a presença do pronome *nós* utilizado de forma isolada. O falante usa uma única vez, não havendo repetições na sequência discursiva. Já no exemplo (16), a falante usa a forma *a gente*, na primeira série discursiva, revelando que a escolha da primeira forma pronominal influencia os usos subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma variante linguística. No exemplo (17), o pronome *nós* é usado no final da ocorrência discursiva.

4.2.2.2.3 Marca morfêmica

Esta variável linguística foi selecionada, considerando o morfema -mos e morfema zero. Para indicar o morfema -mos, as variantes pronominais são expressas foneticamente na função de primeira pessoa do plural para as variantes *nós* e *a gente* com a desinência (-mos). Para o morfema zero, quando as variantes são indicadas por meio da desinência verbal sem (-mos) para o pronome *nós* e *a gente*.

A variante *a gente* apresenta traços discursivos de primeira pessoa do plural e traços gramaticais de terceira pessoa do singular. Nos dados deste trabalho, observaram-se duas possibilidades de uso na variação dos pronomes *nós* e *a gente*: *nós* e *a gente* com (morfema -mos) e *nós* e *a gente* com (morfema zero). Conforme exemplos que seguem:

(18) INF.- Não tem... Tem várias coisas que **nós fala** aqui. (F13O)

(19) INQ. - O que mais?

(20) INF.- Armário mesmo, **nós fala** aqui. (F13O)

(21) INF.- **Nós chama** chuva de vento isso aí, né? (F13O)

(22) INF.- Aqui **nós chamamos** é... igarapé. (F24U)

(23) INF. - Aqui, **a gente não tinha** esses temporais assim sabe? (F24U)

(24) INF. – Aqui, uns diz que é pernelon... pernilongo, outros diz que aqui **nós chamamos** de muriçoca, **a gente chamamo** de mosquito. (F23AO).

(ALiB, 2001. Grifos nossos).

4.2.2.2.4 Tempo verbal

De acordo com Omena (1998; 2003), os tempos mais marcados (passado e futuro) tendem a não favorecer o uso de *a gente*, ao passo que os menos marcados (formas nominais e presente) a impulsionam, favorecendo o uso de *a gente*.

A nossa hipótese em relação ao tempo verbal e a de que: o tempo no presente e no pretérito imperfeito tende a condicionar o uso da variante *a gente*, pelo fato de esse pronome ser mais propício à indeterminação. Ao contrário, as formas verbais morfologicamente mais marcadas tais como: o tempo verbal, no pretérito perfeito, e no futuro, tende a favorecer o pronome *nós*. Para a análise do fenômeno, aqui em estudo, serão controlados os seguintes tempos e modos verbais: *presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, (futuro, gerúndio e infinitivo)* os quais foram amalgamados, pois há pouca ocorrência de *nós* e *a gente* nesses tempos verbais.

4.2.2.2.5 Função sintática

Para a análise da primeira pessoa do plural, em relação à função sintática, consideramos: uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito e na função de não sujeito, neste último caso, quando as variantes estão precedidas de preposição e conjunção.

I) sujeito

(25) INQ.-. Como ela chama?

INF.- **A gente chama** ela de Dona Maria. Num sei o nome dela.

(M13C). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

II) não sujeito (em outras funções)

(26) INQ. - E aquele alimento que é feito com grãos de milho branco, então pega o milho branco põe de molho, cozinha?

INF.- Mingau. Mingau de milho, né? Gozado que o paulista, ele chama pra canjica de munguzá. O munguzá **pra nós** é o mingau de milho. (M24U)

(ALiB, 2001. Grifos nossos).

4.2.2.2.6 Tipo de referência

Para a análise dessa variável, usamos como parâmetro os trabalhos de Lopes (1998) e Lucchesi (2009), para a composição do grupo de fatores sobre referência genérica e específica do pronome, nos quais controlam a referência das formas *nós* e *a gente*, considerando que as formas de 1ª pessoa do plural podem remeter aos pronomes eu + você/tu ou eu + não eu, de interpretação mais precisa [+específica], até um grau máximo de indeterminação e generalidade como eu + todo mundo ou eu + qualquer um (LOPES, 2007, p. 114). Para a codificação dos dados, tivemos como base as seguintes categorias: a) Eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico] – o referente é especificado e/ou retomado no contexto.

I) Eu + (você(s)) + (ele(s)) [+ específico] – o referente é especificado e/ou retomado no contexto, conforme exemplificado em 27.

(27) INF.- Eu costumava fazer isso com meu marido... Quando não, **a gente** ia tomar café no posto. **Nós tínhamos** o nosso carro, ele sabia dirigir, **a gente** ia. Tomar café no posto. Lá, ele ficava conversando com os amigos dele, e eu no carro... Aí de lá, **a gente** saía, e **ia** pra feira, **dava** uma volta, **passava** na casa das minhas irmãs... Era assim, agora acabou tudo isso. Não tem quem vá comigo. (F248) (ALiB, 2001. Grifos nossos).

Em (27), os pronomes *nós* e *a gente* referem-se à falante e ao esposo (eu + ele).

II) Eu [+/- específico] – o referente pode ser o próprio falante.

(28) INF.- Não, **eu** não conheço, que eu conheço não, porque lá na fazenda **a gente só chamava**: “bota a grade, em cima do fogão... (risos). (Inq. 23 -MM)

(29) INF.- Até que cresce lá, aqui eu num acho que cresça tilápia daqui... aqui **nós já criamos** também. (Inq. 50 -MM) (ALiB, 2001).

Nos exemplos (28) e (29), os pronomes *a gente* e o *nós* recuperam os próprios falantes. No primeiro, a falante responde à questão 50 do questionário sobre: *Agora uma coisa que tem muito aqui no Amazonas né? O que é que se pesca nos rios?* - o pronome *a gente* é a própria falante. No segundo caso, a falante responde à questão 23 sobre; *Uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima de uma churrasqueira ou da brasa pra fazer churrasco... que nome que se dá pra aquilo?* - o pronome *nós* recupera a própria falante, que comenta a respeito de como nomeia o objeto questionado.

III) Indeterminação circunscrita [- específico] – a referência é genérica, normalmente circunscrita ao grupo ou comunidade do falante, podendo ser recuperada no corpo da entrevista.

IV) Indeterminação universal [- específico] - a referência é totalmente genérica, eu + todo mundo ou eu + qualquer um.

(30) Aqui na região **nós temos** muitas casas de madeira.

(31) INQ. – No inverno faz frio, e no verão? (061)

INF. – Depende de que inverno, né? Porque diferente daqui e de lá (risos). Lá inverno é período de seca, (risos) aqui **nós estamos** uma situação de hemis... de, de, de, de... de localização geográfica que **nós num temos** as quatro estações, né? **nós temos** uma estação que chove que **a gente chama** de inverno e uma estação de estiagem que **a gente chama** de verão. (M14S) (ALiB, 2001. Grifos nossos).

As categorias exemplificadas em 30 e 31 serviram de base para analisar e codificar as ocorrências direcionando-as em dois grupos: referência genérica e referência específica, conforme o trabalho de Carvalho *et al.* (2020). A codificação dessa variável seguiu a seguinte classificação: os fatores a) – b), como sendo de referência específica, devido à recuperação do sujeito delimitado no contexto enunciativo e até mesmo explícito na própria fala e; c) – d), como referência genérica, pois não existem sujeitos delimitados que podem ser recuperados no contexto, existindo ou uma referência a uma comunidade ampla, como conhecidos do mesmo bairro ou membros de uma mesma instituição, ou uma referência de natureza universal, indeterminada do tipo *eu + todo mundo* (conforme exemplos 30 e 31).

4.3 ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

De posse dos arquivos de áudios (*corpus* do ALiB), procedemos à audição das entrevistas e à transcrição grafemática dos contextos em que ocorriam as formas *nós* e *a gente*. Após a transcrição grafemática, os contextos eram analisados para a definição dos fatores linguísticos correlacionados (tais como: tempo verbal, paralelismo linguístico, função sintática, preenchimento do sujeito); quando havia necessidade, os trechos eram ouvidos novamente, num processo em que a audição, transcrição e análise dos contextos fossem realizadas com a máxima atenção e segurança, para evitar erros na codificação dos dados.

Essa foi uma etapa muito importante do trabalho, pois a partir dela foram realizados os primeiros contatos com o *corpus* e as primeiras análises dos dados da pesquisa.

Após essa etapa, procedemos à codificação dos dados para a composição das células, conforme demonstra o Quadro 14 a seguir.

Quadro 14 - Variável dependente e grupos de fatores.

	Variável Dependente	
Variável	Variantes	Códigos
Primeira Pessoa do Plural	nós	N
	a gente	A
	Variáveis Independentes	
Grupo de Fatores	Fatores	Códigos
Região	Norte	N
	Nordeste	O
	Centro-Oeste	C
	Sudeste	U
	Sul	S
Capitais	Belém	9
	Boa Vista	8
	Macapá	E
	Manaus	P
	Porto Velho	H
	Rio Branco	7
	Aracaju	A
	Fortaleza	F
	João Pessoa	J
	Maceió	M
	Natal	N
	Recife	R
	Salvador	S
	São Luís	L
	Teresina	T
	Campo Grande	C
	Cuiabá	B
Goiânia	O	
Belo Horizonte	Z	
Rio de Janeiro	D	

	São Paulo Vitória Curitiba Florianópolis Porto Alegre	G I Y W
Tempo de fundação da Capital	Colonização mais antiga (séc. XVI-XVII)	5
	Colonização mais recente (séc. XVIII-XX)	6
Sexo	Masculino	M
	Feminino	F
Faixa etária	I (18-30 anos)	1
	II (50-65 anos)	2
Grau de escolaridade	Ensino fundamental	3
	Universitário	4
Preenchimento do sujeito	Sujeito explícito	e
	Sujeito implícito	i
Paralelismo linguístico	Não primeiro da série	n
	Primeiro da série	s
	Isolado	d
Tempo verbal	Presente do indicativo	Z
	Pretérito perfeito	F
	Pretérito imperfeito	T
	Gerúndio e infinitivo	R
Marca morfêmica	Com morfema-mos	H
	Sem morfema-mos	Q
Função sintática	Sujeito	J
	Objeto	D
Tipo de referência	Genérica	b
	Específica	ç
Dimensão Diafásica	Resposta a questionário	Q
	Discurso semidirigido	d

Fonte: Elaboração própria (2023).

4.3.1 Tratamento estatístico dos dados

Nesta pesquisa, trabalhamos com o programa computacional Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Este programa permite fazer análise estatística de fenômenos multivariáveis. Para executar a análise estatística dos dados no programa, primeiro é preciso criar um arquivo de dados, devidamente codificados, um arquivo de especificação (para orientar o pesquisador a ler os resultados depois) e um arquivo de condição. Essas

informações são inseridas no *prompt* do programa, que nas suas primeiras rodadas checa a justeza entre os dados codificados e o arquivo de condição, para que possa apontar os erros a serem corrigidos (como um código inexistente ou fora do lugar) e os *knockouts*, que é a situação em que o fator tem 0% ou 100% de ocorrência (ou seja, não há variação).

Após a codificação, os dados foram submetidos ao programa para realizar as rodadas dos dados das cinco regiões; foram estabelecidos 14 grupos de fatores, conforme apresentados no Quadro 14. Várias rodadas foram realizadas, permitindo entender os grupos não significativos e os significativos para começar a análise estatística da nossa investigação.

Vale ressaltar que, no decorrer desse estudo, serão comentados a respeito dos grupos de fatores relevantes e os eliminados das rodadas, lembrando que estes também foram importantes para o entendimento da variação da primeira pessoa do plural.

4.3.2 Cartografia linguística

Nesta pesquisa, os resultados foram apresentados em tabelas, gráficos e em cartas linguísticas. Dessa forma, os dados morfosintáticos da variação de *nós* e *a gente* apresentam as informações de natureza diatópica documentadas nas 25 capitais que constituem a rede de pontos desta pesquisa.

Foram produzidas 13 cartas linguísticas para apresentar a distribuição diatópica das variáveis, distribuídas nas 25 capitais. A cartografia dos dados foi produzida em nível nacional e em nível regional. Temos cartas linguísticas com a variação de *nós* e *a gente*, na qual apresentamos a distribuição das ocorrências em todo o território nacional e cartas linguísticas regionais, em que se apresentam as ocorrências em cada uma das cinco regiões brasileiras.

Na cartografia dos dados, utilizamos as cartas-bases do Projeto ALiB, a confecção das cartas linguísticas usadas nesta tese foi realizada com o auxílio do software *Adobe Photoshop CS6*.

4.4 CONTEXTO DE EXCLUSÃO DE DADOS

Este item trata do procedimento de exclusão dos dados inválidos para o estudo do fenômeno *nós* e *a gente*. É importante entender que a simples ocorrência da primeira pessoa do singular presente no inquérito não constituiu dados válidos para essa investigação. Por isso, durante as transcrições dos dados, procedeu-se à definição dos contextos de exclusão dos

mesmos, ou seja, os que viavelmente foram descartados para a análise. Assim, em nosso estudo, não foram contemplados:

i) pronome *nós* ou *a gente* não acompanhados de forma verbal, principalmente quando é observado uso de o *nós* e o *a gente* no mesmo turno de fala e não estão acompanhados de forma verbal no início do período, com posteriores ocorrências de verbos conjugados na primeira pessoa e terceira do singular, referindo-se aos pronomes *nós* ou *a gente*:

Os exemplos destacados a seguir são desconsiderados.

(32) INF.- **Sai**, assim para banho, para... **faz** churrasco, **sai** para boate... só. Está fraco aqui o negócio rapaz.

(33) INF.- **Vai** para as festas.

(34) INF.- Pão bengala, **chamamos**, também, de pão bengala. (ALiB, 2001. Grifos nossos).

ii) pronomes implícitos *nós* e desinência verbal – *mos* em expressões cristalizadas, exemplo:

(35) INF.- Um guaraná. Já é um copo de guaraná, **vamos dizer assim**, né, “Me vê um guaraná”.

(36) INF.- Com beca, com_madrinha, com governador, secretário de Estado, todo mundo participando, foi uma coisa muito gostosa, um baile e tanto, né? quer dizer, foi a realização de um... de uma conquista assim eh... bem... bem... **digamos assim**... bem... trabalhada. (ALiB, 2001. Grifos nossos).

iii) começa com o pronome *nós* ou *a gente* e não conclui o assunto, logo muda de categoria gramatical, exemplos:

(37) INF.- Antigamente **nós**... quando **eu** brincava...

Neste turno de fala, o falante começa usando o *nós* e não conclui o assunto, mudando para o pronome *eu*.

(38) INF.- E nos shopping, num sei se ainda tem, que eu às vezes queria, **nós**...**eu** trabalhei no shopping né.

(39) INF.- Ah, isso aí também, só que isso aí **a gente**... isso **a pessoa** esquece, **a pessoa** supera tranquilo. (ALiB, 2001. Grifos nossos).

Nos exemplos, os falantes começam usando o *nós* ou *a gente* e não conclui o assunto e muda para o pronome *eu* e para o substantivo **a pessoa**.

iv) faz alusão aos pronomes *nós* e/ou *a gente*, mas não conclui o diálogo com referência a esses pronomes, exemplo:

(40) INF.- Rego é... o lugar que não nasce mais mato... *a gente... a gente...*
o animal passa e que não nasce mais mato. (ALiB, 2001. Grifos nossos).

Abordaremos na próxima seção, a apresentação e análise geossociolinguística dos resultados da presente pesquisa.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentaremos os resultados das análises dos dados, referentes à variação dos pronomes *nós* e *a gente*, aqui descritos e analisados sob a abordagem da Geossociolinguística.

Tão importante quanto a coleta, o tratamento e as análises dos dados é a apresentação dos resultados. Após submeter os dados às várias rodadas estatísticas no Programa GoldVarb X, obtivemos os resultados de todos os grupos de fatores estratificados para esse estudo, de acordo com os quais foram cuidadosamente analisados.

Apresentamos, nesta seção, os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa estatístico, bem como os considerados não significativos. Faremos, quando necessário, comparações dos resultados deste estudo com outras pesquisas já realizadas sobre esse fenômeno. Os resultados dos dados são apresentados em tabelas, gráficos e cartas linguísticas.

Primeiro, apresentamos os grupos de fatores geográficos, logo após, os sociais e finalizaremos esta seção, com o grupo de fatores linguísticos.

5.1 RESULTADOS GERAIS

Foram computadas pelo Programa estatístico Goldvarb X, um total de 8.824 ocorrências de uso dos pronomes *nós* e *a gente* no falar das capitais referentes às cinco regiões brasileiras. Com o de Input 0.097, Log likelihood = -1186.438 e a Significance = 0.001.

O programa Goldvarb X selecionou nove grupos de fatores como significativos e descartou quatro grupos. O primeiro grupo de fator selecionado como significativo pelo programa foi a Marca morfêmica; o segundo, as Capitais; o terceiro, Sexo; o quarto, a Escolaridade; o quinto, Tempo verbal; o sexto, Paralelismo linguístico; o sétimo, Tipo de referência; o oitavo; Função sintática; e o nono, Preenchimento do sujeito. Os grupos de fatores eliminados pelo programa foram: Faixa etária; Regiões; Formação das capitais e Respostas ao questionário e ao discurso semidirigido. Esses grupos de fatores também serão analisados e apresentados.

Com relação às apresentações dos resultados, optamos por organizá-la da seguinte forma: Primeiro, as variáveis extralinguísticas e, em seguida, as variáveis linguísticas.

Das 8.824 ocorrências, 6.706 foram para o pronome *a gente* e 2.118 para o pronome *nós*, representando o percentual de 24% para o *nós* e 76% para o *a gente*, conforme ilustram,

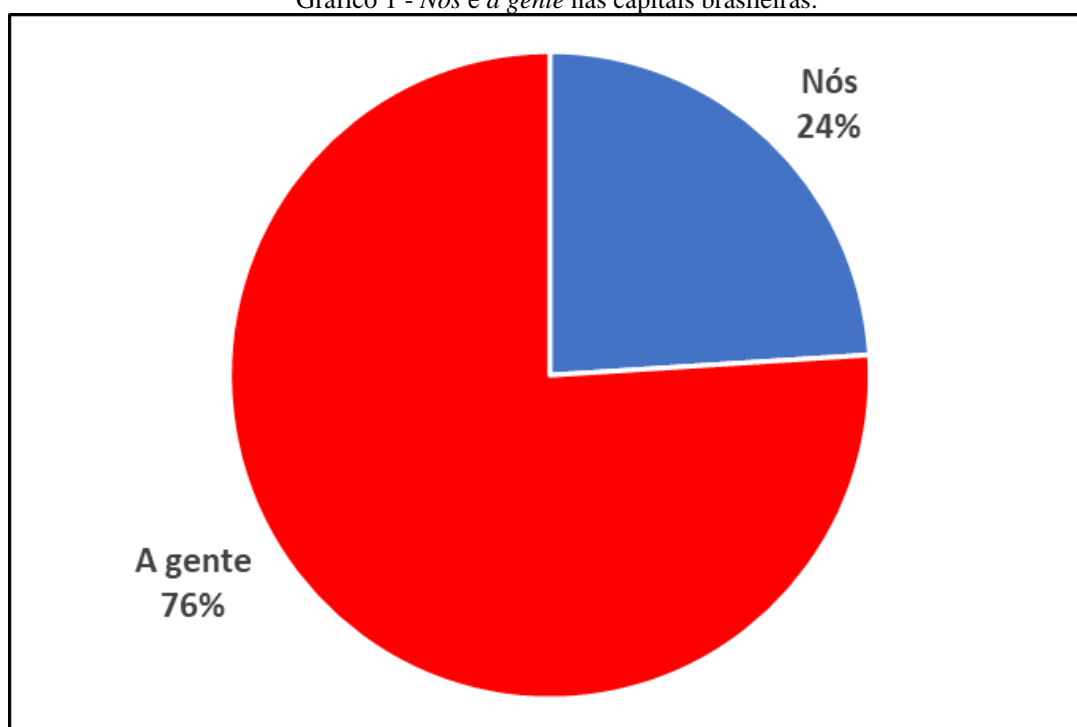
a Tabela 1 e o Gráfico 1, a seguir.

Tabela 1 - Distribuição geral de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras.

Variantes	Ocorrências	%
Nós	2.118	24
A gente	6.706	76
Total	8.824	100

Fonte: Elaboração própria (2023).

Gráfico 1 - *Nós* e *a gente* nas capitais brasileiras.



Fonte: Elaboração própria (2022).

5.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Nesta seção, trataremos as variáveis extralinguísticas consideradas para esse estudo, que são: Região, Capital, Tempo de fundação das capitais, Resposta ao questionário e ao discurso semidirigido e os grupos de fatores sociais tais como: Sexo e Escolaridade.

Nesse contexto, primeiramente apresentamos o resultado do uso de *nós* e *a gente* nas regiões e capitais.

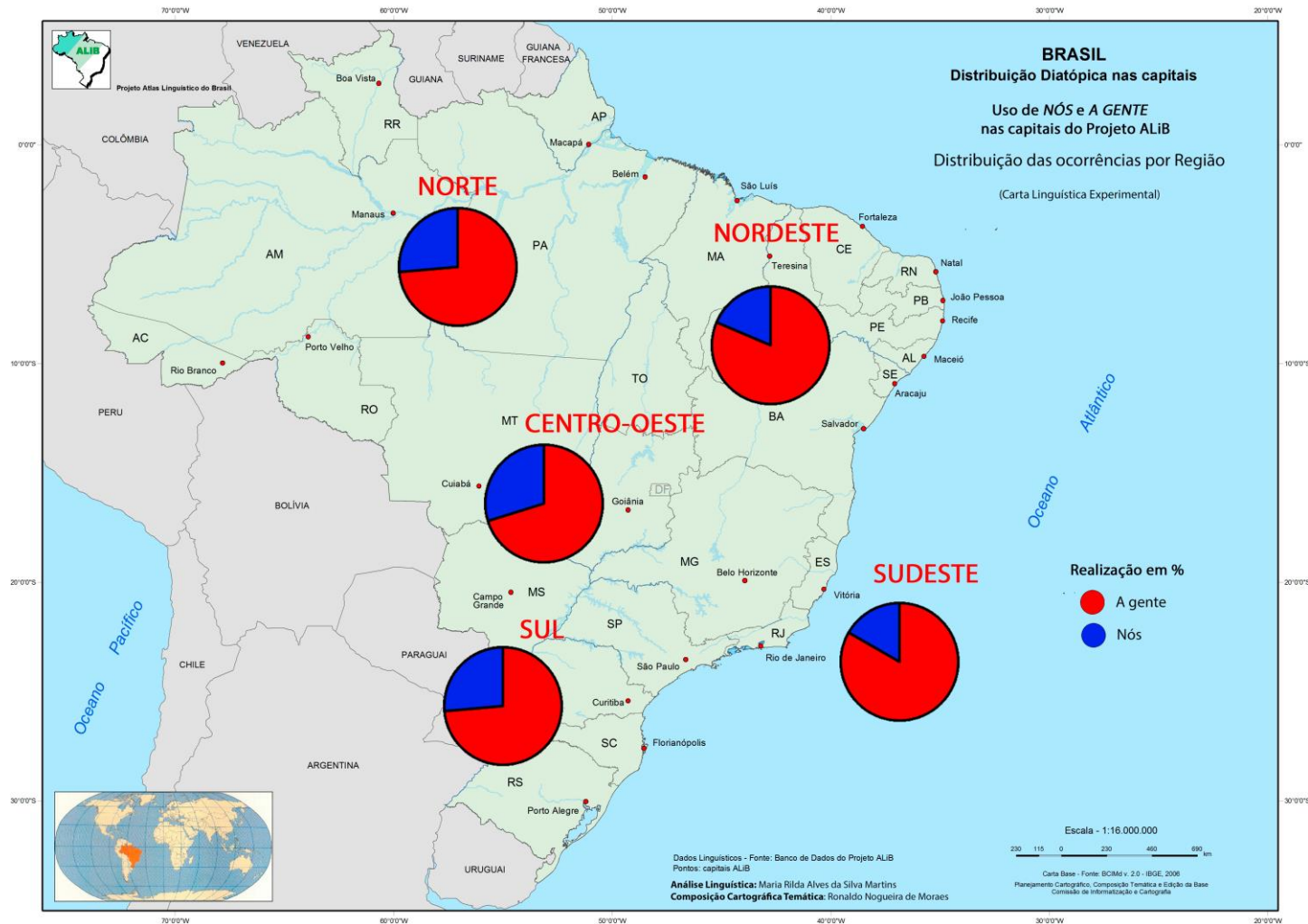
5.2.1 Variação Diatópica: Regiões e Capitais

Tabela 2 - Distribuição de uso das variantes *nós* e *a gente* nas cinco regiões.

Pronomes / Regiões	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
NÓS	26.4%	18.6%	29.8%	16.7%	26.4%
A GENTE	73.6%	81.4%	70.2%	83.3%	73.6%

Fonte: Elaboração própria (2022).

Carta Linguística 1 - Distribuição das ocorrências de uso de *nós* e *a gente* nas cinco regiões.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Podemos notar, ao observar a Carta Linguística 1, que as regiões Norte e Sul, apresentam um percentual de 73,6%, 73,6% de uso para o *a gente* e 26,4% e 26,4% para o *nós*, respectivamente. A região Centro-Oeste apresenta o percentual de 70,2% para o *a gente* e 29,8% para o *nós*. As regiões Nordeste e Sudeste, o percentual para o *a gente* aumenta para 81,4% e 83,3%, diminuindo o uso do *nós* para 18,7% para o Nordeste e 16,7% para o Sudeste.

Como mostra essa Carta, o *a gente* aumenta a incidência no Sudeste e Nordeste brasileiro, situados ao lado direito do mapa. Por outro lado, no Norte, Centro-Oeste e no Sul, o pronome *nós* tem um pequeno aumento de uso, apresentando o percentual de mais de 26% nessas regiões. Apresentamos, a seguir, os resultados do uso de *nós* e *a gente* nas capitais.

Na Tabela 3, apresentamos os resultados percentuais e os pesos relativos da variação de *nós* e *a gente* por capitais, destacando o uso equilibrado entre as duas formas, se compararmos os pesos relativos indicados em cada capital.

Esse foi o segundo grupo de fator selecionado como significativo pelo programa Goldvarb X.

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências de *a gente* em relação às capitais.

CAPITAIS	Ocorrências	%	P.R
NORTE			
RIO BRANCO	340	79.6	0.62
MACAPÁ	906	72.1	0.52
BOA VISTA	345	70.1	0.55
MANAUS	454	83.9	0.62
PORTO VELHO	236	64.3	0.67
BELÉM	102	65.4	0.41
TOTAL	2.383		
NORDESTE			
ARACAJU	167	85.2	0.89
FORTALEZA	59	78.7	0.97
JOÃO PESSOA	94	77.7	0.51
MACEIÓ	213	81.3	0.19
NATAL	73	78.5	0.77
RECIFE	432	87.3	0.81
SALVADOR	148	75.1	0.52
SÃO LUÍS	256	89.8	0.82
TERESINA	56	47.9	0.33
TOTAL	1.498		
CENTRO-OESTE			
CUIABÁ	257	50	0.12
CAMPO GRANDE	155	71.8	0.53
GOIÂNIA	407	93.1	0.36
TOTAL	819	71.6	
SUDESTE			
BELO HORIZONTE	230	86.8	0.35

VITÓRIA	230	77.4	0.33
RIO DE JANEIRO	118	81.9	0.74
SÃO PAULO	355	85.7	0.58
TOTAL	933		
SUL			
CURITIBA	394	82.3	0.69
FLORIANÓPOLIS	494	68	0.09
PORTO ALEGRE	185	73.4	0.33
TOTAL	1.073		

Fonte: Elaboração própria (2023).

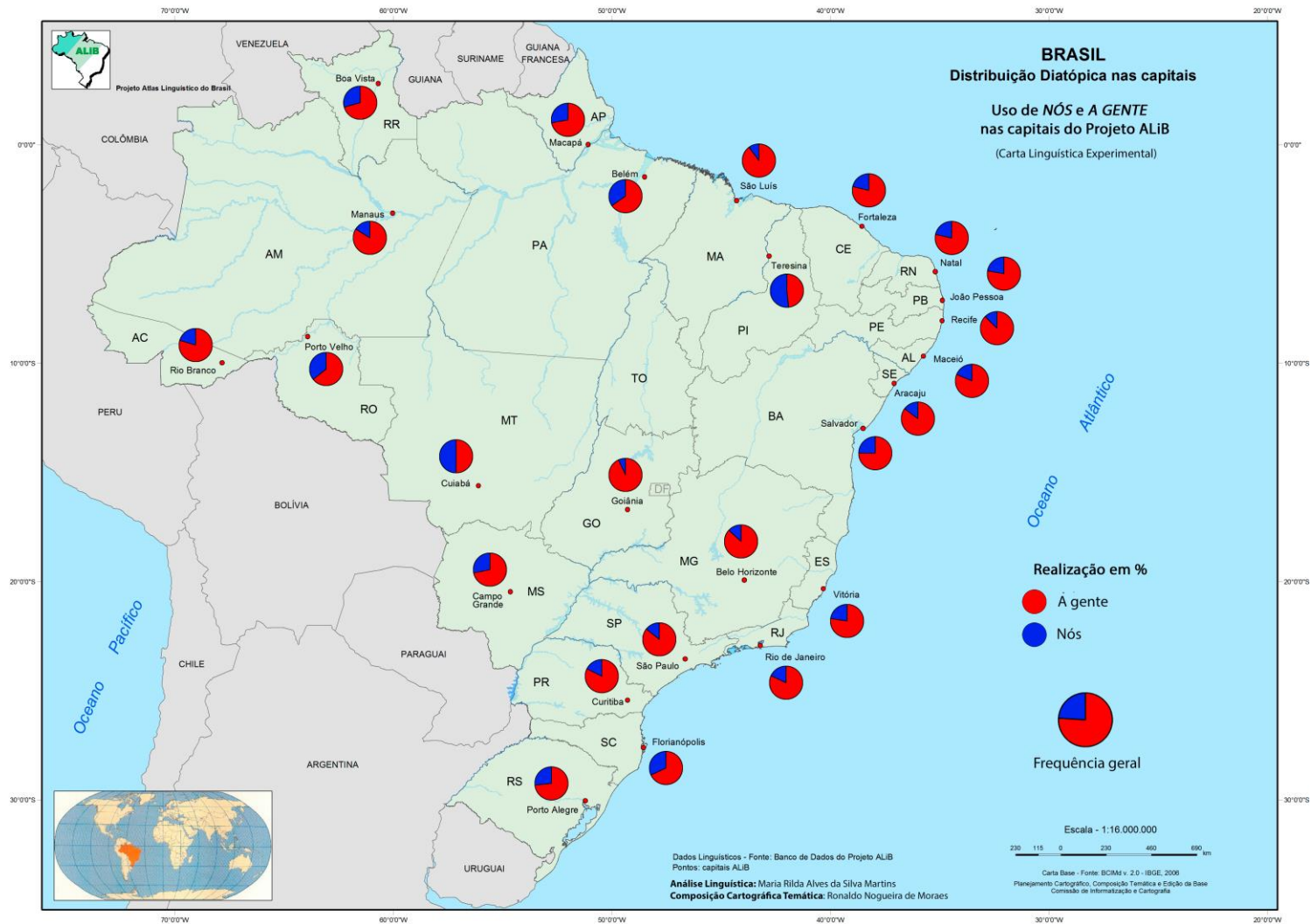
Em termos de frequência geral de uso, observamos que, no total de 8.824 dados de referência à primeira pessoa do plural, a forma *a gente* tem um número maior de ocorrências em quase todas as capitais brasileiras, ocorrendo em 6.706 dos dados, com o percentual de 76% dos casos para essa forma pronominal.

Ao observarmos a Tabela 3, considerando os resultados dos pesos relativos, percebemos que, das 25 capitais brasileiras, 10 têm o uso significativo para o *a gente*, no Norte: Rio Branco, Manaus, Porto Velho; no Nordeste: Aracaju, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador e São Luís; no Sudeste: Rio de Janeiro; e no Sul: Curitiba, com o peso relativo acima de 0.62. Por outro lado, 9 capitais favorecem o uso do *nós*, no Norte: Belém; no Nordeste: Maceió e Teresina; Centro-Oeste: Cuiabá e Goiânia; Sudeste: Belo Horizonte e Vitória; e no Sul: Florianópolis e Porto Alegre. As capitais Macapá (0.52), Boa Vista (0.55), João Pessoa (0.51), Salvador (0.52) e São Paulo (0.58) indicam um contexto moderadamente favorável ao uso de *a gente*, com os pesos relativos próximos à neutralização (são relativos ao ponto neutro, que é um peso de 0.50 nas análises binárias).

A Carta Linguística 2 mostra a realização de *nós* e *a gente* por meio da apresentação das notações e dos contornos que correspondem às regiões, bem como às capitais dialetalmente definidas.

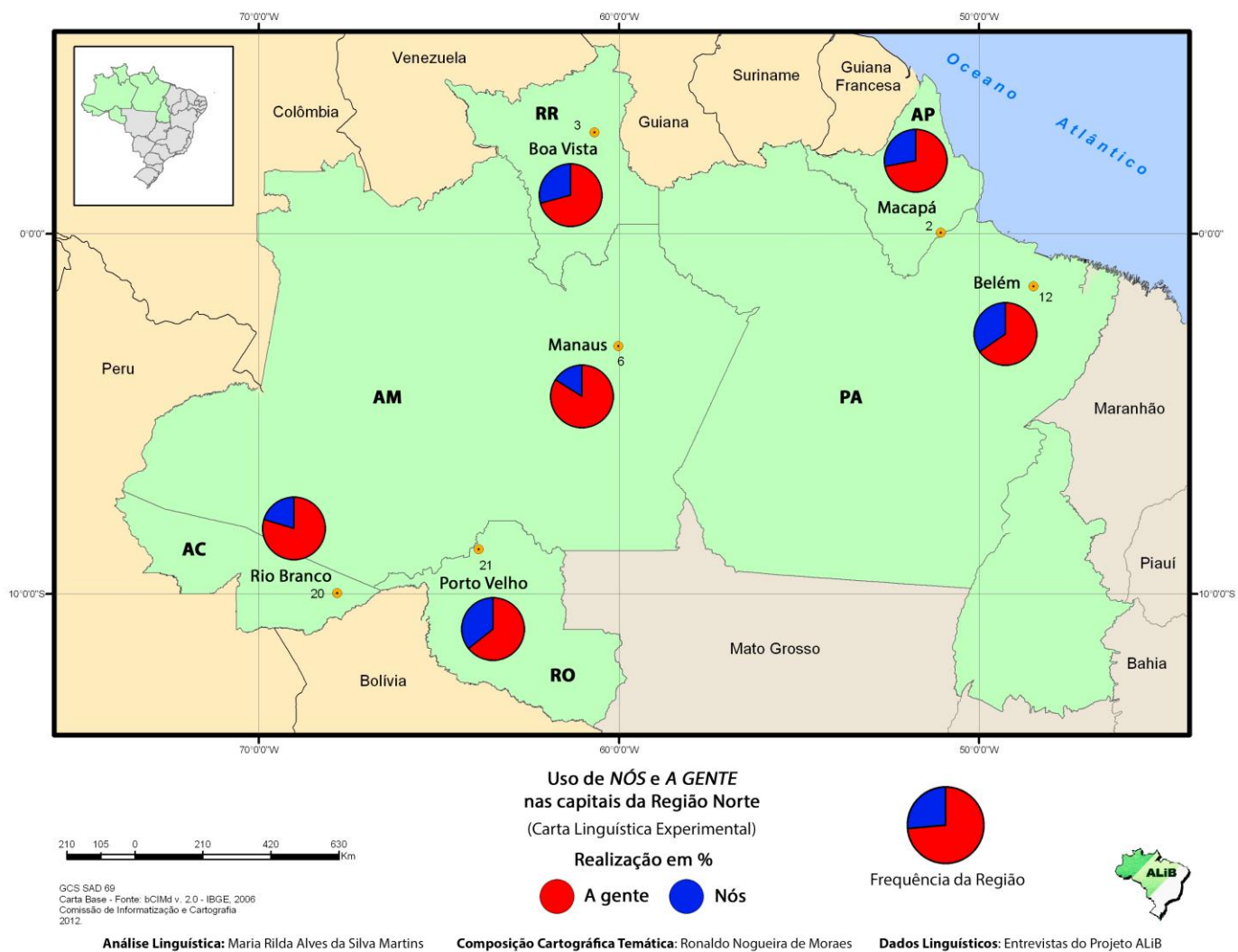
Logo após, apresentamos as Cartas Linguísticas que permitem uma melhor visualização da distribuição do *nós* e do *a gente* nas cinco regiões brasileiras.

Carta Linguística 2 - Distribuição de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras.



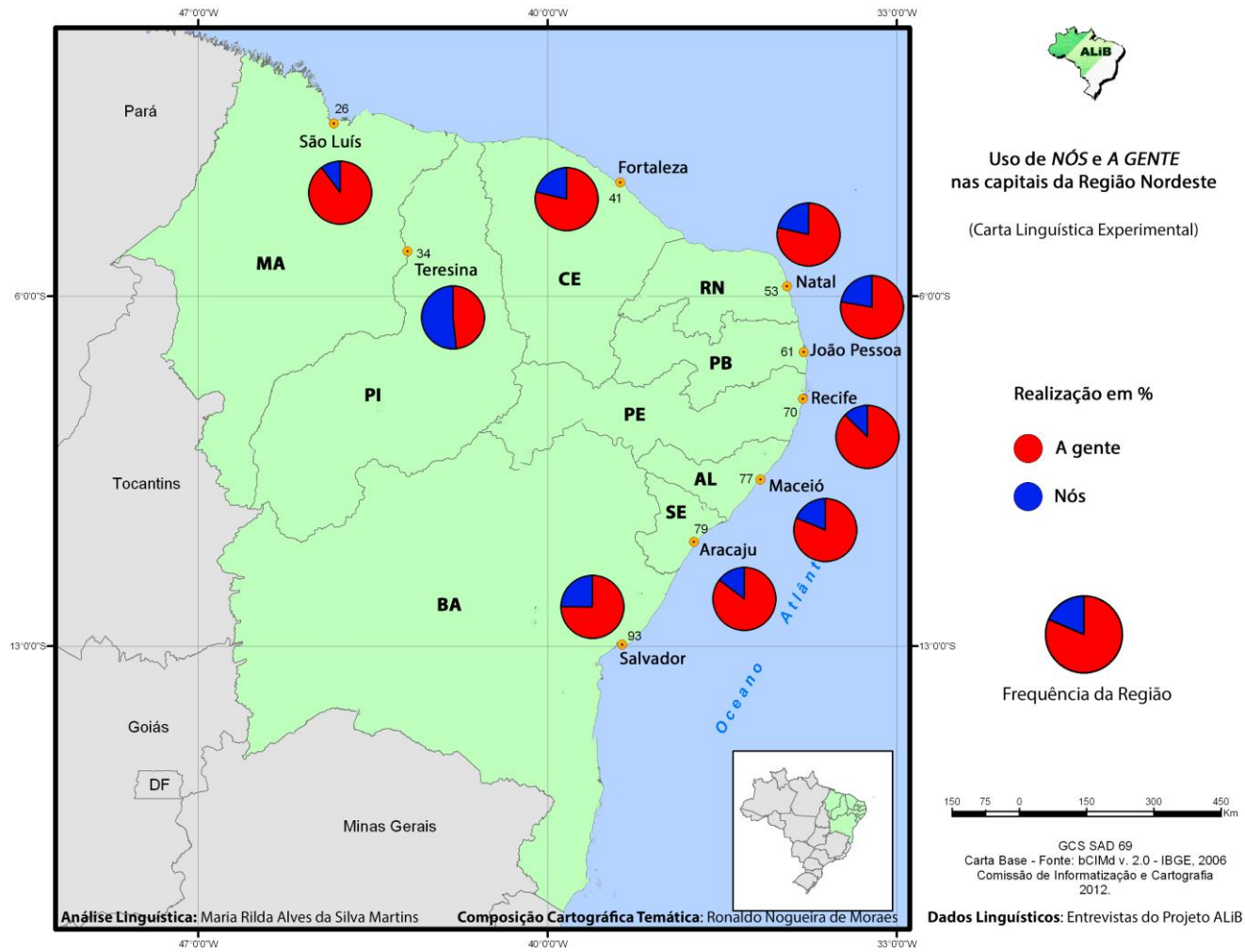
Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Carta Linguística 3 - Distribuição de *nós* e *a gente* nas capitais da região Norte.



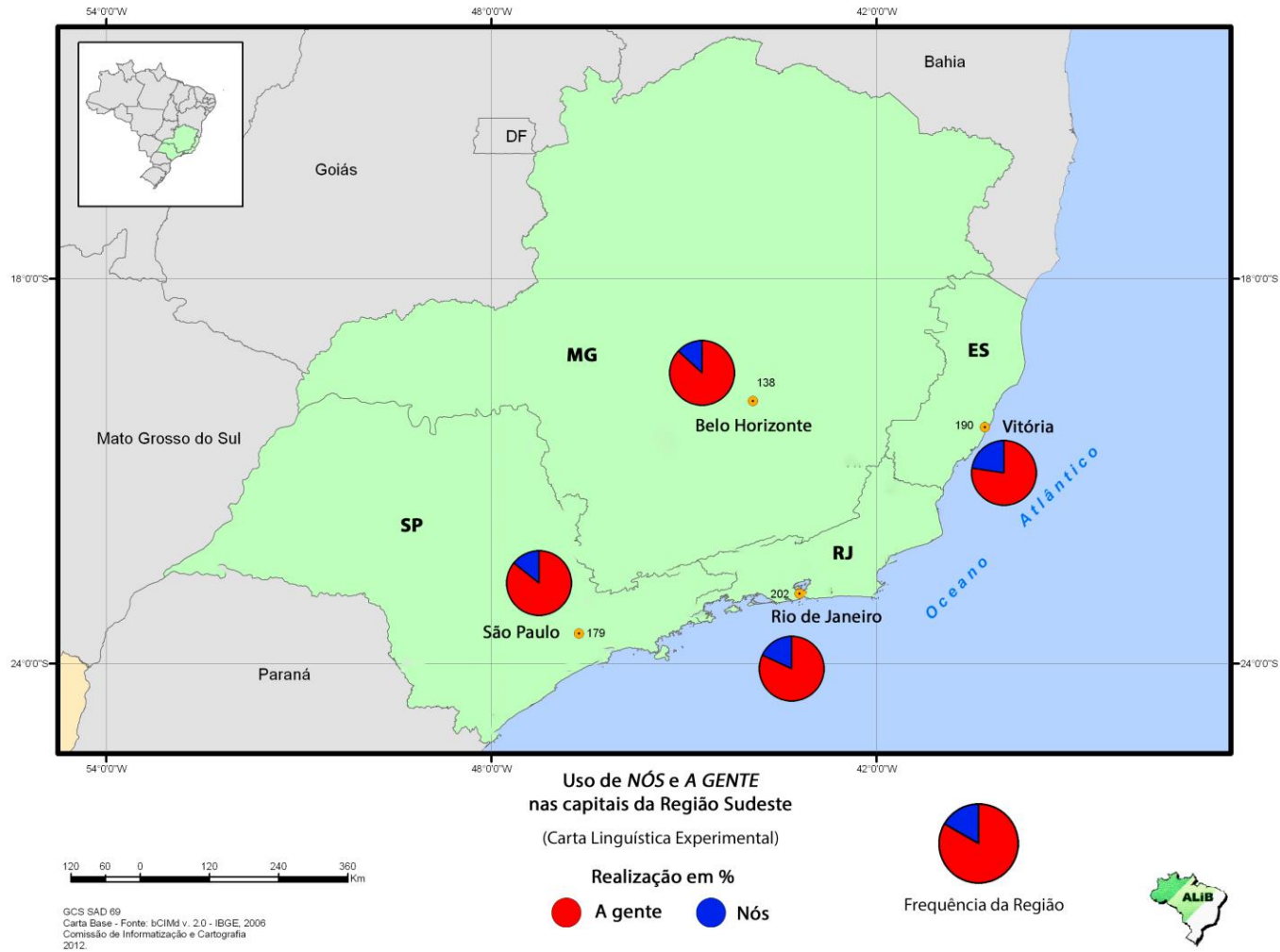
Fonte: Elaboração própria (2023). a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Carta Linguística 4 - Distribuição de *nós* e *a gente* nas capitais da região Nordeste.



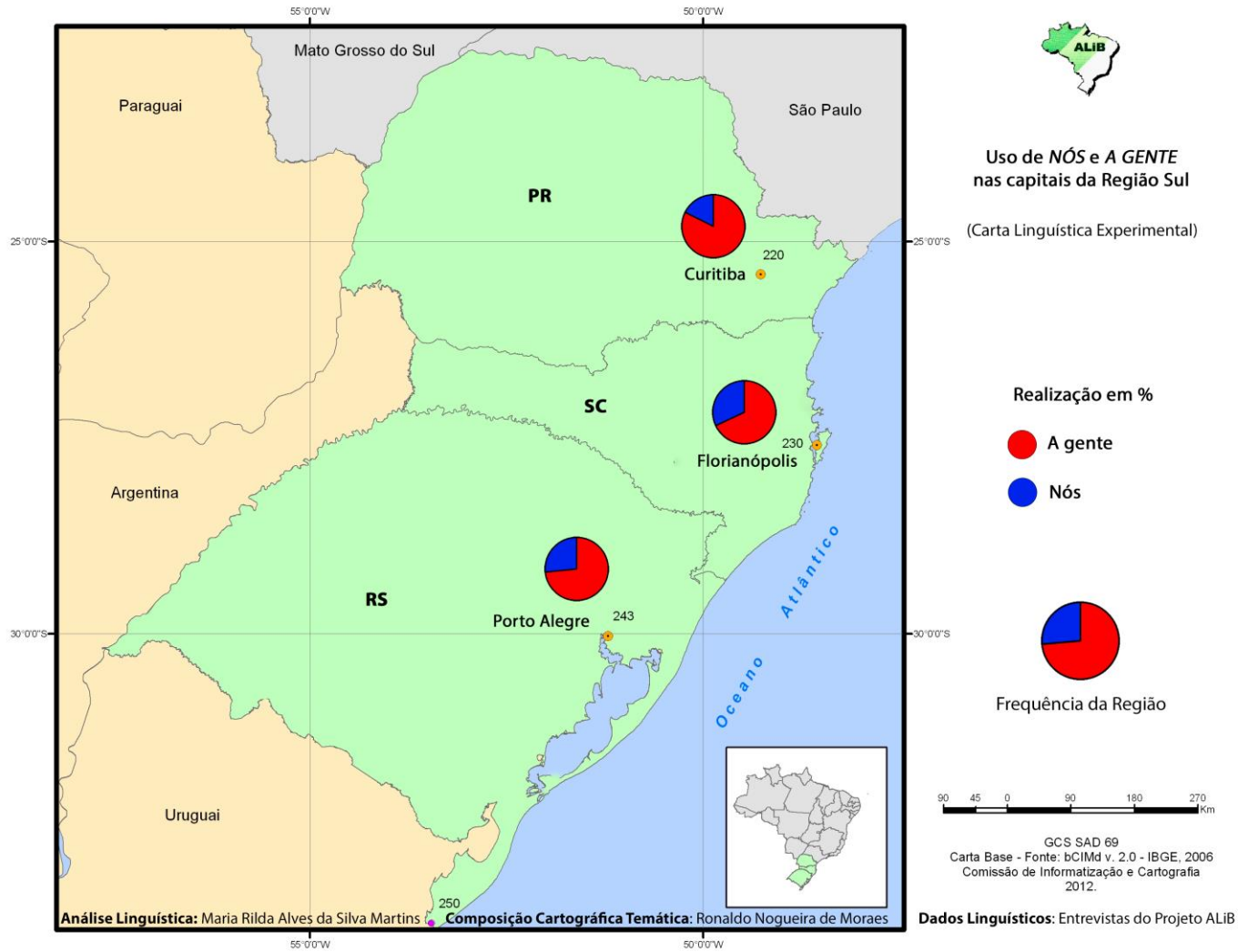
Fonte: Elaboração própria (2023). a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Carta Linguística 5 - Distribuição de *nós* e *a gente* nas capitais da região Centro-Oeste.



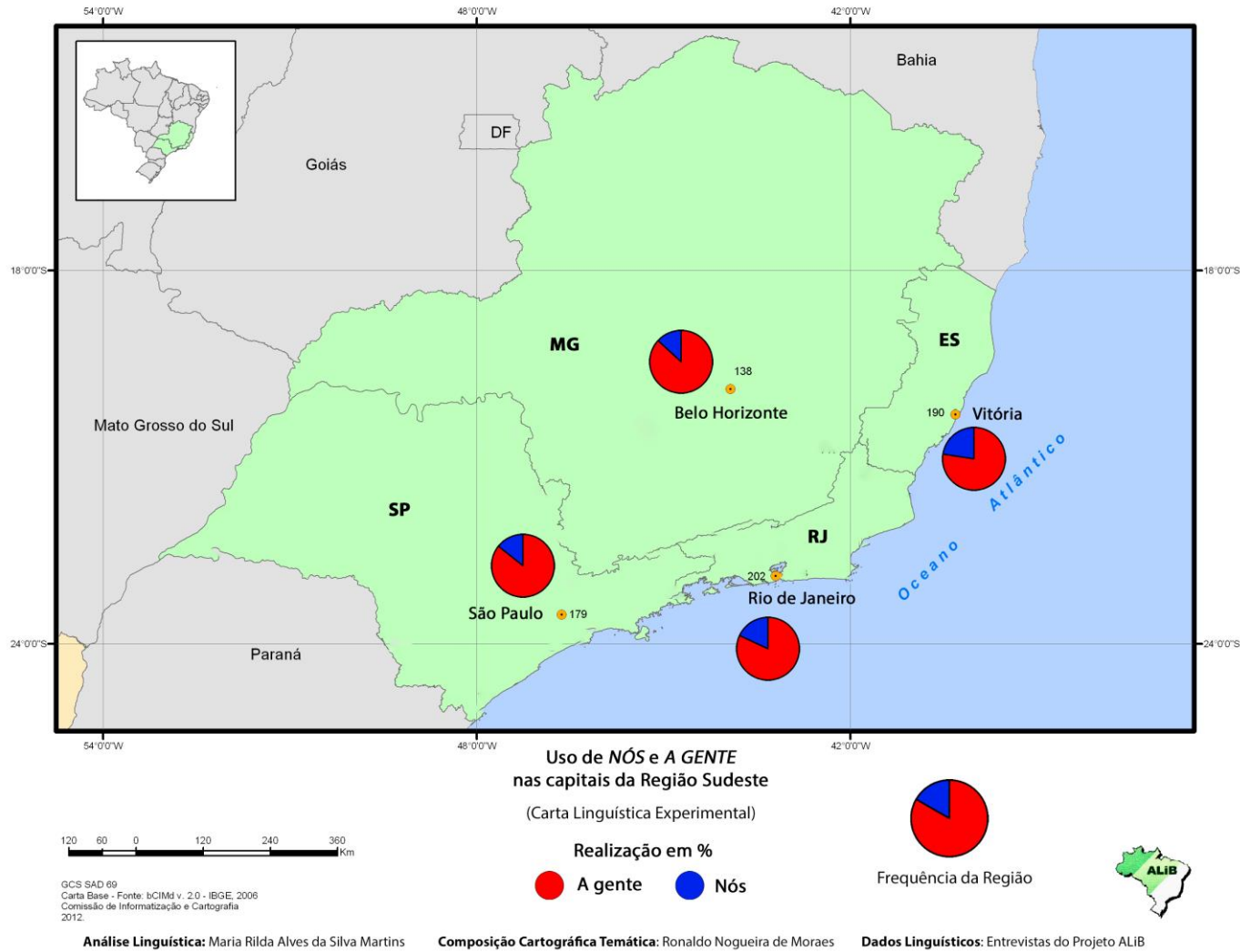
Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Carta Linguística 6 - Distribuição de *nós* e *a gente* nas capitais da região Sul.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Carta Linguística 7 - Distribuição de *nós* e *a gente* nas capitais da região Sudeste.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

De acordo com as cartas linguísticas da variação dos pronomes de primeira pessoa do plural nas capitais, notamos que, nas capitais da região Norte e Nordeste há uma incidência maior de *a gente*, porém com percentuais mais acentuados sobre a realização de *nós* em Belém, Porto Velho e Teresina. Nas capitais do Centro-Oeste, somente, Cuiabá apresenta um percentual de 50% de uso para cada variante. Na região Sul, Florianópolis apresenta 32% de uso para a variante *nós* e 68% de uso para o *a gente*.

5.2.2 Tempo de fundação das capitais

Este grupo de fator não foi selecionado como significativo pelo Programa GoldVarb X. Os percentuais atribuídos aos fatores desse grupo podem justificar o fato de ele não ter sido selecionado pelo programa. A frequência de uso do pronome *a gente*, quando se observam as capitais reunidas em dois grupos, revela que, de fato, nas cidades de fundação mais antiga o uso do *a gente* é maior (79%) quando comparadas as de fundação mais recente (73%), uma diferença de percentual bem próxima.

Apresentamos na Tabela 3 os resultados gerais, e na Tabela 5, a distribuição do pronome *a gente* com os percentuais das capitais em relação ao ano de formação de cada uma, que estão divididas entre: formação mais antiga (XVI e XVII) e formação mais recente (XVIII, XIX e XX).

Tabela 4 - Distribuição geral de *a gente* segundo a variável tempo de formação da capital.

Fundação da capital	Ocorrências	%
Fundação mais antiga	3.599	73.5
Fundação mais recente	3.107	79.1
Total	6.706	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Tabela 5 - Variação do *a gente* em relação ao tempo de formação da capital.

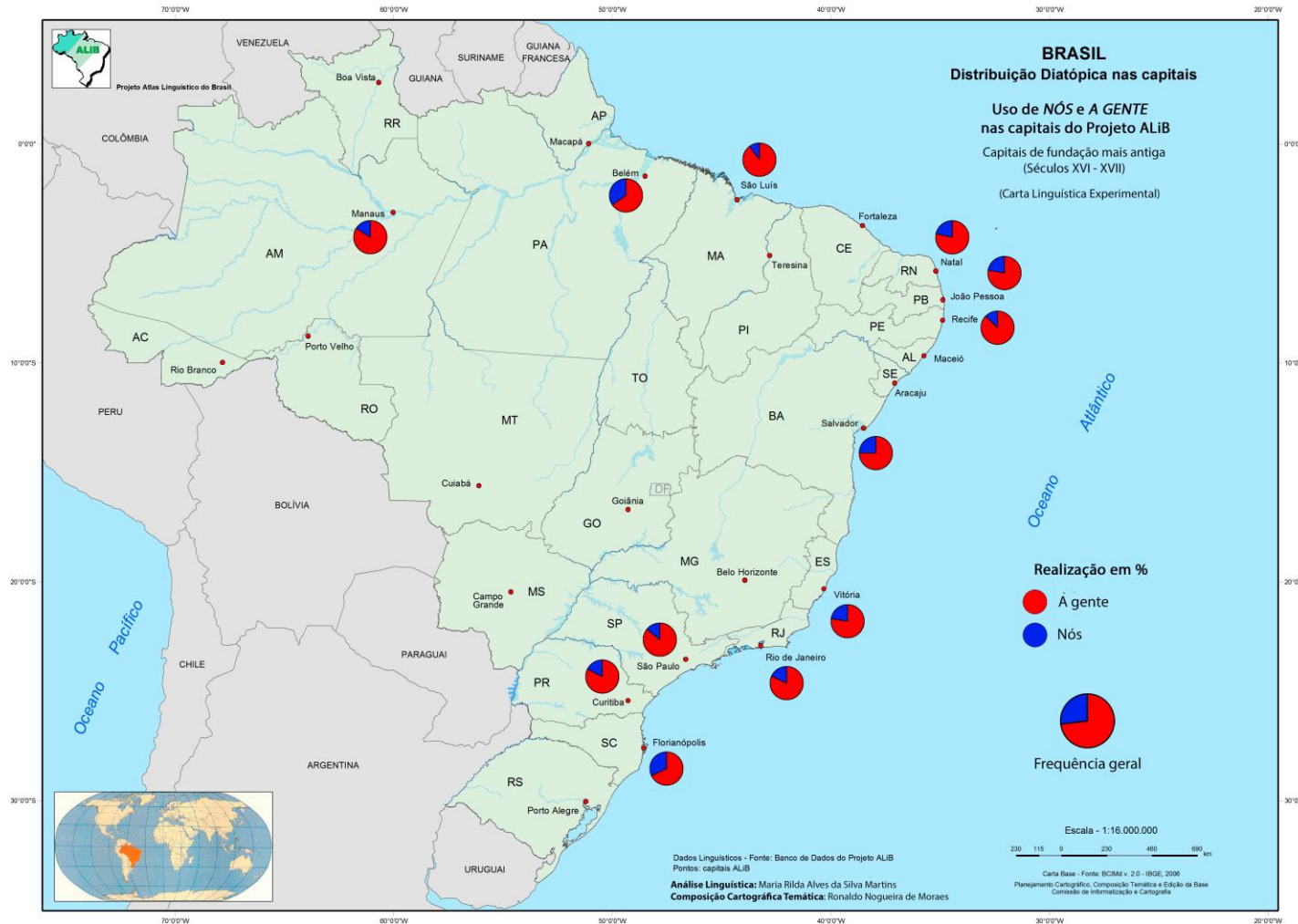
Fundação	Capital	Ocorrências	%
ANTIGA (Séculos XVI e XVII)	João Pessoa	94	78
	Recife	432	87
	Salvador	148	75
	Natal	73	78
	São Luís	256	90
	Florianópolis	494	68
	Curitiba	394	82
	Vitória	230	77
	Manaus	454	84
	Rio de Janeiro	118	82
	Belém	102	65
São Paulo	355	86	
Total		3.150	
RECENTE (Séculos XVIII, XIX e XX)	Rio Branco	340	80
	Goiânia	407	93
	Porto Velho	236	64
	Boa Vista	345	70
	Fortaleza	59	79
	Porto Alegre	185	73
	Macapá	906	72
	Maceió	213	81
	Campo Grande	155	72
	Cuiabá	257	50
	Belo Horizonte	230	87
	Teresina	56	48
	Aracaju	167	85
Total		3.556	

Fonte: Elaboração própria (2023).

A seguir, apresentamos a Carta Linguística 8 que permite visualizar a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao tempo de formação das capitais.

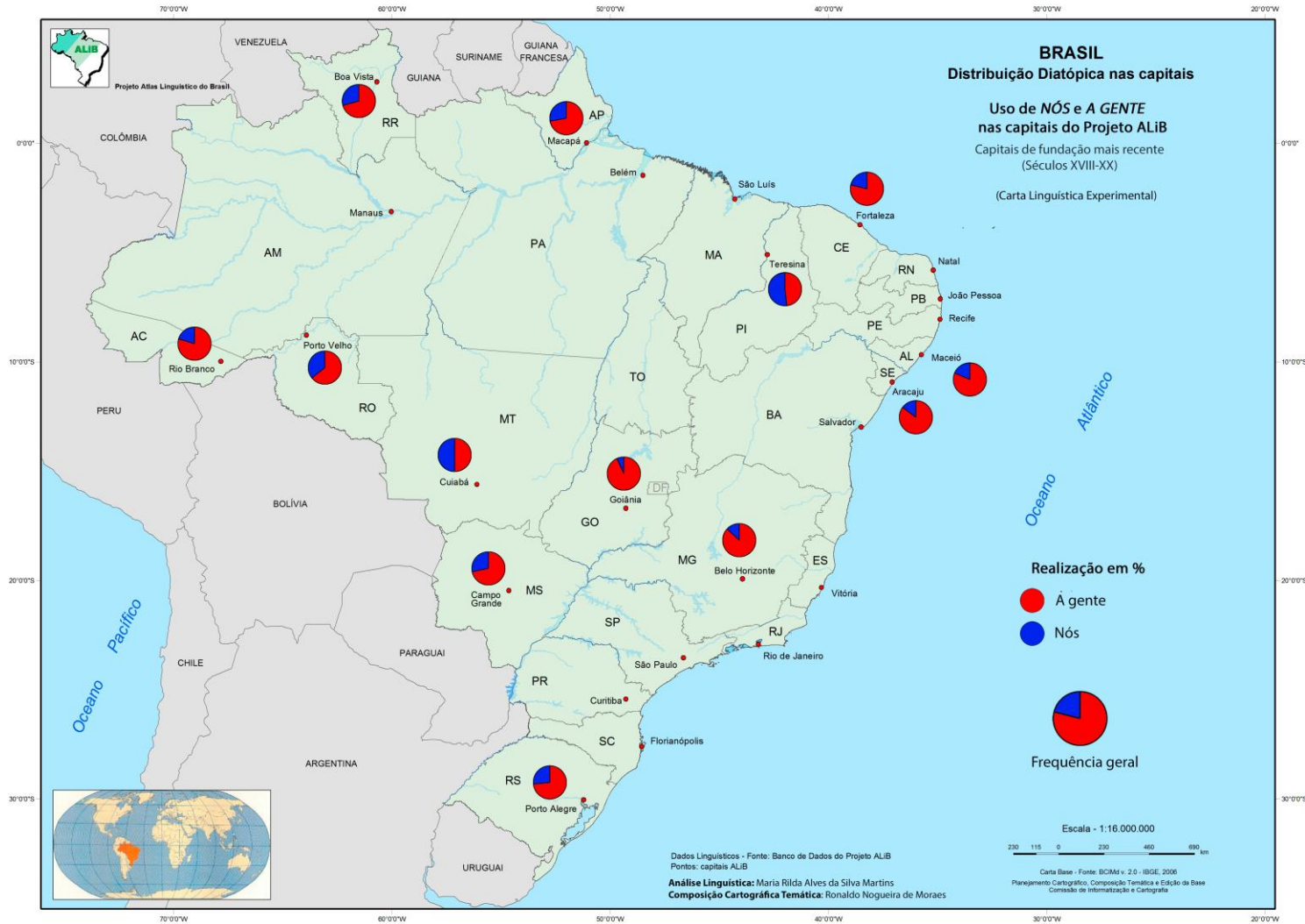
Na Carta Linguística 8, constatamos que o *a gente* tem um percentual maior de uso nas capitais mais antigas, com um pouco mais de 79% em Manaus, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Salvador, Vitória, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. Em Belém e Florianópolis, o *nós* ocorre com maior incidência, apresentando, aproximadamente, o percentual de 35%, ao contrário daquelas capitais em que seus percentuais não chegaram a 22% para a variante *nós*.

Carta Linguística 8 - Distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* em função do tempo de formação das capitais mais antigas.



Fonte: Elaboração própria (2022) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Carta Linguística 9 - Distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* em função ao tempo de formação das capitais mais recentes.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

No resultado da variação de *nós* e *a gente* nas capitais mais recentes, representadas na Carta Linguística 9, é possível constatar que o *a gente* é usado com o percentual maior que 70% em Belo Horizonte, Fortaleza, São Luís, Aracaju, Porto Alegre, Macapá, Boa Vista e Rio Branco. Comparando os percentuais da variante *nós* em relação à formação das capitais, observamos que o *nós* obteve um percentual maior nas capitais mais recentes, apresentando entre 0.9 a 52%, ao contrário das capitais com a formação mais antiga, o percentual foi entre 10 a 35% para a variante *nós*. Considerando a hipótese de Callou e Silva (1997) no sentido de observar se nas cidades de fundação mais antiga favoreceria-se o uso da variante conservadora, no caso, a variante *nós*. Entretanto, o resultado mostrou o contrário, as capitais com fundação mais recente indicaram, levemente, índices maiores para a nova forma.

5.2.3 Distribuição de *nós* e *a gente* nos questionários e nos discursos semidirigidos

Esse foi um dos grupos de fatores não selecionado como significativo pelo programa GoldVarb X, entretanto, por apresentar resultados distintos para cada região, vamos apresentar aqui os percentuais de cada capital.

Os diferentes resultados de cada região podem estar relacionados ao fato de que, ao observar os diferentes estilos de fala, os informantes, em muitos casos, variam a sua forma de expressar. Essa variação vai depender do evento comunicativo e de seus interlocutores.

Nos resultados que serão apresentados neste item, destacamos que, os falantes selecionaram diferentes variantes para interagir com seus interlocutores. As escolhas dessas variantes ora ocorreram naturalmente, com menor preocupação com os inquiridores, pois eles estavam bem envolvidos nas narrativas, ora ocorreram de forma mais monitorada, pois foi possível observar durante as audições das entrevistas que alguns falantes estavam um pouco tímidos (falavam menos, com pouco assunto nas narrativas do discursos semidirigidos). Considerando essas duas possibilidades de ocorrências, destacamos que os fatores sociais estavam correlacionados com esse processo de mudança ou não das variantes de primeira pessoa do plural.

Nesse contexto, destacamos alguns fatores sociais, tais como: o sexo, o grau de escolaridade, a formação, a idade, a ocupação, dentre outros. Apresentaremos a seguir, os resultados desse grupo de fator, começando com a região Norte, depois, a Nordeste, a Centro-Oeste, a Sul, finalizando com a região Sudeste.

Na Tabela 6, abaixo, apresentamos a distribuição das ocorrências dos pronomes *nós* e

a gente na região Norte, referente à variação diafásica:

Tabela 6 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Norte em relação à variação diafásica.

Capitais	Instrumentos	NÓS		A GENTE	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Rio Branco	Questionário	71	20	278	80
	Disc. Semidirigidos	16	21	62	79
Macapá	Questionário	324	27	862	73
	Disc. Semidirigidos	26	37	44	63
Boa Vista	Questionário	106	26	303	74
	Disc. Semidirigidos	41	49	42	51
Manaus	Questionário	76	16	411	84
	Disc. Semidirigidos	11	20	43	80
Porto Velho	Questionário	89	33	180	67
	Disc. Semidirigidos	42	43	56	57
Belém	Questionário	47	37	79	63
	Disc. Semidirigidos	07	23	23	77
TOTAL		856		2.383	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nessa região, a maioria dos informantes utilizou os pronomes *nós* e/ou *a gente* para responder tanto aos questionários como para relatar as situações nos discursos semidirigidos, conforme exemplificados em 41, 42, 43 e 44.

(41) INF. Aqui **nós chamamos** é... igarapé. (F247D).

(42) INF. aqui, **a gente não tinha** esses temporais assim, sabe? (F247D).

(43) INF. Ah, **a gente quando vai** na Bolívia escuta muitos, muitas palavras que eles falam né, e uma das palavras assim que eu me, me marcam muito... (inint), ela não sabia é... carapo, né? Ela não sabe o que significa, o significado de carapo, né? ... Pra ela carapo, ela tava chamando boliviano, né? E cê sabe que carapo é esculhambando, é... como é? ... caralho, né? Parece na linguagem deles, né? (F247D).

(44) INF. agora, **a gente teve** assim no começo, **eu tive** assim uma... certa dificuldade assim de, de rejeição porque... é, é... quando você tá chegando, né?... para um local de trabalho, que tinha uma outra diretora, que todo mundo gostava dela e tudo, né? aí você... você... é elas... assim... você se sente rejeitada, porque você... as pessoas não queriam que aquela pessoa fosse substituída, né? (F247D). (ALiB, 2001. Grifos nossos).

Os percentuais variaram entre 63 a 84% para o uso de *a gente* nos questionários *versus* 16 a 37% para o uso de *nós*. No que diz respeito aos discursos semidirigidos, verificamos uma variação de percentuais entre 57 a 80% para o *a gente*, contra 20 a 49% para o uso de *nós*. Esses resultados mostram que os falantes dessa região optaram por selecionar umas das

variantes de primeira pessoa do plural [NÓS e/ou A GENTE] para responder aos questionamentos da entrevista, representando a primeira pessoa do singular [EU], possivelmente para não expor especificamente às suas nomeações a determinados objetos questionados, eles usavam o *a gente*; em outros momentos, os falantes utilizavam a primeira pessoa do plural [NÓS e/ou A GENTE], generalizando a outros grupos de pessoas da comunidade de fala da região Norte.

Na Tabela 7, analisamos a distribuição das ocorrências das variantes *nós* e *a gente* na região Nordeste referente à variação diafásica.

Tabela 7 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Nordeste em relação à variação diafásica.

Capitais	Instrumentos	NÓS		A GENTE	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Aracaju	Questionário	14	11	119	88
	Disc. Semidirigidos	15	21	58	79
Fortaleza	Questionário	4	27	11	73
	Disc. Semidirigidos	12	20	48	80
João Pessoa	Questionário	06	19	26	81
	Disc. Semidirigidos	21	24	68	76
Maceió	Questionário	38	22	131	78
	Disc. Semidirigidos	11	12	82	88
Natal	Questionário	07	30	16	70
	Disc. Semidirigidos	13	19	57	81
Recife	Questionário	06	2	263	98
	Disc. Semidirigidos	57	25	169	75
Salvador	Questionário	14	14	89	86
	Disc. Semidirigidos	35	37	59	63
São Luís	Questionário	05	3	140	97
	Disc. Semidirigidos	24	17	116	83
Teresina	Questionário	21	38	35	62
	Disc. Semidirigidos	40	66	21	34

Fonte: Elaboração própria (2023).

A Tabela 7 mostra que *a gente* apresentou maiores percentuais nos questionários, variando entre 62 a 98%. Por outro lado, o pronome *nós* nos questionários, mostrou uma variação entre 2 a 38%. Em relação aos discursos semidirigidos, verificamos que os menores índices de uso do *a gente* foram em Teresinha, com 34% e Salvador com 63%, as demais capitais da região Nordeste apresentaram um percentual maior que 70% de uso para o *a gente* nessa categoria.

No que se refere ao uso do *nós* nos discursos semidirigidos, constatamos que, em Maceió, São Luís e Natal, os percentuais ficaram a baixo de 20%. Fortaleza apresentou o percentual de 20%. Com mais de 20%, temos Aracaju, João Pessoa e Recife. Os maiores percentuais para essa categoria em relação à variante *nós*, foram Salvador com 37% e

Teresinha com 66%.

A partir desses resultados, é possível constatar que o *a gente* tem maior incidência de uso nos questionários. Por outro lado, Teresinha apresentou um índice maior de uso para a variante *nós* nos discursos semidirigidos para essa região.

Apresentamos a seguir, na Tabela 8, os resultados da distribuição das ocorrências e percentuais de *nós* e *a gente* na região Centro-Oeste relacionados à variação diafásica.

Tabela 8 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Centro-Oeste em relação à variação diafásica.

Capitais	Instrumentos	NÓS		A GENTE	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Cuiabá	Questionário	150	54	129	46
	Disc. Semidirigidos	107	46	128	54
Campo Grande	Questionário	16	6	274	94
	Disc. Semidirigidos	36	35	68	65
Goiânia	Questionário	25	22	87	78
	Disc. Semidirigidos	14	10	133	90

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados referentes ao uso de *nós* e *a gente* nos questionários mostram que, em Cuiabá o índice foi bem próximo, com 54% para o *nós* e 46% para o *a gente*, nessa capital. Apresentando um resultado diferente, temos Goiânia com 78% para *a gente* versus 22% para a variante *nós* nessa categoria. Campo Grande obteve o maior índice do *a gente* nas respostas aos questionários com o percentual de 94% versus 6% para o uso do pronome *nós*.

No que se refere aos discursos semidirigidos, constatamos que os percentuais de Cuiabá estão bem próximos, com 54% para o pronome *a gente* e 46% para o *nós*. Campo Grande apresentou um percentual um pouco distante entre os pronomes, com 65% de uso para o *a gente* e 35% de uso do *nós* nos discursos semidirigidos. Entretanto, Goiânia foi a capital que apresentou um resultado bem distante entre as variantes de primeira pessoa do plural, com 90% de uso do *a gente* versus 10% para o uso do *nós* nos discursos semidirigidos.

No que se refere à distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Sul do Brasil, sobre a variação diafásica, chegamos aos seguintes resultados apresentados na Tabela 9:

Tabela 9 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Sudeste em relação à variação diafásica.

Capitais	Instrumentos	NÓS		A GENTE	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Curitiba	Questionário	38	18	179	82
	Disc. Semidirigidos	47	18	215	82
Florianópolis	Questionário	59	24	189	76
	Disc. Semidirigidos	173	36	305	64
Porto Alegre	Questionário	35	20	144	80
	Disc. Semidirigidos	32	44	41	56

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados da Tabela 9 mostram que o pronome *a gente* tem o maior percentual de uso nos questionários e nos discursos semidirigidos. Nos questionários o *a gente* apresentou 76% para Florianópolis, 80% para Porto Alegre e 82% para Curitiba. Nos discursos semidirigidos, Curitiba obteve o maior percentual de uso para o *a gente*, com 82%, em segundo lugar vem Florianópolis, com 64%. Em contrapartida, Porto Alegre apresentou um resultado singular, com uma aproximação entre as duas variantes de primeira pessoa do plural, com o percentual de 56% para o uso de *a gente* e 44% para o uso de *nós*.

A Tabela 10 apresenta os resultados da distribuição de *nós* e *a gente* referentes à variação diafásica na região Sudeste do Brasil:

Tabela 10 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Sudeste em relação à variação diafásica.

Capitais	Instrumentos	NÓS		A GENTE	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
Belo Horizonte	Questionário	14	14	86	86
	Disc. Semidirigidos	21	13	144	87
Vitória	Questionário	15	16	78	84
	Disc. Semidirigidos	52	25	152	75
Rio de Janeiro	Questionário	06	12	46	88
	Disc. Semidirigidos	20	22	72	78
São Paulo	Questionário	26	10	235	90
	Disc. Semidirigidos	33	22	120	78

Fonte: Elaboração própria (2023).

Esses resultados mostraram que, na região Sudeste, o uso de *a gente* foi maior que o *nós*, tanto nos questionários, como nos discursos semidirigidos, apresentando um percentual de mais de 75% para essa variante (*a gente*). Ao contrário, o pronome *nós* obteve um percentual entre 10 a 25% nas duas categorias.

Portanto, cada região apresentou aspectos singulares, enquanto em umas, os índices percentuais favoreceram à variante *a gente*, em outras, os percentuais ficaram quase próximos um do outro, para o *nós* e *a gente* nas 25 capitais, referentes às 5 regiões brasileiras.

5.2.4 Variáveis sociais

A partir desse momento, apresentamos os resultados das variáveis sociais selecionadas para esse estudo, tais como: sexo feminino e masculino, faixas etárias I: 18 a 30 anos e II: 50 a 65 anos e Escolaridade: Fundamental e Universitário. Dessas variáveis, o programa estatístico selecionou como significativos os grupos de fatores: Sexo e escolaridade. Faixa etária não foi selecionado como significativo para o programa, mas, mesmo assim, apresentaremos os percentuais dessa variável.

Iniciamos as apresentações dos resultados da região Norte, em seguida, as regiões, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

5.2.4.1 Variação diassexual

A variável diassexual foi a terceira a ser selecionada como relevante pelo programa Goldvarb X para a análise do fenômeno. Os resultados para essa variável podem ser observados na Tabela 11.

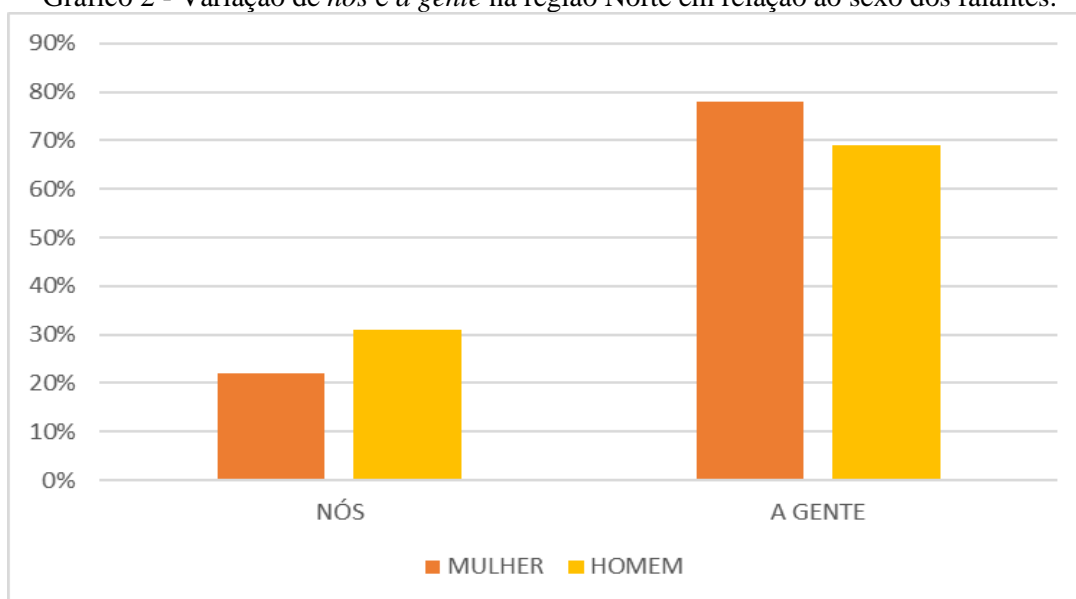
Tabela 11 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* nas cinco regiões em relação ao sexo.

Sexo	NÓS		A GENTE		P.R
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	
Homem	1.320	33.3	2.644	66.7	0.32
Mulher	798	16.4	4.062	83.6	0.64

Fonte: Elaboração própria (2023).

A frequência global de uso do *a gente* foi de 76% nas cinco regiões brasileiras; os homens ficaram abaixo dessa média e as mulheres estão, aproximadamente, 17% acima da média. O pronome *a gente* está mais presente, em termos de aplicação, na fala das mulheres (83.6%) do que na fala dos homens (66.7%), são elas as que favorecem o uso do *a gente*, em termos de peso relativo (0.64).

Apresentamos no Gráfico 2 a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Norte em relação ao sexo.

Gráfico 2 - Variação de *nós* e *a gente* na região Norte em relação ao sexo dos falantes.

Fonte: Elaboração própria (2023).

O resultado geral da região Norte apresentado no Gráfico 2 mostra o percentual maior de uso de *a gente* em ambos os sexos. Quanto a variante *nós*, a porcentagem mostrou-se 31% para o sexo masculino e 22% para o sexo feminino, no cômputo geral o sexo masculino conserva o uso de *nós* e as mulheres avançam 9% em relação a variante *a gente*.

Com o objetivo de verificar de forma mais específica o resultado da variação de *nós* e *a gente* em relação ao sexo dos falantes da região Norte, realizamos um cruzamento da variável sexo com as capitais e obtivemos os seguintes resultados apresentados na tabela 12:

Tabela 12 - Resultado do cruzamento da variável sexo com as capitais da região Norte.

Capitais	Homens				Mulheres			
	Nós		A gente		Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Belém	34	40	50	60	20	28	52	72
Boa Vista	27	18	121	82	120	35	244	65
Macapá	274	37	467	63	76	15	439	85
Manaus	27	20	106	80	60	15	348	85
Porto Velho	77	35	144	65	54	37	92	63
Rio Branco	44	18	201	82	43	24	139	76

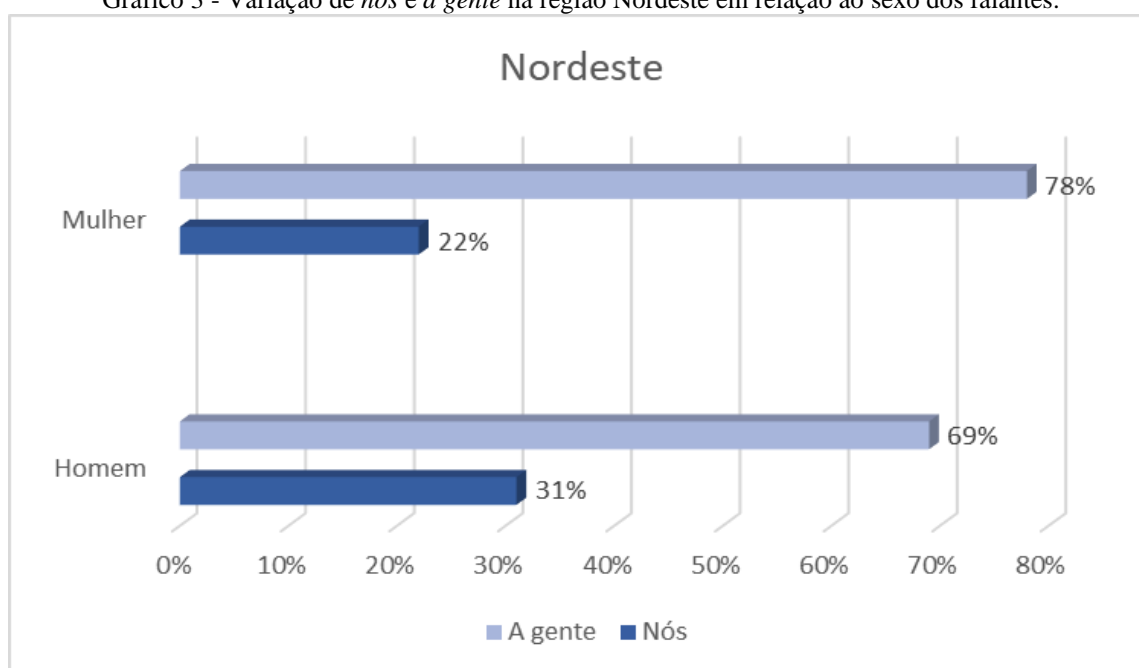
Elaboração própria (2023).

Com relação ao sexo dos falantes por capitais, observamos que, o uso do *nós* é mais frequente no sexo masculino nas seguintes capitais: Belém, com 40%, Macapá, com 37% e Porto Velho, com 35%. Nas capitais: Boa Vista, Manaus e Rio Branco, o percentual ficou entre 80 a 82% para o uso de *a gente* para o sexo masculino. Nas capitais: Macapá, Manaus, e Rio Branco o uso de *a gente* está entre 76 a 85% para o sexo feminino. Em Boa Vista,

Manaus e Rio Branco, apresentam um percentual entre 80 a 82 para o sexo masculino no uso de *a gente*. O sexo feminino apresenta um percentual levemente superior (em torno de 17% a frente) ao sexo masculino, se compararmos todas as capitais e seus percentuais em relação a essa variável.

Apresentamos, no Gráfico 3, a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Nordeste em relação ao sexo.

Gráfico 3 - Variação de *nós* e *a gente* na região Nordeste em relação ao sexo dos falantes.



Fonte: Elaboração própria (2023).

O resultado geral da região Nordeste apresentado no Gráfico 3 mostra o percentual maior de uso de *a gente* em ambos os sexos. Quanto a variante *nós*, a porcentagem mostrou-se 31% para o sexo masculino e 22% para o sexo feminino. No cômputo geral, o sexo masculino conserva o uso de *nós* e as mulheres avançam 9% em relação à variante *a gente*.

Apresentamos, na Tabela 13, o resultado do cruzamento entre a variável sexo com as capitais dessa região.

Tabela 13 - Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Nordeste.

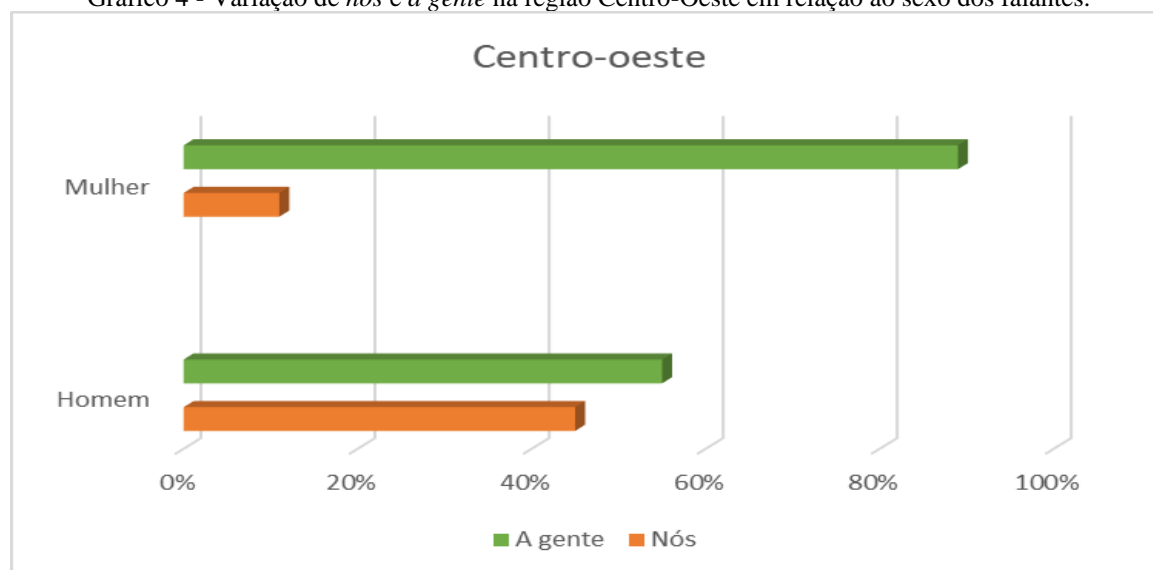
Capitais	Homem				Mulher			
	Nós		A gente		Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Aracaju	12	14	73	86	17	15	94	85
Fortaleza	13	33	26	67	3	8	33	92
João Pessoa	6	13	39	87	21	28	55	72
Maceió	43	65	23	35	6	3	190	97
Natal	12	35	22	65	8	14	51	86
Recife	30	26	85	74	33	9	347	91
Salvador	25	24	81	76	24	26	67	74
São Luís	20	10	183	90	9	11	73	89
Teresina	47	63	28	37	14	33	28	67

Fonte: Elaboração própria (2023).

Constatamos que Fortaleza e Natal distinguem-se quanto aos índices para a variante *nós* em relação ao sexo masculino, com 33 e 35% respectivamente, vindo, a seguir, Maceió e Teresina, que apresentam índices maiores para essa variante em relação ao sexo masculino, com 65 e 63%, respectivamente. Quanto ao sexo feminino, os altos índices foram para a variante *a gente* nas capitais: São Luís (90%), João Pessoa (87%), Aracaju (85%), Salvador (76%) e Recife (74%).

Além das diferenças referentes ao sexo masculino nas 4 capitais citadas no início do parágrafo anterior, em que o uso de *nós* encontra-se um pouco mais elevado, verificamos, no entanto, que, nas demais capitais dessa região, o uso de *a gente* é mais significativo, principalmente em relação ao sexo feminino, com exceção de Teresina, em que o índice foi de 67% para o uso dessa variante. Esse resultado, de forma geral, indica que as mulheres estão um pouco à frente com uso da variante *a gente*, nessa região.

Apresentamos no Gráfico 4 a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Centro-Oeste em relação ao sexo.

Gráfico 4 - Variação de *nós* e *a gente* na região Centro-Oeste em relação ao sexo dos falantes.

Fonte: Elaboração própria (2023).

O resultado geral apresentado no Gráfico 4 mostra o percentual maior de uso de *a gente* para o sexo feminino, com 89%, o uso do pronome *nós* foi de 11% para esse sexo. Quanto ao sexo masculino, os percentuais ficaram quase iguais, com 55% de uso de *a gente* e 45% para o uso da variante *nós*. No cômputo geral, o sexo masculino conserva o uso de *nós* e as mulheres avançam 34% em relação à variante *a gente*.

Apresentamos, na Tabela 14, o resultado do cruzamento entre a variável sexo com as capitais dessa região.

Tabela 14 - Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Centro-Oeste.

Capitais	Masculino				Feminino			
	Nós		A gente		Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Cuiabá	218	56	168	44	39	30	89	70
Campo Grande	51	40	75	60	10	11	80	89
Goiânia	19	15	108	85	11	4	299	96
Total	288		351		60		468	

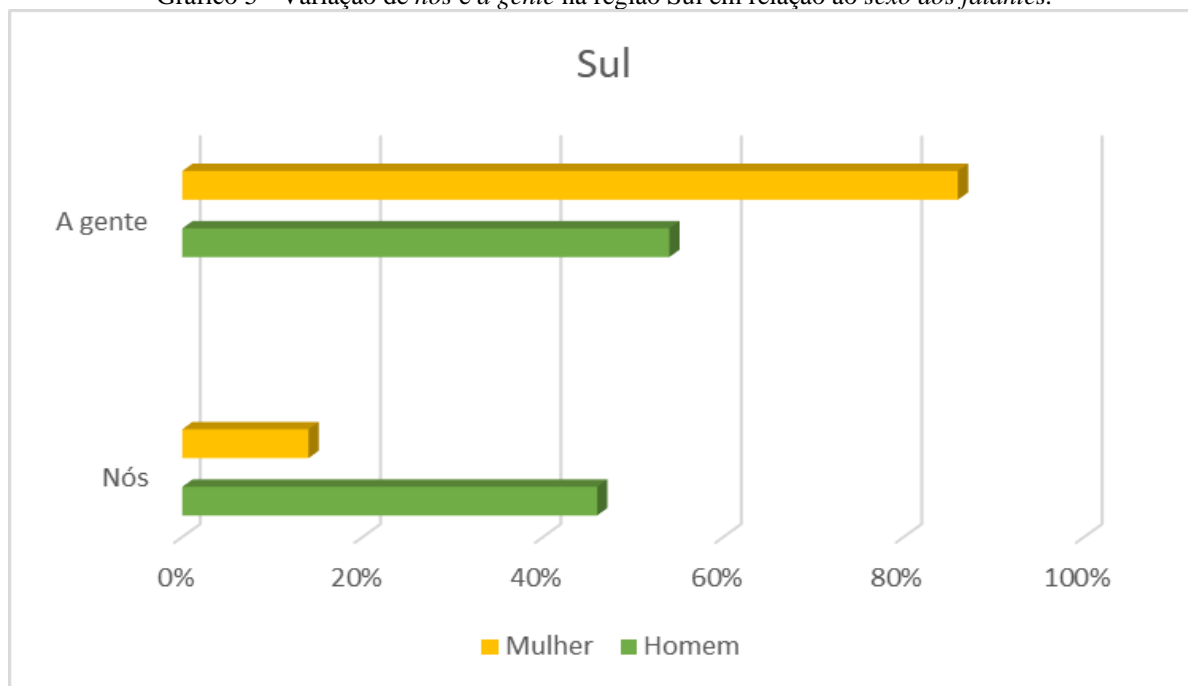
Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados mostram que a variante *a gente* tem maior índice de realização no falar das mulheres, com percentuais que vão de 70 a 96% para esse sexo. O sexo masculino apresenta o percentual maior para a variante *nós*, em Cuiabá, com 56%. Em Campo Grande e Goiânia os percentuais maiores foram para o uso de *a gente*, com 60 e 85%, respectivamente. Observamos, em particular, o alto índice de uso da variante *nós* em Cuiabá no falar dos homens, que tende a conservar o uso desse pronome. Essa capital é umas das poucas que

apresentam um número maior de ocorrências dessa variante (*nós*).

Apresentamos no Gráfico 5 a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Sul em relação ao sexo.

Gráfico 5 - Variação de *nós* e *a gente* na região Sul em relação ao *sexo dos falantes*.



Fonte: Elaboração própria (2023).

O resultado geral apresentado no Gráfico 5 mostra um percentual bem próximo para o sexo masculino, com 54% para o uso de *a gente*, e 46% para o uso de *nós*, ao contrário, o sexo feminino apresenta um percentual bem maior para o uso de *a gente*, 86%, e apenas 14% para o uso de *nós*. Nessa região, predomina o uso de *a gente* no falar do sexo feminino, o sexo masculino ainda conserva mais o uso do *nós* nas capitais do Sul.

Tabela 15 - Resultado do cruzamento entre os sexos dos falantes com as capitais da região Sul.

Capitais	Masculino				Feminino			
	Nós		A gente		Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Curitiba	31	20	123	80	54	17	271	83
Florianópolis	185	60	124	40	47	11	370	89
Porto Alegre	38	43	50	57	29	18	135	82
Total	254		297		130		776	

Fonte: Elaboração própria (2023).

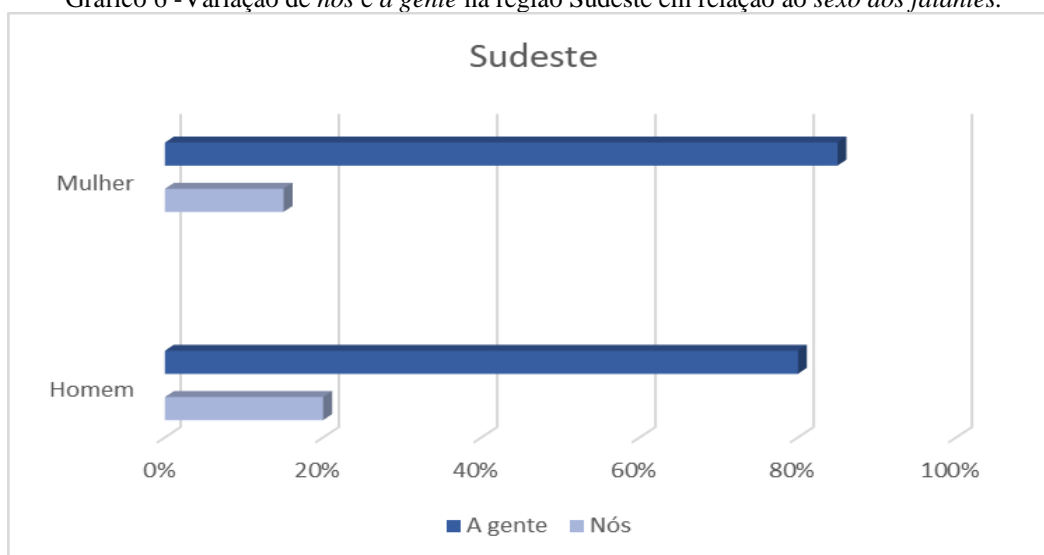
Para verificar de forma mais específica o uso de *nós* e *a gente* nas capitais, realizamos um cruzamento do grupo de fator sexo *versus* capital.

No Gráfico 6, estão os percentuais das ocorrências de *nós* e *a gente* na região Sul em relação ao sexo, em que pode ser observado a diferença entre cada uma das capitais. Referente ao uso de *nós*, verificamos, respectivamente: 60% em Florianópolis, 43% para Porto Alegre e 20% de ocorrências em Curitiba para o sexo masculino.

No que diz respeito ao uso de *a gente*, os percentuais de ocorrências foram bem maiores para o sexo feminino, apresentando 89% em Florianópolis, 83% em Curitiba e 82% em Porto Alegre. Em relação ao sexo masculino, essa variante tem alto índice de uso em Curitiba, com 80% de ocorrências.

Observamos que, em Florianópolis, o uso de *nós* predomina mais na fala dos homens e, em segundo, vem Porto Alegre que apresentou um índice bem significativo para essa variante. Entretanto, o pronome *a gente* apresentou mais de 80% para o sexo feminino em todas as capitais dessa região, incluindo também esse percentual para os homens em Curitiba.

Gráfico 6 -Variação de *nós* e *a gente* na região Sudeste em relação ao *sexo dos falantes*.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Verificamos, portanto, a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* em relação ao sexo, com 80% de uso de *a gente*, para o sexo masculino, e 85% de uso de *a gente*, para o sexo feminino. Temos, portanto, um pequeno aumento no índice percentual em relação ao uso do *nós* no falar dos homens e um pequeno avanço no uso da forma *a gente* no falar das mulheres, o que, possivelmente, poderia manter a hipótese de Labov, de que as mulheres tendem a ser as propagadoras das novas formas, ou as líderes da mudança linguística.

Tabela 16 - Resultado do cruzamento dos sexos dos falantes com as capitais da região Sudeste.

Capitais	Homem				Mulher			
	Nós		A gente		Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Belo Horizonte	17	23	57	77	18	9	173	91
Rio de Janeiro	19	23	62	77	7	11	56	89
São Paulo	25	13	164	87	34	15	191	85
Vitória	26	29	64	71	41	20	166	80
Total	87		347		100		586	

Fonte: Elaboração própria (2023).

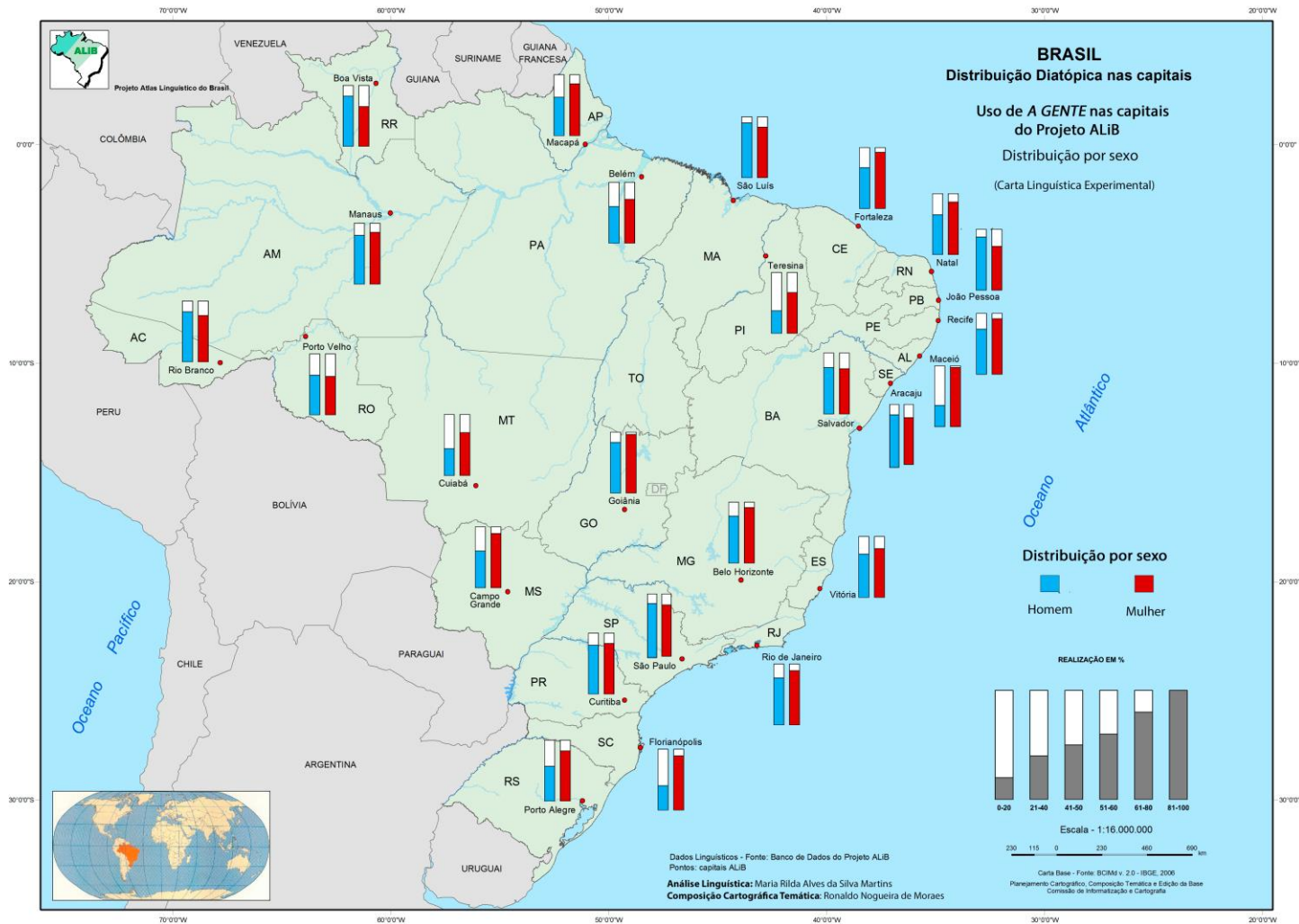
Para verificar de forma mais detalhada o uso de *nós* e *a gente* para essa região, realizamos o cruzamento da variável sexo com as capitais e constatamos que 87% dos falantes masculinos de São Paulo usam o *nós*; 77% no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, e 71% em Vitória. Por outro lado, as mulheres de Belo Horizonte apresentam um índice maior de uso do pronome *a gente* com 91% de uso, em seguida, vem o Rio de Janeiro com 89%, São Paulo, com 85% e, por último, Vitória, com 80% de frequência de uso da variante *a gente* para esse sexo.

Comparando os resultados dessa variável em relação às cinco regiões, notamos que a distribuição da variante *nós* mostrou-se bem distinta: enquanto as regiões Norte e Nordeste apresentaram um percentual entre 30 a 27,1%, nas regiões Centro-Oeste e Sul os índices aumentaram, respectivamente, para 45,1% e 46,1%. Na região Sudeste os índices para essa variante cai para 20% de frequência de uso. Por outro lado, a variante *a gente* foi a que apresentou os maiores índices de uso, com percentuais entre 77,6 a 88,6% para o sexo feminino, e 53,9 a 80% para o sexo masculino.

Esses resultados nos dão uma pista quanto ao *status* da variante *a gente*, considerando-se que a Sociolinguística pressupõe que as mulheres encabeçam variação e mudança linguística quando essas são prestigiadas. A variante *a gente* não é uma forma estigmatizada quando são usada com os verbos na terceira pessoa do singular, assim como representada na maioria dos casos de uso dessa variante na amostra aqui em estudo. O sexo masculino mostrou um índice maior de conservação da variante *nós* nas diferentes regiões.

A seguir, apresentamos a Carta Linguística 10 com os percentuais para o grupo de fator sexo em cada capital:

Carta Linguística 10 - Distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* em relação ao sexo nas capitais.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Ao lado direito dessa Carta Linguística, podemos visualizar duas capitais localizadas na região Nordeste com índices percentuais mais altos para a variante *nós* na fala dos homens, com 65% de uso, em Maceió, e 63% em Teresina. Na região Sul, observamos que Flórianópolis apresenta 60% e Porto Alegre 43% de uso do pronome *nós* no falar masculino. Ainda, a variante *nós*, usada pelos homens, pode ser observada ao lado esquerdo do mapa, os percentuais com índices entre, 35%, 40% e 56% para as capitais: Porto Velho, Campo Grande e Cuiabá, respectivamente.

Com relação à variante *a gente* na fala dos homens, na região Norte e Nordeste, os percentuais maiores que 80% podem ser visualizados nas capitais: Boa Vista (82%), Rio Branco (82%), São Luís (90%), João Pessoa (87%) e Aracaju (86%). Na região Centro-Oeste, Goiânia (85%), e, no Sudeste, São Paulo (87%).

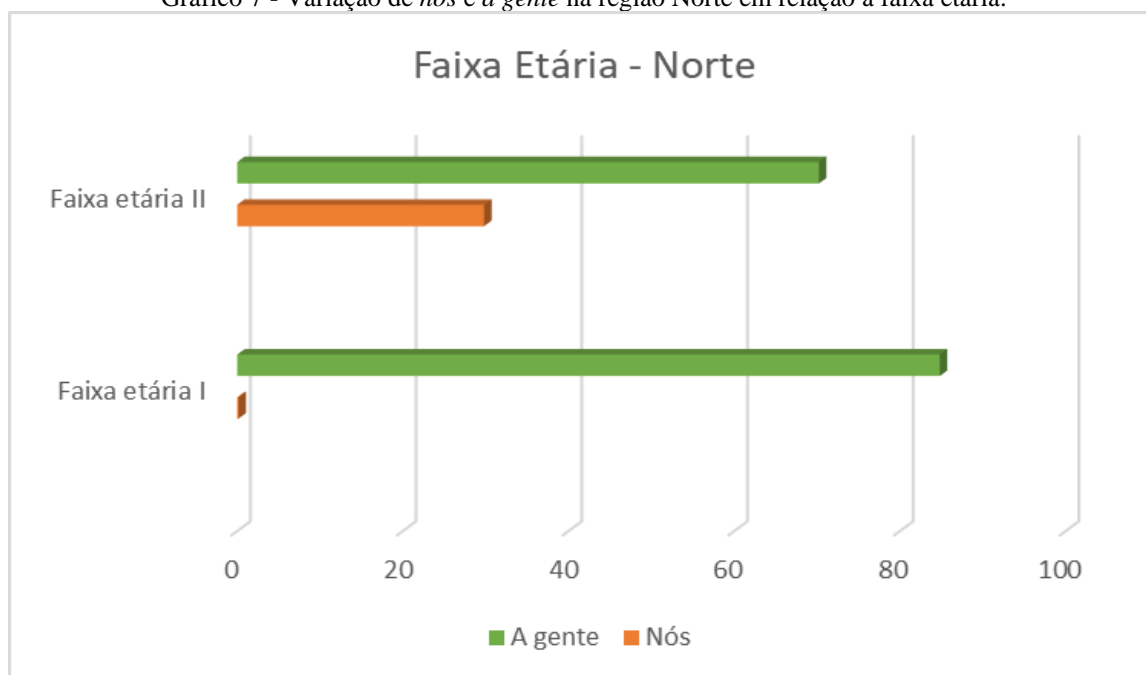
Passando para as realizações da variante *nós* na fala das mulheres, os maiores índices percentuais podem ser observados nas capitais da região Norte: Porto Velho (37%), Boa Vista (35%) e, no Nordeste, a capital Teresina (33%).

Mantêm a tendência para o maior uso de *a gente* na fala das mulheres, com percentuais acima de 80%, as capitais das regiões: Norte (Macapá e Manaus com (85%)); Nordeste (Maceió (97%), Fortaleza (92%), Recife (91%), São Luís (89%), Natal (86%) e Aracaju (85%)); Centro-Oeste (Goiânia (96%) e Campo Grande (89%)); Sul (Florianópolis (89%), Curitiba (83%) e Porto Alegre (82%)); e Sudeste (Belo Horizonte (91%), Rio de Janeiro (89%) e São Paulo (85%)).

Os resultados dos dados desse grupo de fator anunciaram que as mulheres tendem a propagar mais a variante *a gente*. Os homens apresentaram índices levemente mais altos para o uso da forma *nós*, embora o uso da variante *a gente* pelos homens, também, tenha sido significativa, com índices mais altos (acima de 80%) em 7 capitais brasileiras. As mulheres alcançaram índices elevados em mais de 15 capitais, em relação ao uso da forma inovadora *a gente*.

5.2.4.2 Variação diageracional

Esse grupo de fator não foi selecionado como significativo pelo Programa, entretanto, apresentamos os resultados percentuais dessa variável. No Gráfico 7, mostramos o percentual geral de uso de *nós* e *a gente* em relação à variável faixa etária.

Gráfico 7 - Variação de *nós* e *a gente* na região Norte em relação à faixa etária.

Fonte: Elaboração própria (2023).

O resultado do grupo faixa etária aponta os falantes de 18 a 30 anos com maiores índices de realização do pronome *a gente*, com variação entre 70.2% a 84.8%. Os falantes do grupo II de 50 a 65 anos, também apresentaram altos índices da variante *a gente*, porém nessa faixa etária, os percentuais para o pronome *nós* aumentam nas regiões Centro-Oeste, Norte, Sul e Nordeste, variando entre 36% a 27%, conforme resultados gerais de todas as regiões que podem ser visualizados na Tabela 17.

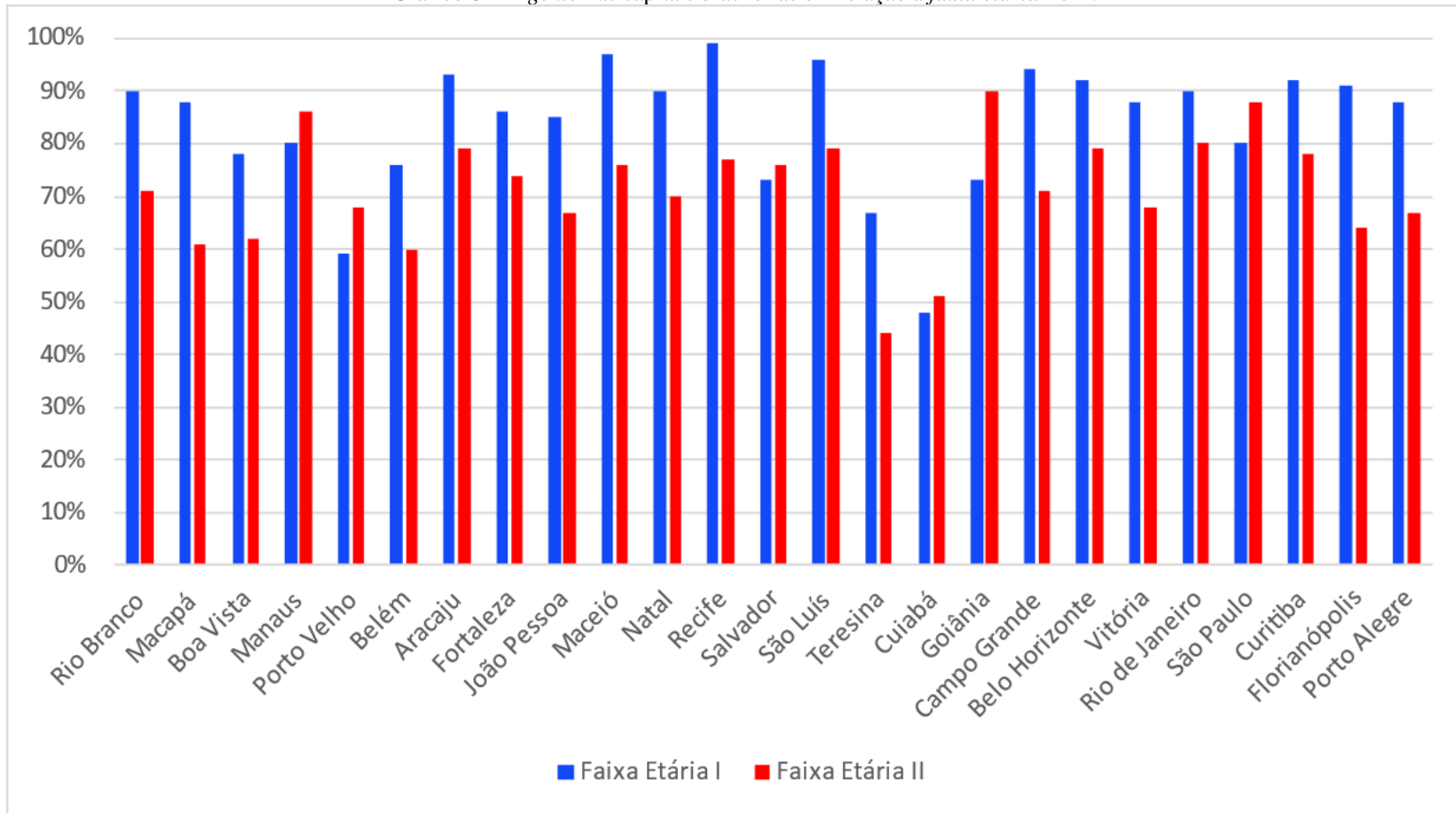
Tabela 17 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* nas cinco regiões em relação à faixa etária.

Faixa etária	Pronomes	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul	Sudeste
I: 18 a 30 anos	NÓS	19%	8%	23%	9%	13%
	A GENTE	81%	92%	77%	91%	87%
II: 50 a 65 anos	NÓS	32%	27%	36%	32%	19%
	A GENTE	68%	73%	64%	68%	81%

Fonte: Elaboração própria (2023).

a) No Gráfico 8 apresentamos o resultado da produção de *nós* e *a gente* referente à faixa etária dos informantes das capitais da região norte brasileira.

Gráfico 8 - A gente nas capitais brasileiras em relação à faixa etária I e II.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Na capitais da região Norte, o que chama a atenção são os percentuais da variante *nós* na faixa etária I. Em segundo lugar, vem Belém, com 24% para a variante *nós*, Boa Vista, com 22% e Manaus, com 20%. Macapá e Rio Branco apresentaram 12% e 10%, respectivamente, para a variante *nós* na faixa etária I. Apesar de apresentar um índice de variação entre 20% a 41% para a variante *nós*, na faixa etária I, a variante *a gente* é a mais significativa apresentando percentuais entre 59 a 90% de uso para esse pronome.

A faixa etária II, os índices para o pronome *nós* variam entre 14 a 40% e, para o *a gente*, entre 60 a 86%, o que constata também um índice maior de uso da forma *a gente* nessa faixa etária.

Nas capitais da região Nordeste, os resultados da produção de *nós* e *a gente* referente à faixa etária dos informantes mostram que os informantes de faixa etária I apresentam os percentuais entre 1 a 33% de uso para a variante *nós*, destacando Salvador, com 27%, e Teresina, com 33% de uso do pronome *nós* nessa faixa etária. O uso de *a gente* varia entre 67 a 99% de ocorrências, percentuais bem significativo para o uso dessa variante nessa faixa etária.

Na faixa etária II, os índices para a variante *nós* variam entre 21 a 44%, aumentando um pouco mais de 14% de uso de *nós* nessa faixa etária. As ocorrências da variante *a gente* apresentam percentuais entre 44 a 79%, diminuindo aproximadamente 15% o uso dessa variante nessa faixa etária.

Nas capitais da região Centro-Oeste brasileira, observamos que, em Cuiabá os percentuais então bem próximos para as duas variantes, com 52% de uso do *nós* e 48% de uso para *a gente* na faixa etária I. Para a faixa etária II, nessa capital, os percentuais também não se distanciam, apresentando 49% para o *nós* e 51% para o *a gente*. Diferente dos percentuais de Campo Grande, em que os índices aumentam para o uso da variante *a gente* nas duas faixas etárias, na faixa I, apresenta 27% de uso para o *nós* e 73% para o uso de *a gente*, na faixa II, 29% para o *nós* e 71% para o *a gente*.

Em Goiânia, os percentuais crescem mais ainda para a variante *a gente* nas duas faixas etárias, com 6% de uso de *nós* e 94% de uso de *a gente* para a faixa etária I. Na faixa II, temos 10% para a ocorrência de *nós* e 90% para o *a gente*. As duas últimas capitais, apresentaram índices bem significativos para o uso da variante *a gente*, enquanto Cuiabá apresentou percentuais bem aproximados para as duas variantes nas duas faixas etárias.

Nas capitais da região Sul, é possível constatar que os índices para a variante *nós* na faixa I é menor que na faixa etária II, na primeira, os percentuais são de 8% para Curitiba, 9% para Florianópolis e 12% para Porto Alegre. Na faixa etária II, os índices aumentam para

o uso do *nós*, apresentando os percentuais de 22% para Curitiba, 36% para Florianópolis e 33% para Porto Alegre, um aumento de uso que varia entre 14, 21 e 27%, respectivamente.

Os resultados para a variante *a gente* na faixa etária I varia entre 88 a 92%. Na faixa etária II, a forma *a gente* apresenta percentuais entre 64 a 78%.

Nas capitais da região Sudeste, observamos que, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Vitória, os percentuais estão bem próximos para o uso do *nós* na faixa etária I, com percentuais variando entre 8, 10 e 12, respectivamente. Em São Paulo, o resultado distingue levemente, apresentando o percentual de 20% de ocorrências do *nós* na faixa etária I. O uso de *a gente* é maior na faixa etária I, apresentando percentuais entre 80 a 92% de ocorrências para essa variante. Na faixa etária II, o percentual menor de uso do pronome *nós* é em São Paulo, com 12%. As demais capitais apresentam percentuais entre 20 a 32% de uso do *nós* na segunda faixa etária. O uso de *a gente* na faixa etária II varia entre 68 a 88%.

A pesquisa tem demonstrado que a idade do falante influi na predominância ou não da nova forma, nesse caso, levando em consideração os resultados gerais por regiões, podemos observar que o menor percentual de realização da variante *a gente* na faixa etária I é de 77% para a região Centro-Oeste, as demais capitais alcançaram índices percentuais acima de 80%. O uso da variante *nós* nessa faixa etária foi de 8 a 23%.

O uso do pronome *a gente* na faixa etária II sofre uma pequena queda nos índices percentuais, variando entre 64 a 81% de realização dessa variante. Por outro lado, o uso do pronome *nós* apresenta leve aumento percentual, apresentando índices entre 19 a 36% de realização dessa forma.

Considerando que os maiores percentuais de uso da variante *a gente* estão na faixa etária I, podemos concluir que esse pronome passa por um processo de mudança em progresso, visto que os falantes da faixa etária II, tendem a conservar a forma mais antiga e os falante de faixa I tendem a aumentar o uso da forma inovadora.

5.2.4.3 Variação diastrática

O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil permite-nos observar e analisar a variação diastrática por meio do controle da variável escolaridade nas 25 capitais brasileiras. Esse grupo de fator foi selecionado como significativo pelo programa GoldVarb X, essa seleção mostra a sua relevância para o entendimento da variação da primeira pessoa do plural.

Tabela 18 - *Nós e a gente* em relação à escolaridade.

Escolaridade	Nós			A gente		
	Apl/Total	%	P.R	Apl/Total	%	P.R
Nível Fundamental	931	21.4	0.675	3.426	78.6	0.325
Nível Universitário	1.187	26.6	0.325	3.280	73.4	0.675
Total	2118			6.076		

Fonte: Elaboração própria (2023).

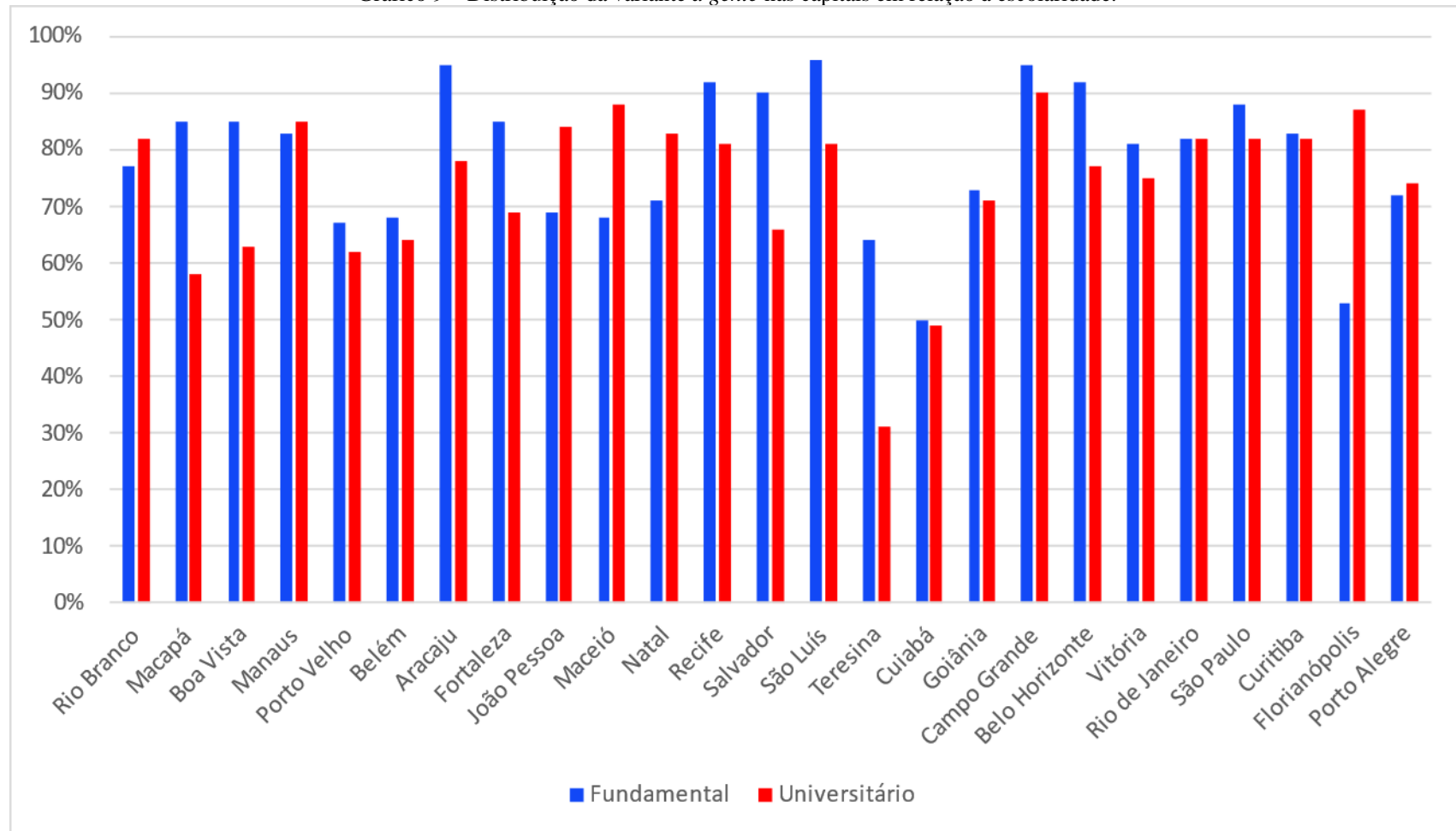
Os dados gerais mostram que, tanto os informantes com nível fundamental de escolaridade, quanto de nível universitário, fazem uso significativo do pronome *a gente*, apresentado pelo peso relativo de 0.675, favorecendo o uso dessa variante. De toda forma, é difícil precisar até que ponto as ocorrências do *a gente* é resultado do processo de escolarização do indivíduo, haja vista que o *a gente* não representa um pronome estigmatizado, quando conjugado na terceira pessoa do singular.

Desse modo, é importante observar o comportamento dessa variável do ponto de vista diatópico, ou seja, o comportamento dessa variável em cada região, bem como em suas respectivas capitais, separadamente. Na Tabela 19 e nos Gráfico 9 e 10 trazemos essas informações:

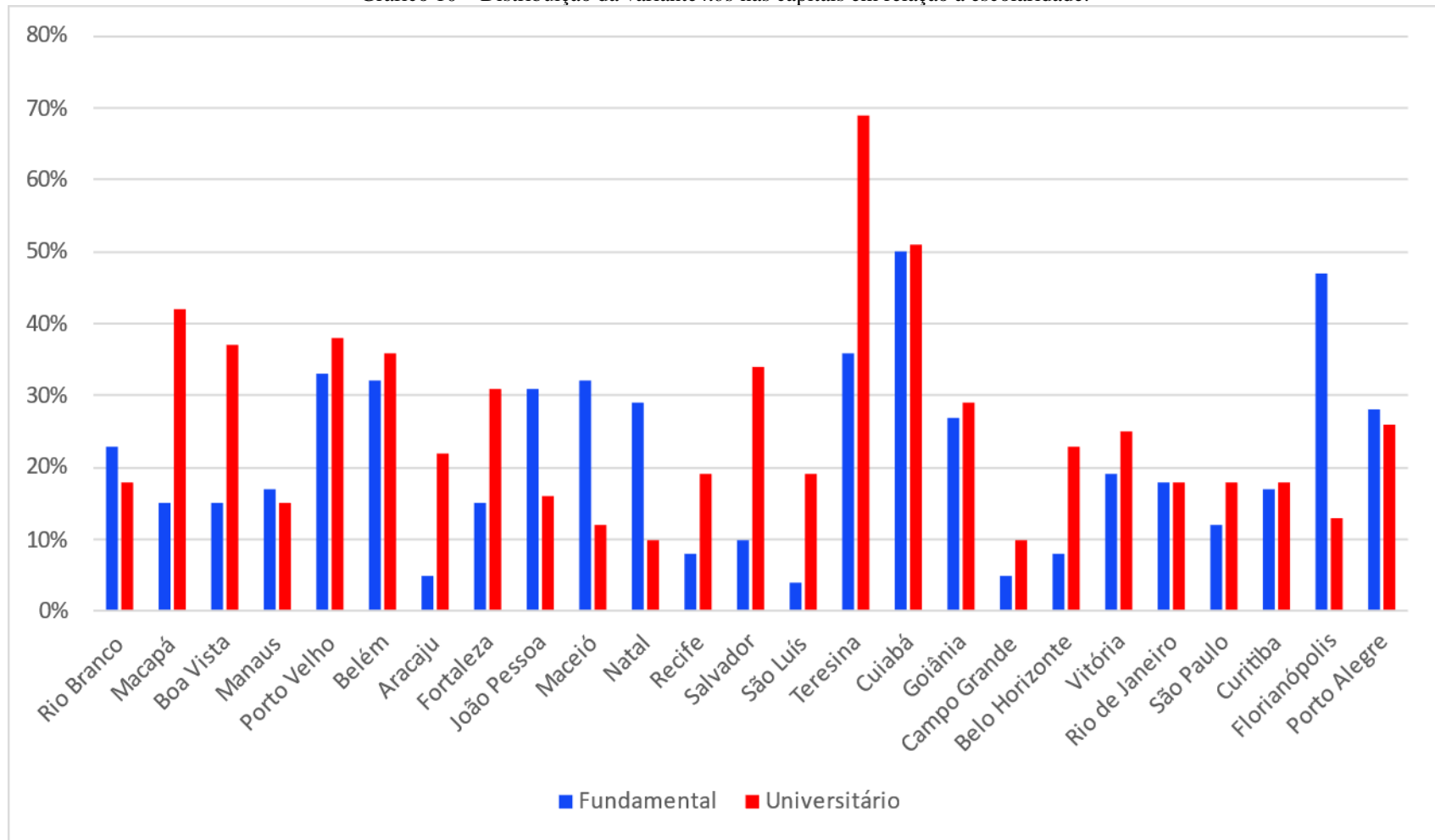
Tabela 19 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* nas cinco regiões em relação à escolaridade.

Escolaridade	Pronomes	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul	Sudeste
Fundamental	NÓS	19%	14%	28%	35%	13%
	A GENTE	81%	86%	72%	65%	87%
Universitário	NÓS	32%	23%	32%	17%	21%
	A GENTE	68%	77%	68%	83%	79%

Fonte: Elaboração própria (2023).

Gráfico 9 – Distribuição da variante *a gente* nas capitais em relação à escolaridade.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Gráfico 10 – Distribuição da variante *nós* nas capitais em relação à escolaridade.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nas capitais da região Norte, os percentuais de uso do pronome nós em relação à variável escolaridade encontram-se bem próximos entre os falantes de nível universitário e os informantes do nível fundamental, em Belém, Rio Branco e Porto Velho. Em Boa Vista e Macapá, a diferença entre os dois níveis de escolaridades é nítida, com os falantes de nível universitário usando mais o nós que os falantes de nível fundamental. Em Belém, Manaus, Rio Branco e Porto Velho observa-se uma diferença bem menor, com pessoas de nível fundamental levemente à frente em relação ao uso do a gente em Belém, Boa Vista, Macapá e Porto Velho. Nas demais capitais, o uso aumenta levemente os percentuais para o a gente no nível universitário.

Além disso, é válido observar o cruzamento dos fatores escolaridade e idade, escolaridade e sexo para se saber quais informações adicionais esse cruzamento pode trazer. A Tabela 20, a seguir, mostra o resultado desse cruzamento. Os resultados dos cruzamentos entre escolaridade e faixa etária e escolaridade e sexo dos informantes das capitais da região Norte estão descritos nas tabelas a seguir:

Tabela 20 - Cruzamento de escolaridade e faixa etária dos informantes das capitais do Norte.

	Fundamental		Universitário	
	Nós	A gente	Nós	A gente
Faixa etária I	16%	84%	22%	78%
Faixa etária II	19%	81%	32%	68%

Fonte: Elaboração própria (2023).

Tabela 21 - Cruzamento de escolaridade e sexo dos informantes das capitais do Norte.

	Fundamental		Universitário	
	Nós	A gente	Nós	A gente
Masculino	20%	80%	39%	61%
Feminino	18%	82%	26%	74%

Fonte: Elaboração própria (2023).

Observamos que o fator escolaridade foi relevante para mostrar que o uso do *a gente* é levemente mais alto no nível fundamental, tanto para os falantes da faixa etária I, quanto para ambos os sexos. O pronome *nós* tende a aumentar os índices no nível universitário, conforme resultados expressos nas Tabelas 20 e 21.

Nas capitais da região Nordeste observamos a maior frequência da variante *a gente* nos dois níveis de escolaridade, exceto em Teresina, que a variante *nós* se destaca no nível universitário, com 56% de uso desse pronome para esse nível de escolaridade. Nessa capital,

destaca ainda a aproximação dos percentuais entre *nós* e *a gente* no nível universitário, 51% para *a gente* e 49% para o *nós*. Em João Pessoa e Salvador, os índices do *nós* no nível universitário aumenta levemente em relação as outras capitais.

Ao analisar os dados de Teresina, percebemos a maior frequência de uso da variante *nós* para o nível universitário. Nesse sentido, voltamos ao inquérito e retiramos alguns trechos para exemplificarmos os usos mais frequentes:

(45) INF. – Peteca, bola de gudi não se chama aqui, é peteca mesmo. Apesar de saber que peteca é aquela que se bate, **nós conhecemos** aqui a vida toda como peteca, viu? (M24O).

(46) INQ. – Mas aí o seu grupo, o que é que você faz, como é que você faz?
INF. – Minha família é almoço... domingo é almoço familiar. É em casa... eu e Rafael. Ou então, se **nós formos** à buate, **marcamos** na minha casa, **deixamos** o carro e **vamos** todos caminhar à buate. (F14O). (ALiB, 2001. Grifos nossos)

Os dois exemplos são de falantes do nível universitário, o primeiro de faixa etária II, sexo masculino e o segundo do sexo feminino, faixa etária I, ambos de Teresina Piauí.

Além disso, é válido observar o cruzamento dos fatores escolaridade e idade, escolaridade e sexo para se saber quais informações adicionais esse cruzamento pode revelar. As Tabelas 22 e 23, a seguir, trazem os resultados desses cruzamentos entre escolaridade e faixa etária e escolaridade e sexo dos informantes das capitais da região Nordeste.

Tabela 22 - Cruzamento de escolaridade e faixa etária dos informantes do Nordeste.

	Fundamental		Universitário	
	Nós	A gente	Nós	A gente
Faixa etária I	4%	96%	13%	87%
Faixa etária II	24%	76%	29%	71%

Fonte: Elaboração própria (2023).

Tabela 23 - Cruzamento de escolaridade e sexo dos informantes do Nordeste.

	Fundamental		Universitário	
	Nós	A gente	Nós	A gente
Masculino	20%	80%	38%	62%
Feminino	7%	93%	16%	84%

Fonte: Elaboração própria (2023).

Observamos que, em relação à escolaridade, o uso do *a gente* é levemente mais alto

no nível fundamental, tanto para os falantes da faixa etária I, quanto da faixa etária II e para ambos os sexos. O pronome *nós* tende a aumentar os índices no nível universitário, conforme resultados expressos nas Tabelas 22 e 23.

O fator escolaridade nas capitais da região Centro-Oeste é bem peculiar se compararmos aos resultados das outras regiões. Essa peculiaridade se destaca em Cuiabá, em que os índices percentuais de uso de *nós* e *a gente* apresentam-se aproximadamente iguais para os dois níveis de escolaridades. Esse resultado indica que a escolaridade não interfere no uso de *nós* e *a gente* nesta capital, pelo fato de os falantes atingirem os mesmos percentuais de uso para ambas as variantes de primeira pessoa do plural.

Em seguida, vem Campo Grande com quase 30% de uso do *nós* nos dois níveis de escolaridades e com 70% de uso do *a gente* no nível universitário e fundamental. Em Goiânia, a frequência de uso para o *a gente* já fica bem mais elevado, chegando aos 90% de uso para essa variante nos dois níveis de escolarização. O uso do pronome *nós* em Goiânia está bem baixa, tanto para o nível fundamental, quanto para o nível universitário.

Realizamos um cruzamento do fator escolaridade com a faixa etária e o sexo dos falantes da região Centro-Oeste para verificarmos a relevância dos resultados. Podemos verificar nas Tabelas 24 e 25 os índices percentuais de cada cruzamento:

Tabela 24 - *Nós e a gente* no cruzamento dos fatores escolaridade e sexo no Centro-Oeste.

Escolaridade/Sexo	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nível Fundamental - Homem	167	41	239	59
Nível Universitário - Homem	121	52	112	48
Nível Fundamental - Mulher	27	10	252	90
Nível Universitário - Mulher	33	13	87	87
Total	348		699	

Fonte: Elaboração própria (2023).

O cruzamento do fator escolaridade com o sexo dos falantes na região Centro-Oeste mostrou resultados bem relevantes para o sexo feminino. As mulheres, independente da escolaridade, são as que menos usam o pronome *nós* e, conseqüentemente, são as que mais usam a forma *a gente*. Isso quer dizer que elas estão na vanguarda no uso da forma inovadora, levando adiante esse pronome. Labov (1990) ressalta que, em fenômenos que não são objetos de avaliação social, fenômenos que até certo ponto estão abaixo do nível da consciência, as mulheres tendem a ser inovadoras, tendem a estar à frente do processo de mudança linguística, expandindo o uso da forma inovadora.

O pronome *a gente* não é estigmatizado pelos falantes, quando é usado com o verbo na terceira pessoa do singular. Dessa forma, a avaliação desse pronome não é negativa, ao contrário, quando usado na primeira pessoa do plural, há indícios de uma avaliação negativa, mas nos dados aqui em estudo, houve pouco caso de uso do pronome *a gente* conjugado na primeira pessoa do plural.

De acordo com os resultados expostos na Tabela 24, as mulheres apresentaram altos índices no uso da variante *a gente* nos dois níveis de escolaridade, do que se pode interpretar que elas são mais receptivas à forma mais nova da primeira pessoa do plural (*a gente*). Esses corolários vão de encontro ao postulado de Labov (2008 [1972]) de que há uma tendência de encontrar uma maior frequência de uso da forma inovadora nos discursos das mulheres, por elas serem consideradas líderes da mudança linguística.

Os homens, por outro lado, são os que mais utilizaram o pronome nós, isso também independente da escolaridade. Os índices apresentaram valores equitativas para ambas as formas no falar do sexo masculino nos dois níveis de escolaridades, se considerarmos o número de ocorrência presentes no *corpus* aqui em análise, o fator relevante, é o sexo, não a escolaridade.

Tabela 25 - *Nós e a gente* no cruzamento dos fatores escolaridade e faixa etária no Centro-Oeste.

Escolaridade/Faixa Etária	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nível Fundamental – Faixa etária I	14	31	246	69
Nível Universitário – Faixa etária I	17	9	179	91
Nível Fundamental - Faixa etária II	83	25	245	75
Nível Universitário - Faixa etária II	137	48	149	52
Total	251		819	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Além das diferenças quanto à faixa etária, nas capitais da região Centro-Oeste em que predomina a variante *a gente*, encontramos valores um pouco mais elevados para os falantes de nível universitário do sexo masculino, resultados que podem fornecer indícios de certo conservadorismo da variante *nós*. A faixa etária I, do nível fundamental, também apresenta um resultado bem representativo para a variante *nós*, bem como a faixa etária II do ensino fundamental. A faixa etária I é a que mais usa a forma inovadora *a gente*, percentuais que podem fornecer indícios de mudança em curso, em relação à forma inovadora, como observa Labov (1972).

Nos resultados das capitais da região Sul, notamos que os falantes do nível fundamental tendem a usar da variante *a gente* com maior frequência, apresentando

percentuais entre 88 a 92%. Os falantes universitários avançam moderadamente os percentuais para o uso da variante *nós*, apresentando índices entre 22 a 36% de uso dessa variante. Florianópolis e Porto Alegre apresentam o maior índice de uso da variante *nós* no nível universitário, com 33 e 26%, a outra capital apresenta índice mais baixo, com o percentual 22% de uso dessa variante.

Realizamos um cruzamento do fator escolaridade com a faixa etária e o sexo dos falantes da região Sul para verificarmos a relevância dos resultados. Podemos verificar nas Tabelas 26 e 27 os índices percentuais de cada cruzamento:

Tabela 26 – *Nós e a gente* no cruzamento dos fatores escolaridade e sexo da região Sul.

Escolaridade/Sexo	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nível Fundamental - Homem	192	57	145	43
Nível Universitário - Homem	62	29	152	71
Nível Fundamental - Mulher	67	17	329	83
Nível Universitário - Mulher	63	12	447	88
Total	384		1.073	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Constatamos, a partir do cruzamento dos fatores escolaridade e sexo dos falantes, que os homens do nível fundamental utilizam mais a variante *nós*, apresentando percentuais de 57%, ao passo que as mulheres desse mesmo nível de escolaridade têm a preferência do uso do pronome *a gente*, com percentuais a cima de 80%. Os homens e as mulheres do nível universitário usam mais o pronome *a gente*, com índices percentuais entre 71 a 88%, respectivamente.

Esse resultado mostra que a variante *a gente* não é avaliada como negativa na fala dos informantes da região Sul do Brasil, pelo alto índice de uso no nível superior. Nesse nível de escolaridade, os falantes têm conhecimentos linguísticos do uso dessas formas, principalmente em relação à forma conservadora (*nós*), a mais disseminada nas escolas, e, mesmo assim, não deixam de usar forma inovadora (*a gente*). Esta não é estigmatizada na fala, mas na escrita, é bem reduzido o seu uso, ou seja, quase não há registro dessa variante na modalidade escrita.

Tabela 27 - *Nós e a gente* no cruzamento dos fatores escolaridade e faixa etária – Sudeste.

Escolaridade/Faixa Etária	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nível Fundamental – Faixa etária I	24	48	113	82
Nível Universitário – Faixa etária I	9	4	207	96
Nível Fundamental - Faixa etária II	235	39	361	61
Nível Universitário - Faixa etária II	116	23	392	77
Total	384		1073	

Fonte: Elaboração própria (2023).

A faixa etária I é a que apresenta percentuais mais elevado para a variante *a gente*, com índices entre 82 a 96% de uso desse pronome, em ambos os níveis de escolaridades. Resultados que podem fornecer indícios de mudanças em curso, em direção à variante *a gente*, como observa Labov (1972).

No Sudeste, a ocorrência do pronome *nós* é mais reduzida, nos dois níveis de escolaridade, com exceção de Vitória que chega a 32%, as outras capitais não ultrapassam 21%, no *corpus* analisado. Quanto a variante *a gente* se destacou nas quatro capitais com percentuais entre 68% e 92% de uso.

Realizamos um cruzamento do fator escolaridade com a faixa etária e o sexo dos falantes da região Sudeste para verificarmos a relevância dos resultados. Podemos verificar nas Tabelas 28 e 29 os índices percentuais de cada cruzamento:

Tabela 28 - *Nós e a gente* no cruzamento dos fatores escolaridade e sexo – Sudeste.

Escolaridade/Sexo	NÓS		A GENTE	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Nível Fundamental - Homem	35	16	190	84
Nível Universitário - Homem	5	25	157	75
Nível Fundamental - Mulher	44	11	342	89
Nível Universitário - Mulher	56	19	244	81
Total	187		933	

Fonte: Elaboração própria (2023).

Observamos a partir do cruzamento dos fatores escolaridade e sexo dos falantes que os homens e as mulheres do nível universitário utilizam mais a variante *nós*, apresentando percentuais entre 19% e 25%, enquanto que, as mulheres e os homens do nível fundamental têm a preferência do uso do pronome *a gente*, com percentuais acima de 80%.

Tabela 29 - *Nós e a gente* no cruzamento dos fatores escolaridade e faixa etária – Sul.

Escolaridade/Faixa Etária	NÓS		A GENTE	
	Ocorrência	%	Ocorrências	%
Nível Fundamental - Faixa etária I	23	10	205	90
Nível Universitário - Faixa etária I	33	15	181	85
Nível Fundamental - Faixa etária II	56	15	327	85
Nível Universitário - Faixa etária II	75	25	220	75
Total	187		933	

Fonte: Elaboração própria (2023).

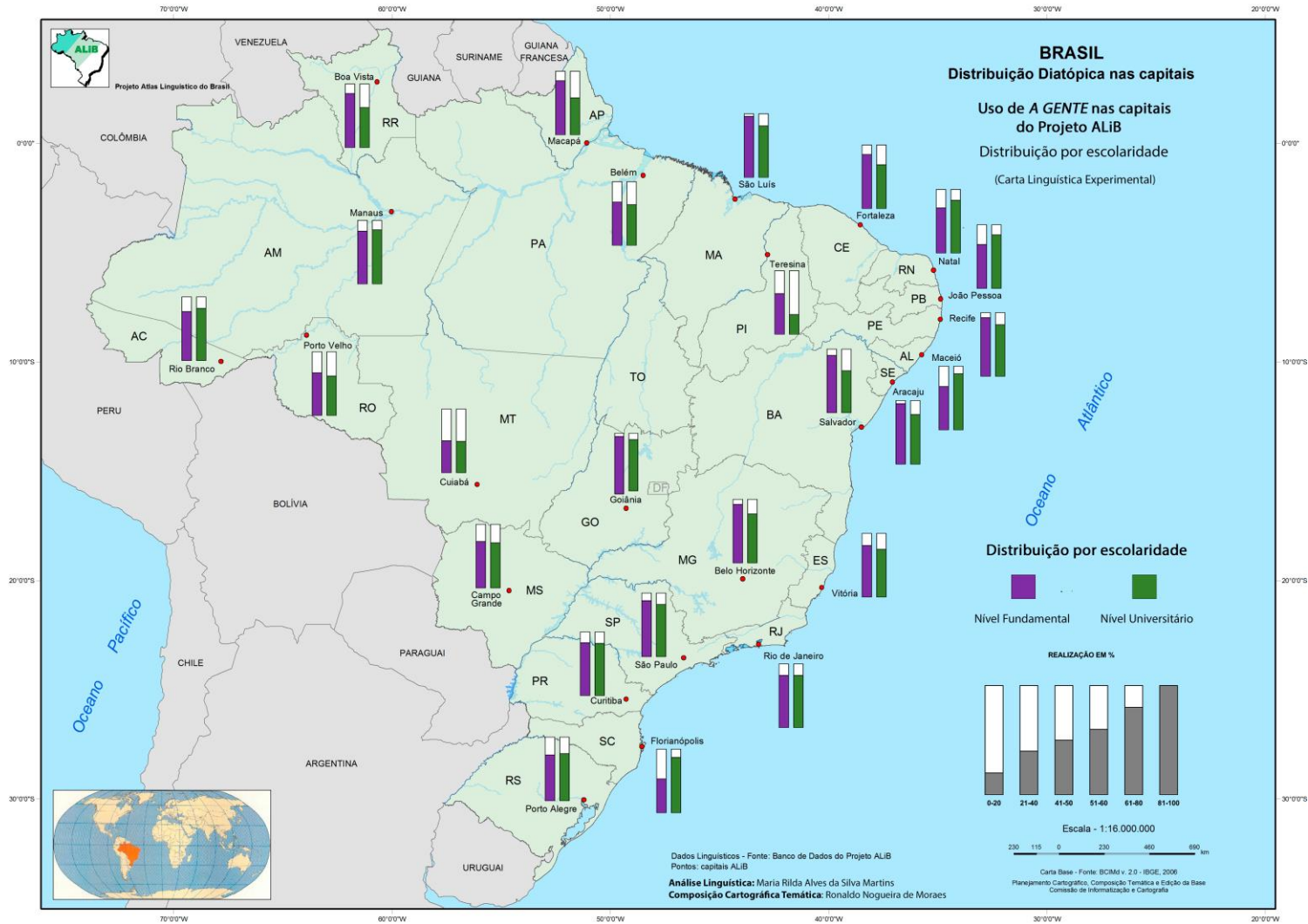
Com relação ao cruzamento entre escolaridade e faixa etária, observamos que os falantes da faixa II do nível universitário são os que mais usam o pronome *nós*, com percentual de 25%, os demais falantes usam a variante *a gente*, apresentando percentuais entre 83% e 90%.

Portanto, os dados gerais mostraram que, tanto os informantes com nível fundamental de escolaridade, quanto os de nível universitário fazem uso significativo do pronome *a gente*, representado pelo peso relativo de 0.675, favorecendo o uso dessa variante.

Quando se analisa separadamente os dados por regiões, principalmente por capitais, os resultados revelam algumas peculiaridades de uso dessas variantes, dadas como exemplo as capitais Cuiabá e Florianópolis, que apresentaram resultados bem diferentes das demais capitais. Cuiabá apontou 50% de uso para cada variante de primeira pessoa do plural e, Florianópolis mostrou 47% para o uso do pronome *nós* e 53% para a variante *a gente* na fala dos informantes do nível fundamental. As outras 22 capitais exibiram índices percentuais acima de 60% de uso para a variante *a gente* nos dois níveis de escolaridade.

Apresentamos a Carta Linguística 11, que trata da variação do pronome *a gente* nas capitais brasileiras.

Carta Linguística 11 - Variação de *a gente* por regiões em função do nível de escolaridade.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Os resultados da realização da variante *a gente* no nível fundamental se aproximam nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, com percentuais entre 81%, 86% e 87%, respectivamente. As regiões Centro-Oeste e Sul apresentam percentuais de 72% e 65%, respectivamente. Para o nível universitário, os índices percentuais para o pronome *a gente* estão assim representados: região Norte e Centro-Oeste com 68%; com 77% o Nordeste e 79% o Sudeste; a região sul, apresentou índice percentual mais elevado, com 83% de realização dessa variante. Em relação ao uso da forma *nós*, os maiores índices estão para o nível universitário, variante entre 17 a 32%.

O uso do *a gente* não parece estigmatizado no desempenho oral dos falantes, uma vez que não é o aumento da escolarização que faz retroceder o uso dessa variante.

5.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Selecionamos para essa análise seis grupos de fatores linguísticos, com o objetivo de observar o(s) ambiente(s) que favorece(m) ou não a realização das formas variantes (*nós/a gente*) da variável dependente (1ª pessoa do plural). A correlação dos fatores espaciais, sociais e linguísticos que permitem compreender o uso de *nós* e *a gente* de modo mais completo e abrangente.

5.3.1 Resultados dos grupos de fatores linguísticos na variação de *nós* e *a gente*

O programa selecionou como estatisticamente significativos todos grupos de fatores linguísticos. O primeiro a ser selecionado foi a marca morfêmica: com -mos e sem -mos, o quinto foi o tempo verbal: o sexto: paralelismo linguístico; sétimo: tipo de referência; o oitavo: função sintática e o nono grupo: preenchimento do sujeito. Apresentamos os resultados seguindo a ordem de codificação dos dados que foram submetidos ao programa para a análise multivariada. Os índices de realização de *nós* e *a gente* encontram-se nas tabelas e gráficos a seguir.

5.3.2 Preenchimento do sujeito: sujeitos explícito(s) e implícito(s)

Esse foi o nono grupo de fator selecionado como significativo pelo programa. O controle dessa variável visa a observar em que frequência o preenchimento ou não do sujeito pronominal condiciona o uso de *nós* e *a gente*, uma vez que estudos linguísticos mostram

que os falantes do Português Brasileiro tendem a realizar foneticamente o sujeito pronominal. A Tabela 30, a seguir, mostra os resultados para este grupo de fator nas cinco regiões brasileiras.

Tabela 30 - Distribuição das ocorrências de *nós* nas cinco regiões em relação ao preenchimento do sujeito.

Preenchimento do sujeito	Ocorrências	%	P.R
Implícito	402	63.8	0.692
Explícito	1716	20.9	0.484
Total	2.118	100	-

Fonte: Elaboração própria (2023).

De acordo com a distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* nas cinco regiões brasileiras, verificamos que a forma pronominal *a gente* é mais frequente quando o sujeito pronominal é realizado explicitamente, apresentando percentuais de 79.1% para o uso explícito *versus* 20.9% para a realização implícita. Os pesos relativos reafirmam os resultados percentuais, demonstrando que o pronome *a gente* tem probabilidade maior de ocorrer quando expresso foneticamente 0.516, ao passo que a realização implícita tende a desfavorecer seu uso, favorecendo, então, a variante *nós* com o peso relativo de 0.692.

Apresentamos, na Figura 7, retirada da rodada que realizamos no programa Goldvarb X, o cruzamento entre preenchimento do sujeito *versus* as cinco regiões, para verificar com maior detalhe a realização dessa variável.

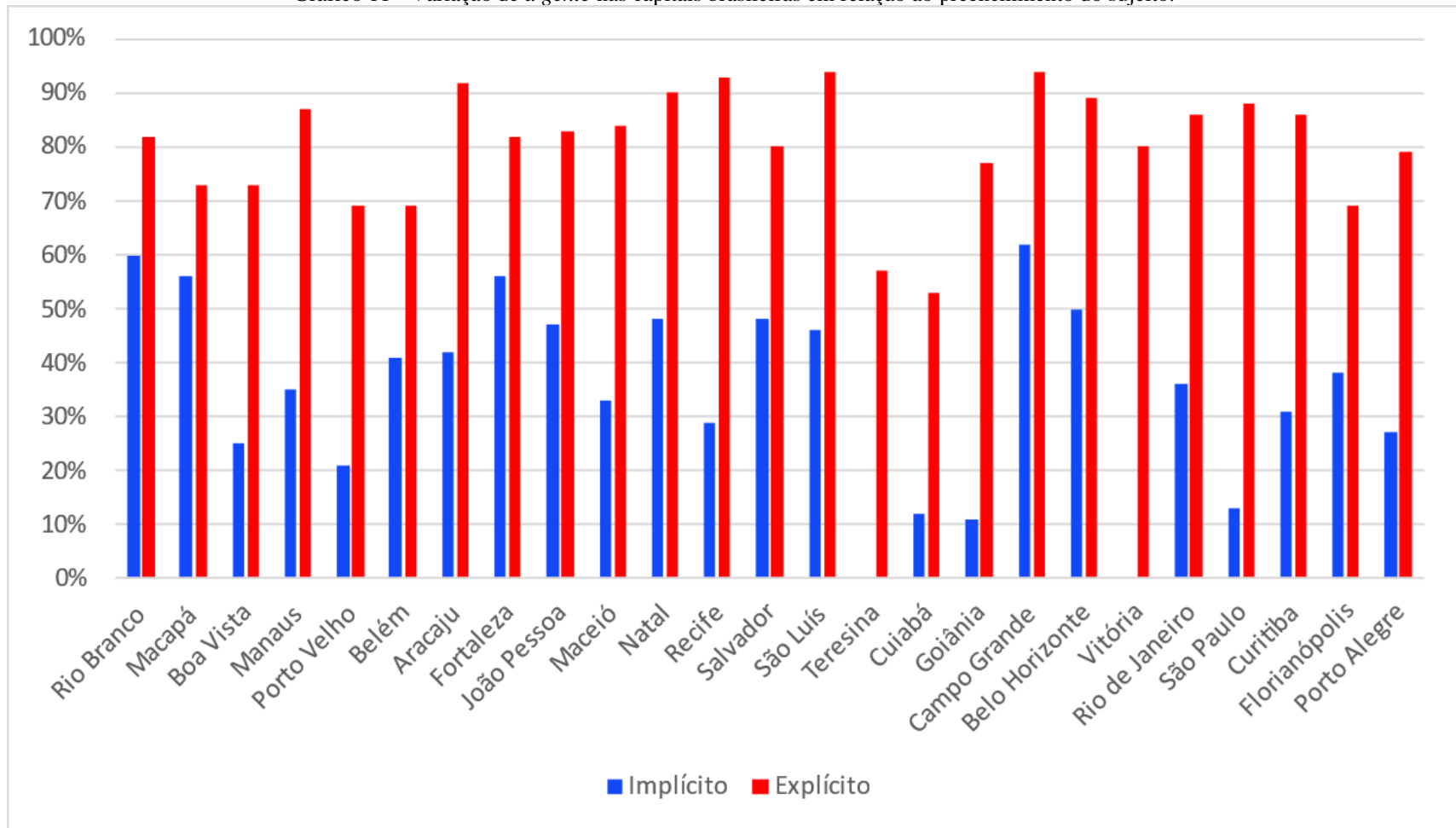
Figura 7 - Cruzamento entre preenchimento do sujeito *versus* as cinco regiões

Grupo:1 horizontal:Preencimento do Sujeito:Implícito e Explícito.
 Grupo:13 vertical:Regiões.

		impl.	%	expl.	%	Total	%
		+ - - -	- + - -	- - - -	- + - -	- - - -	- - - -
Norte	A gente:	103	43:	2279	76	2382	74
	Nós:	135	57:	721	24	856	26
	Total:	238	:	3000		3238	
		+ - - -	- + - -	- - - -	- + - -	- - - -	- - - -
Nordeste	A gente:	77	37:	1421	87	1498	81
	Nós:	129	63:	214	13	343	19
	Total:	206	:	1635		1841	
		+ - - -	- + - -	- - - -	- + - -	- - - -	- - - -
Centro-oeste	A gente:	11	19:	808	73	819	70
	Nós:	47	81:	300	27	347	30
	Total:	58	:	1108		1166	
		+ - - -	- + - -	- - - -	- + - -	- - - -	- - - -
Sudeste	A gente:	13	25:	920	86	933	83
	Nós:	38	75:	149	14	187	17
	Total:	51	:	1069		1120	
		+ - - -	- + - -	- - - -	- + - -	- - - -	- - - -
Sul	A gente:	24	32:	1049	76	1073	74
	Nós:	52	68:	332	24	384	26
	Total:	76	:	1381		1457	
		+ - - -	- + - -	- - - -	- + - -	- - - -	- - - -
Total	A gente:	228	36:	6477	79	6705	76
	Nós:	401	64:	1716	21	2117	24
	Total:	629	:	8193		8822	

Fonte: Obtido através do Programa GoldVarbX - ALiB.

Em seguida, realizamos um cruzamento entre preenchimento do sujeito e as capitais brasileiras. Os resultados podem ser conferidos no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Variação de *a gente* nas capitais brasileiras em relação ao preenchimento do sujeito.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Nos dados das 25 capitais brasileiras, destacamos Teresina e Vitória que não houve ocorrência para a variante *a gente* na categoria de preenchimento do sujeito implícito; Campo Grande, Cuiabá e São Paulo apresentaram índices bem baixo se compararmos com as demais capitais, entre 11, 12 e 13%, respectivamente, de ocorrências para o pronome *a gente* implícito. Os índices das outras capitais ficaram entre 21 e 62% para o *a gente* implícito.

Na categoria de preenchimento do sujeito explícito, o pronome *a gente* obteve um percentual entre 53 e 94% de realização. O pronome *nós* nessa mesma categoria, obteve índices entre 6 a 47%. Portanto, esses dados confirmam os estudos linguísticos já realizados, sobre os usos de sujeitos pronominais explícitos no Português Brasileiro, podem servir para evitar a ambiguidade entre formas de 1ª pessoa e 3ª pessoa do singular de verbos no pretérito imperfeito e presente, em relação à variante *a gente*.

5.3.3 Paralelismo linguístico

O sexto grupo de fator selecionado como significativo pelo programa foi o paralelismo linguístico. Para a análise dessa variável, selecionamos as seguintes variantes: realização isolada (47), na qual há apenas um dado em um mesmo turno de fala, primeiro da série (48) e não primeiro da série (49), conforme se observa em:

(47) (F13MC) INF.– **Nós chamamos de banzero.**

(48) (F13MC) INF. – **Quando a gente tá comendo, a gente nem pensa.** Aí separa uma quantia de queijo e presunto, **aqui a gente come mais aquele presunto apresentado**, mas eu acho ruim, melhor o de peru né, mas custa um pouco mais caro, então eu pego...

(49) (F13MC) INF. – Aqui quando o sol tá muito forte, pessoas que não são daqui, passam mal, se sentem mal, é dificuldade de respiração e tal. **Nós aqui adoramos**, né. (ALiB, 2001. Grifos nossos)

Ilustramos em tabelas e gráficos a produtividade de cada um dos fatores controlados, iniciando pela distribuição geral das cinco regiões, logo em seguida, os percentuais de cada capital.

Tabela 31 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* nas cinco regiões em relação ao paralelismo linguístico

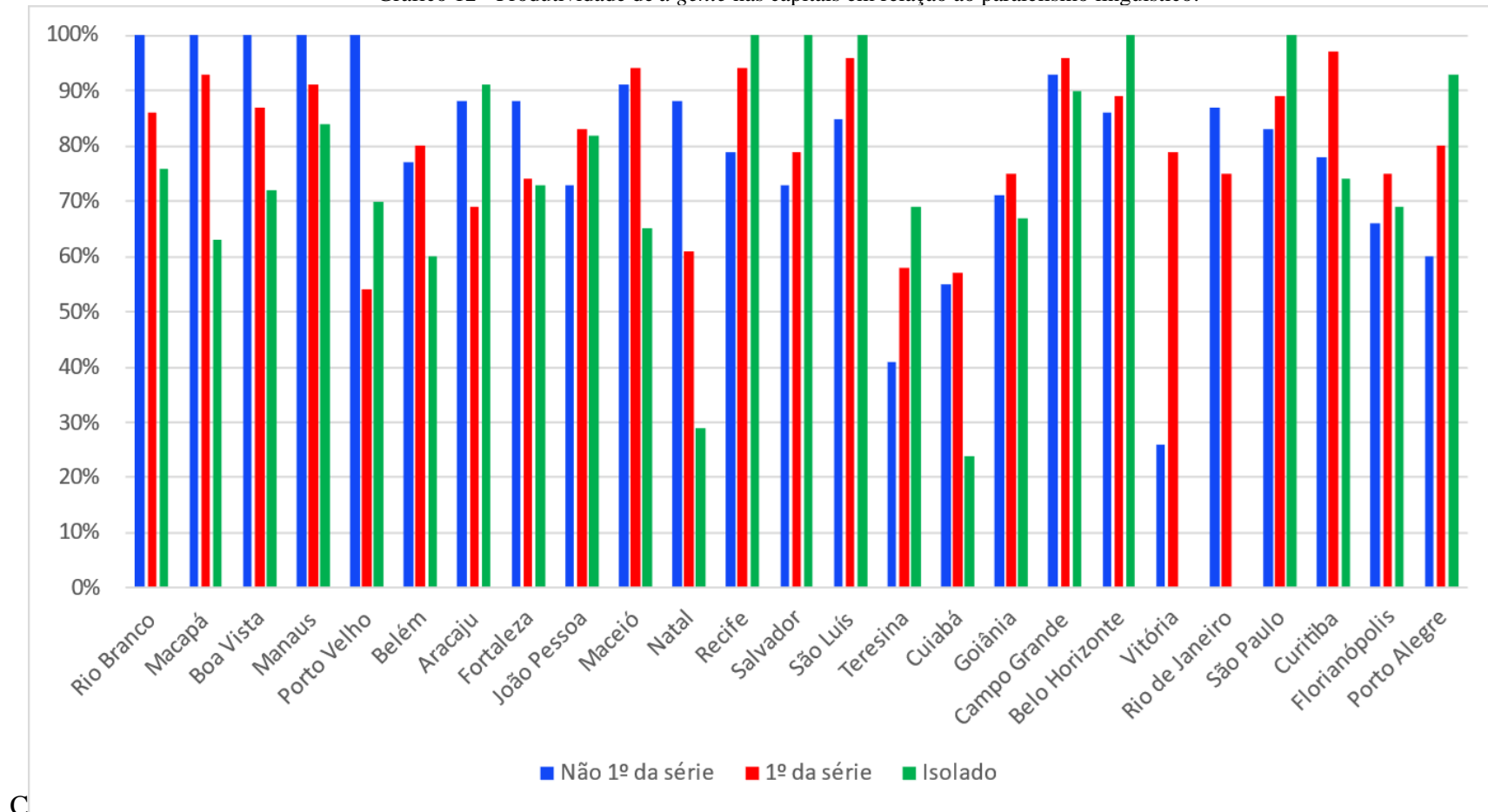
	Não primeiro da série			Primeiro da série			Isolado		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
A gente	2.566	75.4	0.602	2.270	81.4	0.594	1.870	71	0.284
Nós	835	24.6	0.398	520	18.6	0.406	763	29	0.716
Total	3.401	100	-	2.790	100	-	2.633	100	-

Fonte: Elaboração própria (2023).

De acordo com esses resultados, observamos um percentual de 75.4%, para o fator “não primeiro da série” antecedido por *a gente* e um peso relativo de 0.602, em seguida vem o grupo de fator “primeiro da série” apresentando o percentual de 81.4 e o peso relativo de 0.594, valores bem próximos um do outro, mas favorecendo o fator “não primeiro da série” antecedido por *a gente*. Esses dados indicam que os falantes, ao usarem a variante *a gente*, tendem a repeti-la na mesma sequência discursiva. Por outro lado, observa-se que o grupo de fator isolado favoreceu a variante *nós*, apresentando, assim, um peso relativo de 0.716.

Vale ressaltar que, durante as entrevistas, alguns participantes da pesquisa optaram por respostas diretas, ou seja, realização isolada, na qual há apenas um dado em um mesmo turno de fala como: “nós chamamos chuvisco”, sem constituir muitas sequências discursivas utilizando a variante *nós*.

Gráfico 12 - Produtividade de *a gente* nas capitais em relação ao paralelismo linguístico.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados desse grupo de fator respondem ao questionamento desta pesquisa, em relação à tendência de maior uso da variante *a gente* em contextos antecedentes de uma dada sequência discursiva. O que chama a atenção nesse resultado é o número maior da variante *a gente* em relação à posição que esse pronome ocupa, como “primeiro da série” (81.4%) e “não primeiro da série” (75.4%). Omena (1996; 2003) defende que, se o falante repetir uma mesma forma, em uma dada sequência discursiva, isso significa considerar que a presença de uma determinada variante é diretamente proporcional à sua presença em dado posterior. Por exemplo: se um ou mais dados da primeira pessoa do plural são precedidos da variante *a gente*, os dados seguintes tendem a ser da forma *a gente*.

Quando os participantes da pesquisa resolviam explicar uma determinada situação que lhes era questionada, eles começavam com a variante *a gente* e, posteriormente, repetiam várias vezes esse pronome no decorrer da sequência discursiva. Uma vez escolhida a forma, o falante tende a repeti-la, principalmente se não muda o referente (OMENA, 2003, p. 72).

5.3.4 Marca morfêmica

O primeiro grupo de fator selecionado como significativo pelo programa foi a marca morfêmica. Essa variável linguística foi selecionada, considerando o morfema *-mos* e morfema *zero*. Para indicar o morfema *-mos*, as variantes pronominais são expressas foneticamente na função de primeira pessoa do plural, para as variantes *nós* e *a gente*, com a desinência (*-mos*). Para o morfema *zero*, quando as variantes são indicadas por meio da desinência verbal sem (*-mos*), para o pronome *nós* e *a gente*. Exemplificamos com os dados retirados da amostra.

(50) INQ. - E onde se constrói uma casa? Pra gente construir uma casa a gente tem que ter o que primeiro?
(M136C)

INF.- Ah, tem que ter um lote, né? Terreno, né? **Da gente**.
(M13C)

INF.- Num tem... qué ver... Tem várias coisas que **nóis fala** aqui...
INQ.- O que mais?
(M13C)

INF.- Armário mesmo **nóis fala** aqui. (M13C) (ALiB, 2001. Grifos nossos)

A seguir, serão apresentados os resultados gerais das cinco regiões brasileiras, em seguida, as distribuições das ocorrências nas capitais. A Tabela 32, sintetiza os resultados da marca morfêmica nas cinco regiões brasileiras.

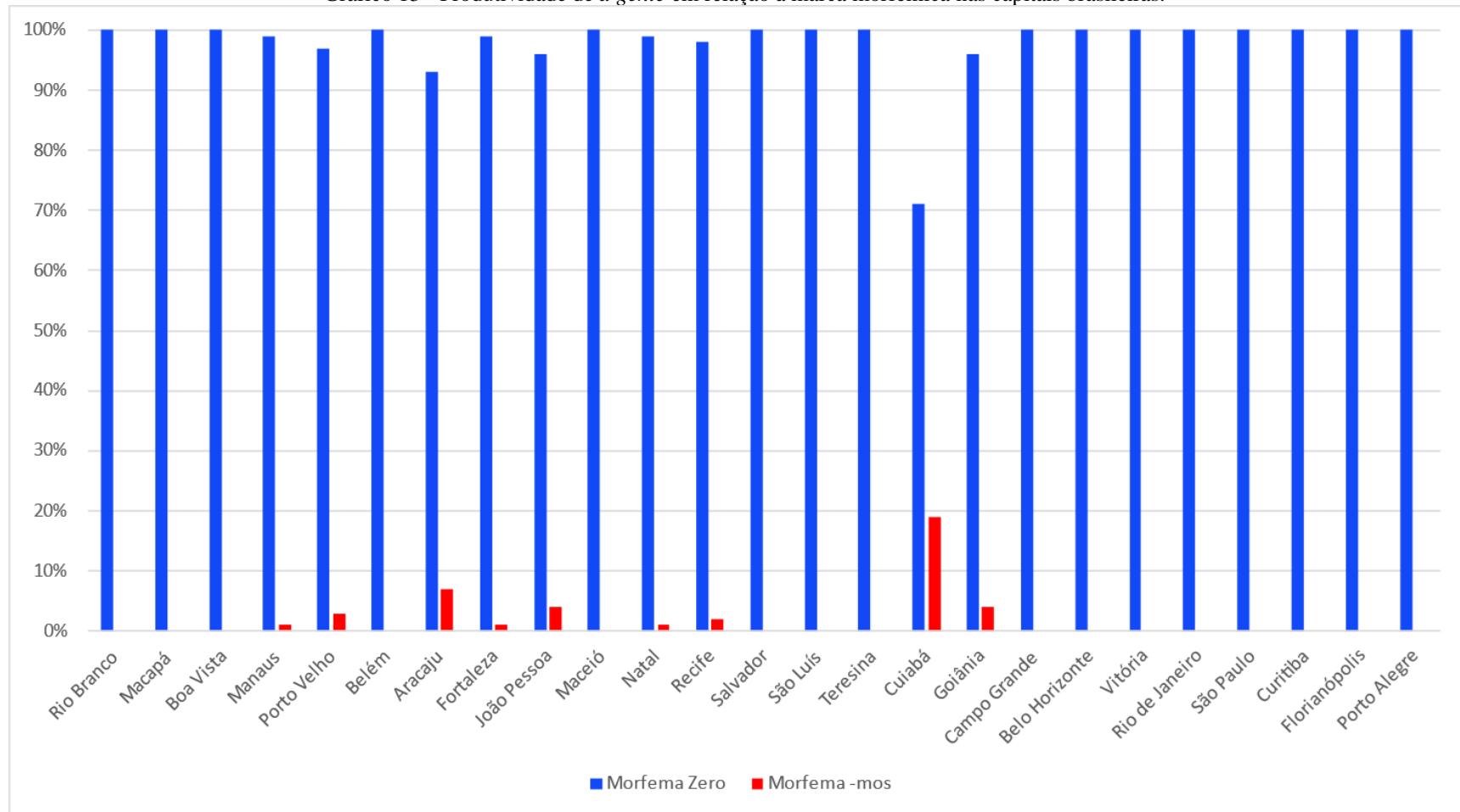
Tabela 32 - Variação de *nós* e *a gente* nas cinco regiões em relação à marca morfêmica.

	Morfema zero			Morfema-Mos		
	Apl.Total	%	P.R	Apl.Total	%	P.R
NÓS	437	6.1	0.143	1617	98.8	1000
A GENTE	6.684	93.9	0.857	19	1.2	-
Total	2.054	100	-	6.703	100	-

Fonte: Elaboração própria (2023).

Como mostra a Tabela 32, o morfema zero é quase categórico para a forma *a gente*, com o percentual de 98,8% contra 1,2% de morfema *-mos*. Por outro lado, o morfema *-mos* tem um percentual altíssimo para a variante *nós*, com 93,9% de *-mos* contra 6,1% de morfema zero. Esse resultado demonstra que no PB, a partir dos dados das capitais, o *a gente* é usado com o verbo na terceira pessoa do singular, enquanto o *nós* ainda é usado com a flexão do verbo na primeira pessoa do plural. Houve 68 ocorrências não codificadas para este grupo de fator, pelo fato de exercer a função de não sujeito, *nós* e *a gente* precedidos de preposição, exemplo: “Quer sentar com nós ali? “Pra nós aqui é canga”.

No Gráfico 13, apresentamos os resultados obtidos em cada capital brasileira em relação à marca morfêmica.

Gráfico 13 - Produtividade de *a gente* em relação à marca morfêmica nas capitais brasileiras.

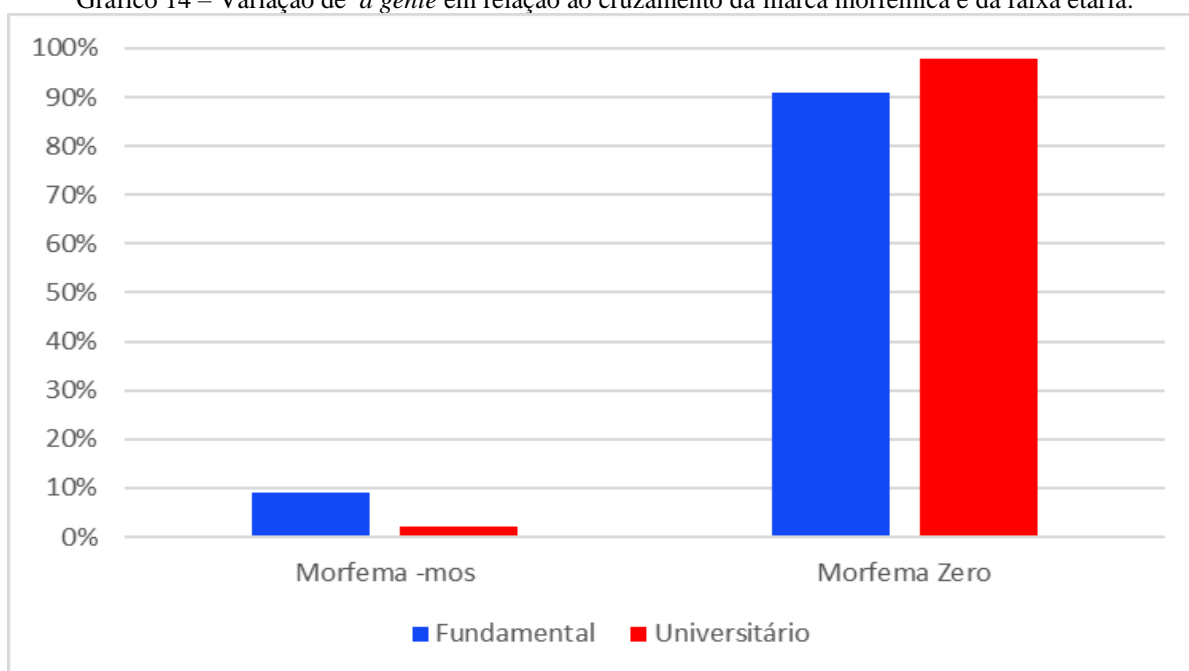
Fonte: Elaboração própria (2023).

Das 25 capitais, apenas 10 registraram ocorrências do *a gente* com o morfema -mos. Macapá, Boa Vista, Manaus, Fortaleza, João Pessoa e Recife, com 1%; Rio Branco e Cuiabá, com 2%; Campo Grande, com 4%; e Aracaju, com a maior frequência de uso, registrou 17%. A variante *nós* sem a desinência -mos foi registrada em 22 capitais. Com o maior percentual de uso, tivemos Cuiabá, com 29%; em seguida, Florianópolis, com 21%; Maceió e Teresina, com 11%; Boa Vista e Manaus, com 6%; João Pessoa, com 5%; Campo Grande e Porto Alegre com 4%; Rio Branco, Porto Velho, Aracaju, Goiânia, Belo Horizonte e Vitória, com 3%; Belém, Salvador e São Paulo, com 2%; Recife, São Luís e Curitiba, com 1%.

Realizamos três cruzamentos com as variáveis: escolaridade, sexo e faixa etária para verificar quais as variantes dessas variáveis mais condicionaram o uso de *a gente* com o morfema -mos e *nós* sem o morfema -mos.

Apresentamos os gráficos que ilustram a produtividade de *a gente* nas cinco regiões referentes ao cruzamento entre: a) marca morfêmica e escolaridade, b): marca morfêmica e sexo e c) marca morfêmica e faixa etária.

Gráfico 14 – Variação de *a gente* em relação ao cruzamento da marca morfêmica e da faixa etária.



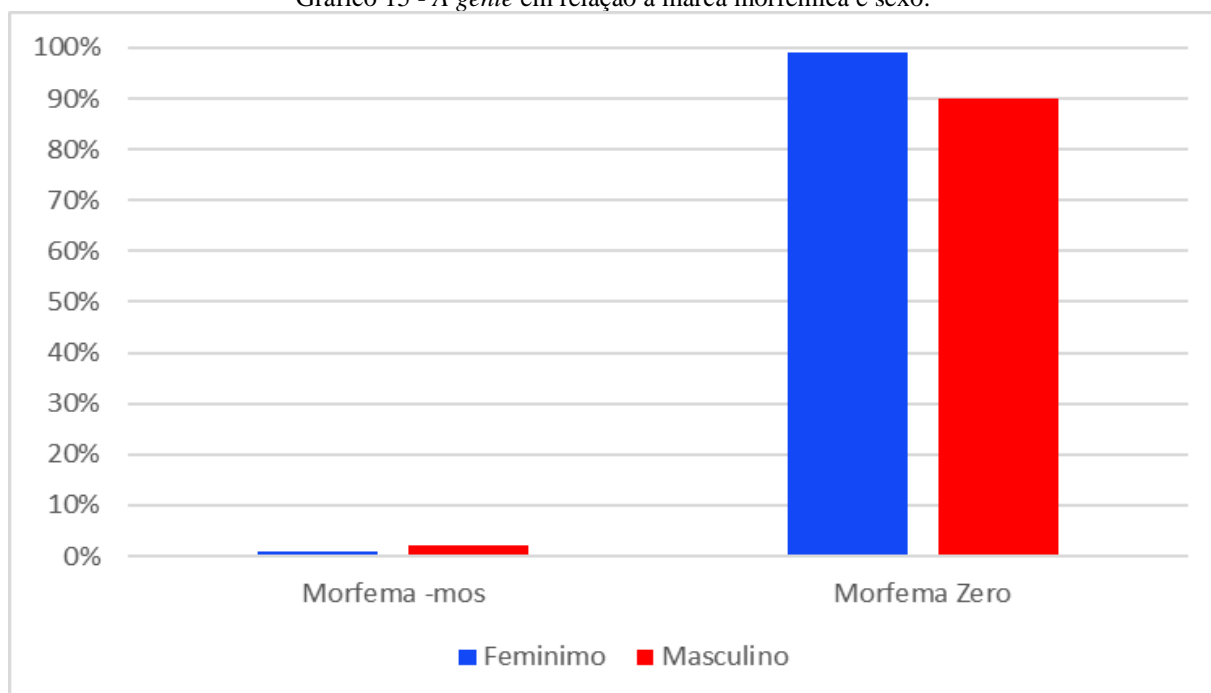
Fonte: Elaboração própria (2023).

Observamos que os informantes do nível fundamental usaram 9% a variante *nós* sem a marca morfêmica -mos e 97% do pronome *nós* com a marca morfêmica, nesse nível de escolaridade. Esses informantes (nível fundamental) usaram 91% da variante *a gente* sem o morfema -mos e 3% com o morfema -mos.

Por outro lado, os informantes do nível universitário, foram categóricos em relação ao uso do pronome *a gente* sem a marca morfológica -mos e 2% de realização dessa variante nesse nível de escolaridade com o morfema -mos.

Na sequência, visualizamos o percentual de 98% da variante *nós* realizado com o morfema -mos. Esse resultado já era de se esperar, considerando que, quanto maior o nível de escolaridade, maior a possibilidade de conhecimento das normas linguísticas e de suas variedades.

Gráfico 15 - *A gente* em relação à marca morfológica e sexo.

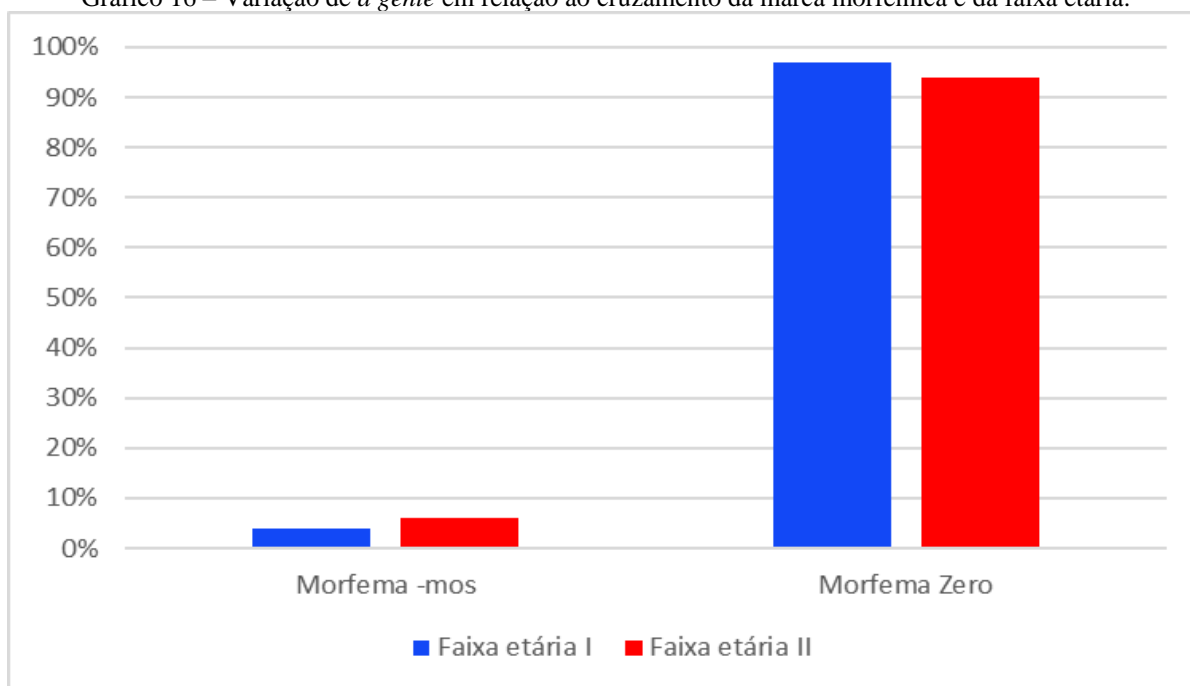


Fonte: Elaboração própria (2023).

Podemos analisar, de acordo com o Gráfico 15, que as mulheres usaram um percentual maior para o *a gente* sem o morfema -mos, chegando a 99% de uso. Os informantes do sexo masculino usaram 90% dessa variante nesta mesma categoria.

A variante *nós* obteve o mesmo valor percentual para ambos os sexos, 98% para o *nós* com o -mos e 2% do *a gente* com -mos, esta última variante também com o mesmo percentual para ambos os sexos.

Com um resultado não muito distante, as mulheres avançam levemente os percentuais para os usos dos pronomes *nós* e *a gente*, flexionando o *nós* com a desinência -mos: verbos na primeira pessoa do plural (P4) e o *a gente* sem a desinência -mos, ou seja, com os verbos na terceira pessoa do singular (P3).

Gráfico 16 – Variação de *a gente* em relação ao cruzamento da marca morfêmica e da faixa etária.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quanto ao cruzamento entre a marca morfêmica e faixa etária, podemos verificar que os informantes de faixa etária I foram os que mais usaram o *a gente* com a desinência -mos, 4% *versus* 1% para a faixa etária II. Ao contrário, os falantes de faixa etária II foram os que usaram um percentual levemente maior para a variante *nós* com a desinência -mos, 99% *versus* 96%.

Portanto, os resultados obtidos dessa variável demonstraram que a variante *a gente* tem um percentual maior de uso, flexionada na terceira pessoa do singular. Os informantes do nível universitário foram categóricos em relação a essa flexão, bem como no uso da variante *a gente* sem a desinência verbal -mos.

Em relação ao sexo, as mulheres apresentaram percentuais levemente maiores que os homens, no que diz respeito ao uso do *a gente* sem a desinência -mos. No que se refere à variação de *nós* e *a gente* com a desinência -mos, ambos os sexos apresentaram os mesmos percentuais de uso.

A faixa etária que nos chamou atenção nesses dados foi a faixa etária I, sobre o uso do *a gente* com o -mos, com uma leve diferença de 3% para a outra faixa etária. Na faixa etária II, houve o uso do pronome *nós* sem a desinência -mos, com a diferença, também, de 3%.

5.3.5 Tipo de referência: genérica ou específica

O nono grupo de fator selecionado como significativo foi o tipo de referência: genérica e específica. A referência genérica acontece quando, no enunciado, o falante faz referência ao sujeito determinado eu + ele; e a específica, quando, no enunciado, a pessoa do discurso tem uma referência genérica do tipo eu + eu ampliado (BENVENISTE, 1976).

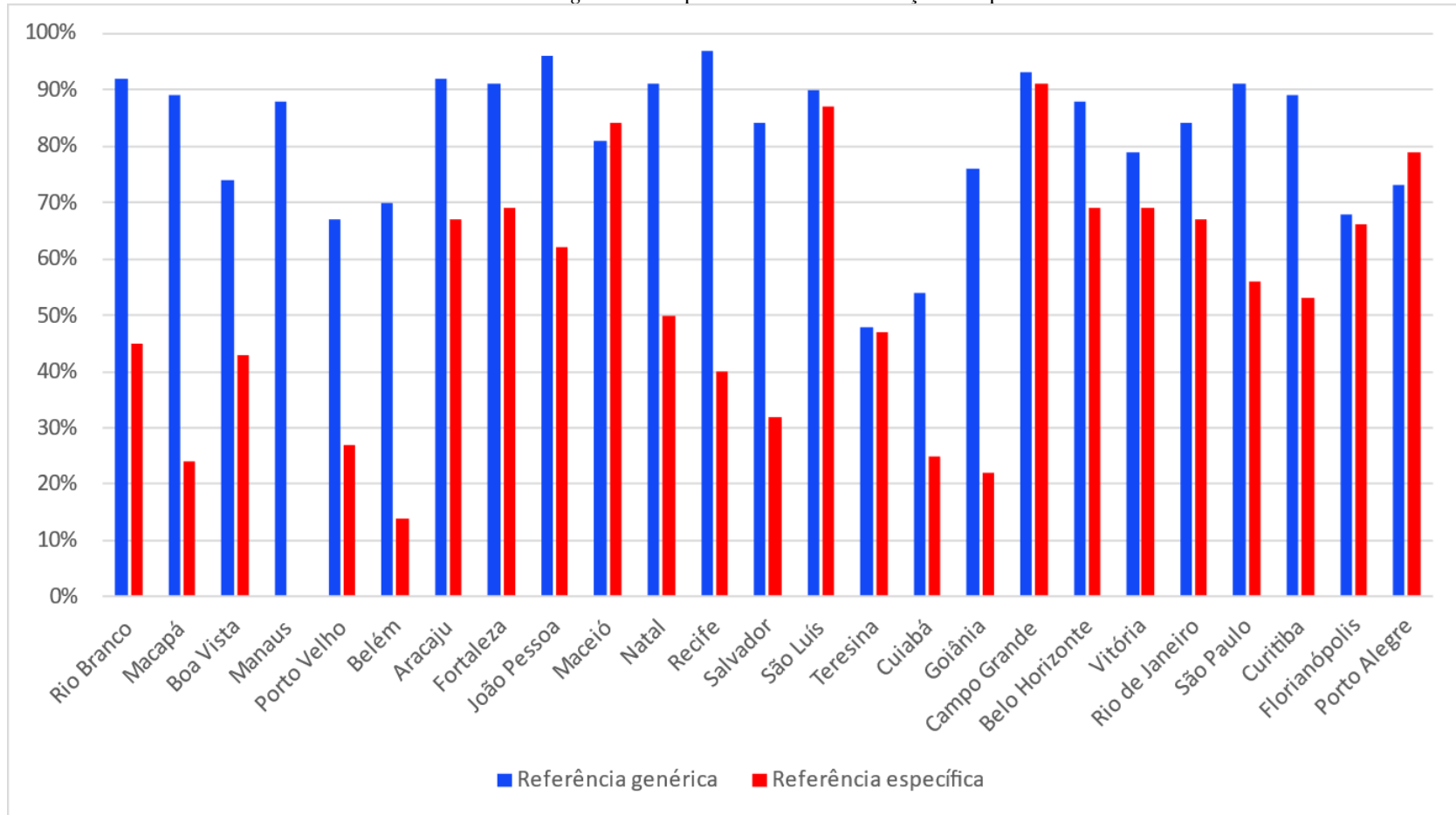
A Tabela 33 apresenta as frequências e os pesos relativos dos tipos de referências em relação à variação de *nós* e *a gente* das cinco regiões brasileiras.

Tabela 33 - Distribuição das ocorrências de *nós* e *a gente* nas cinco regiões em relação à marca morfêmica.

	Genérica			Específica		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
NÓS	1.349	18.3	0.459	769	52.9	0.698
A GENTE	6.020	81.7	0.541	686	47.1	0.302
Total	7.367	100	-	1.455	100	-

Fonte: Elaboração própria (2023).

O resultado constata que a referência específica favorece o uso da variante *nós*, apresentando um percentual de 52.9% e o peso relativo de 0.698 para esse pronome. Já a variante *a gente* é empregada com maior frequência em enunciado que representa a referência genérica, com o percentual de 81.7% e o peso relativo de 0.541. O Gráfico 17 ilustra a produtividade de *nós* e *a gente* nas capitais brasileiras em relação ao tipo de referência.

Gráfico 17 – A variante *a gente* nas capitais brasileiras em função do tipo de referência.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Partindo para uma análise mais fracionada, podemos observar que Teresina e Cuiabá apresentaram índices mais baixos para o uso do *a gente* como tipo de referência genérica, com percentuais de 48 e 54%, respectivamente. As capitais que apresentaram índices acima de 60% para categoria específica no uso do *a gente*, foram: Aracaju (67%), Fortaleza (69%), João Pessoa (62), Maceió (84%), São Luís (87%), Goiânia (91%), Belo Horizonte e Vitória (69%), Rio de Janeiro (67%), Florianópolis (66%) e Porto Alegre (79%).

De acordo com Lopes (1999), ao estudar a tipologia do sujeito para o uso genérico e impessoal da variante *a gente*, observou-se, também, a baixa frequência de uso dessa forma pronominal no emprego com a referência específica. Destaca-se, aqui, a relevância de mostrar que, possivelmente, os participantes desta pesquisa, ao utilizar a forma *a gente*, faziam generalizações com o intuito de não assumir a responsabilidade de responder determinados questionamentos como sendo, de fato, o seu registro próprio de nomear os objetos que lhes eram perguntados durante a entrevista. Na maioria das vezes, eles respondiam incluindo a população daquela capital, para nomear os objetos e, assim, não deixar claro que “eu chamo assim”, mas o “aqui *a gente* chama assim”, ou seja, um *eu* ampliado, genérico.

5.3.6 Tempo verbal

Esse foi quinto grupo de fator selecionado como significativo pelo programa Goldvarb X. Neste trabalho, os tempos verbais mais recorrentes nos dados foram: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro/verbos compostos.

Os resultados desse grupo de fator serão apresentados, primeiro, em tabela com a aplicação total, os percentuais e pesos relativos das ocorrências das cinco regiões e, em seguida, em gráfico com os percentuais de cada capital brasileira.

Tabela 34 - Variação de *nós* e *a gente* nas regiões, em função ao tempo verbal.

Tempo Verbal	NÓS			A GENTE		
	Apl.Total	%	P.R	Apl.Total	%	P.R
Presente	1.480	22.5	0.469	5.098	77.5	0.531
Pretérito perfeito	357	25.4	0.643	1.047	74.6	0.357
Pretérito imperfeito	103	26.3	0.475	288	73.7	0.525
Conjugação composta/Futuro	166	41.9	0.523	230	58.1	0.477
Total	2.106	-	-	6.663	-	-

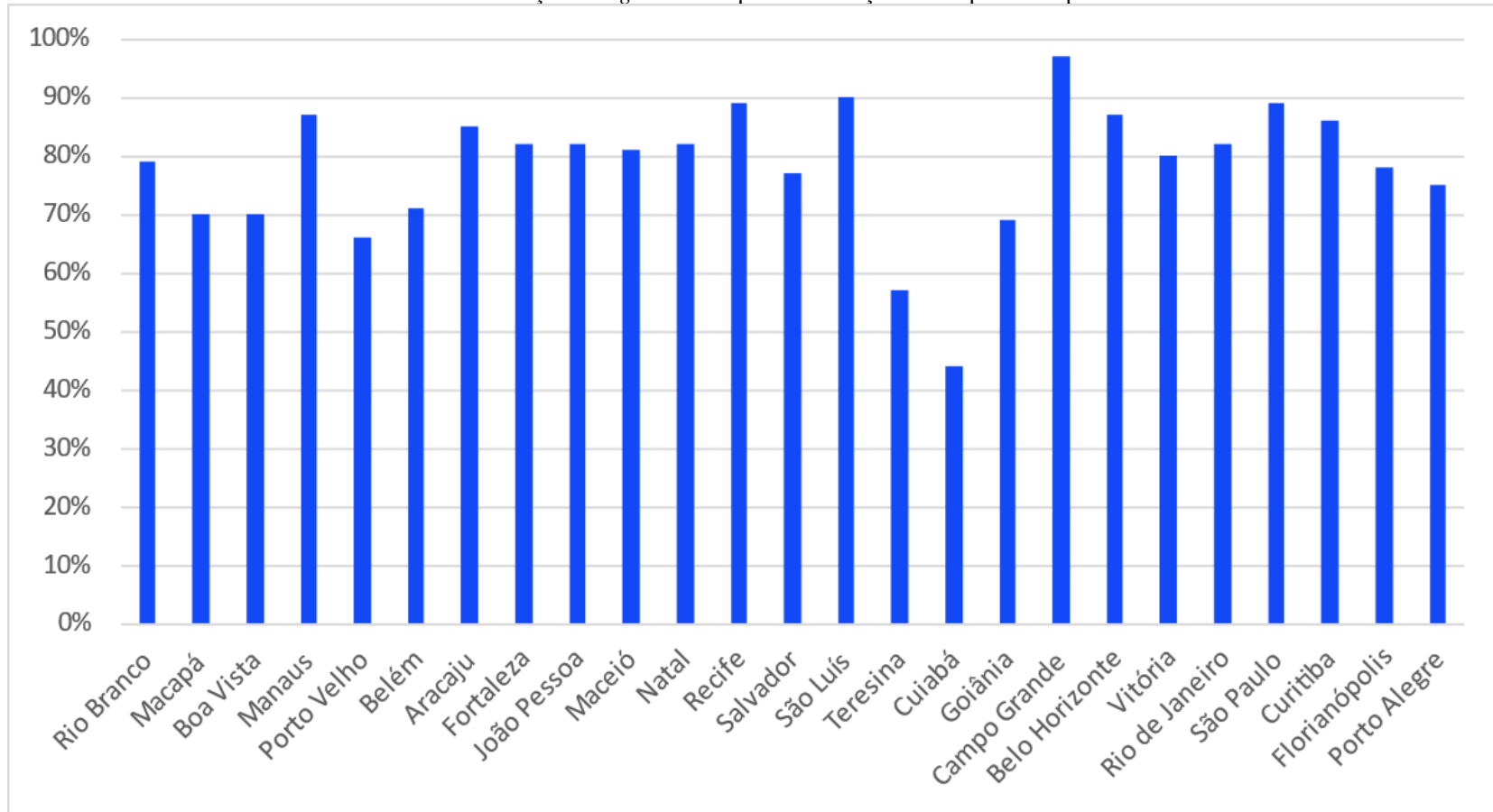
Fonte: Elaboração própria (2023).

Os resultados de tempo verbal revelam que o presente favoreceu a forma *a gente* apresentando o peso relativo (0.531), indicando que, em contexto de ambiguidade potencial,

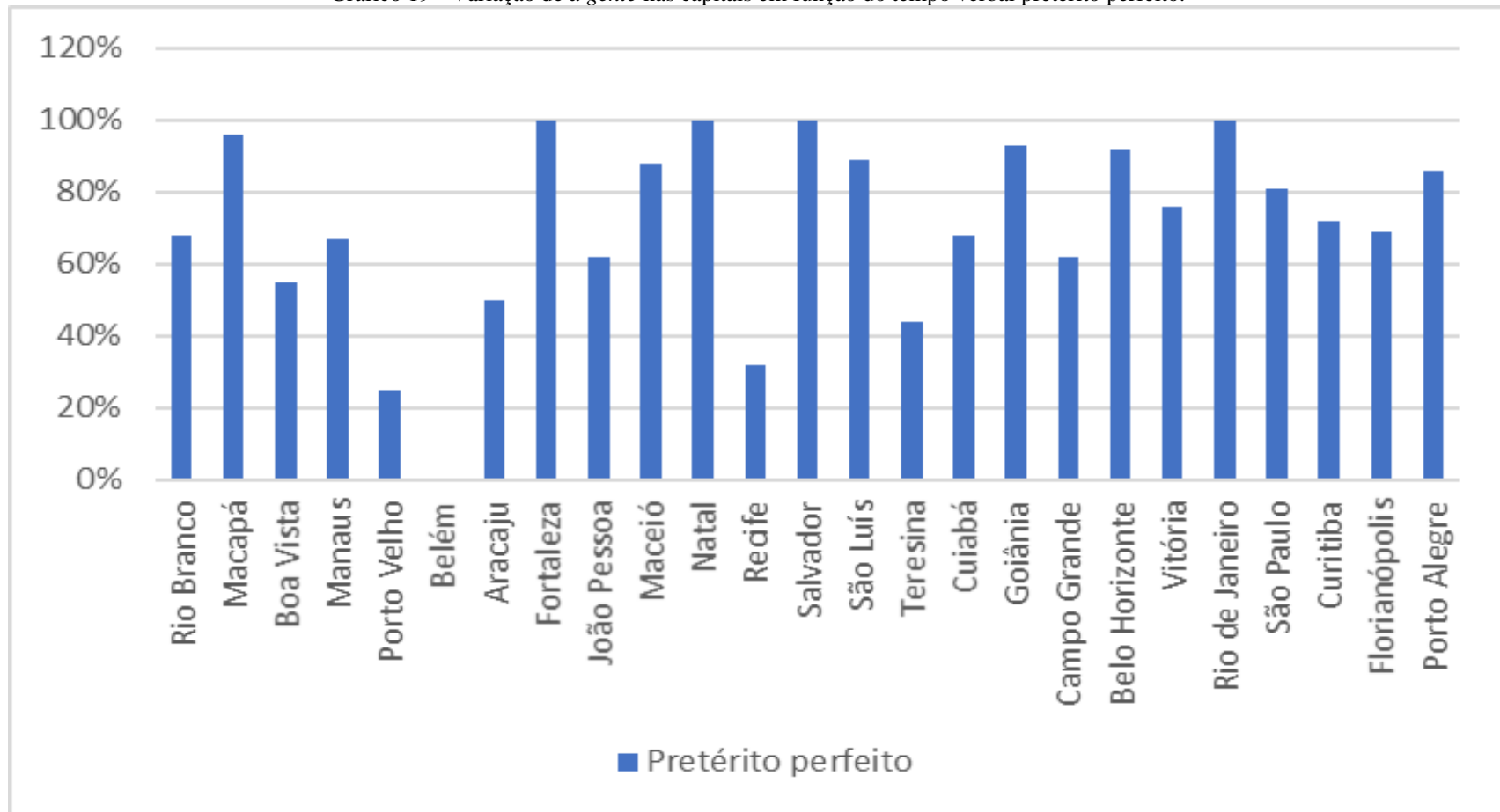
o pronome *nós* com -mos é desfavorecido. A oposição singular/plural nesses casos mostrou-se em verbos menos salientes, conforme esses três exemplos retirados dos dados: chama/chamamos; procura/procuramos; fala/falamos.

O pronome *nós* mostrou-se favorável em contexto de concordância com verbos no pretérito perfeito, apresentando o peso relativo de (0.643). Scherre, Yacovenco e Naro (2018, p. 23) destacam que o morfema -mos é preferencialmente marca de pretérito perfeito, independentemente da ambiguidade potencial (a tendência de, diante de duas ou mais opções, optar sempre por aquela que apresenta informações de forma mais simples e clara).

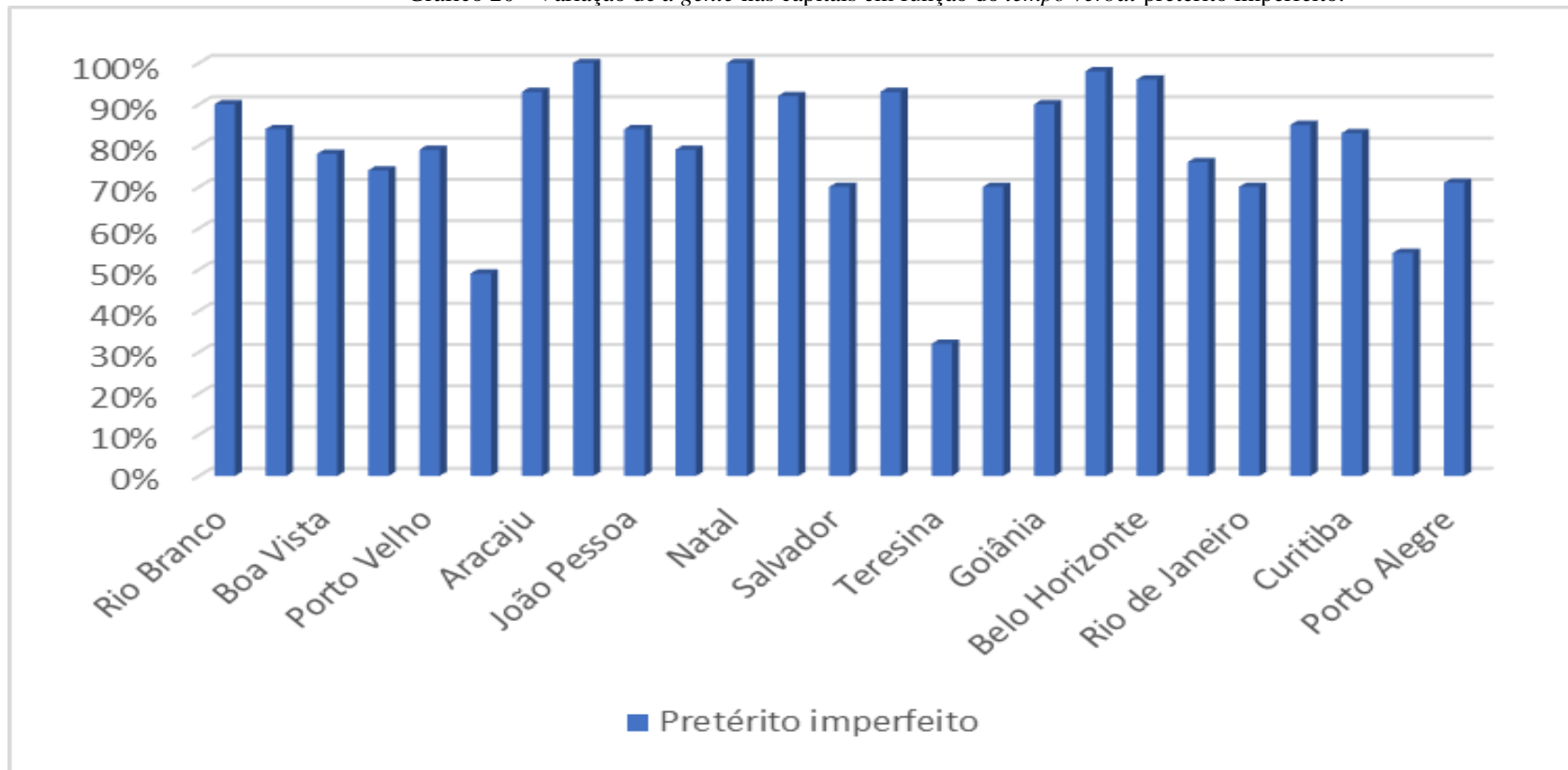
O pretérito imperfeito favoreceu o *a gente*, com o peso relativo de (0.525). Para Scherre, Yacovenco e Naro (2018, p. 22), a baixa saliência do pretérito imperfeito (falava/falávamos; falasse/falássemos) e “a esquiva da proparoxítona com o morfema de plural -mos, motivada pelo padrão fonológico preferencialmente paroxítono do Português Brasileiro, provocam a ausência de -mos”.

Gráfico 18 - Variação de *a gente* nas capitais em função do tempo verbal presente.

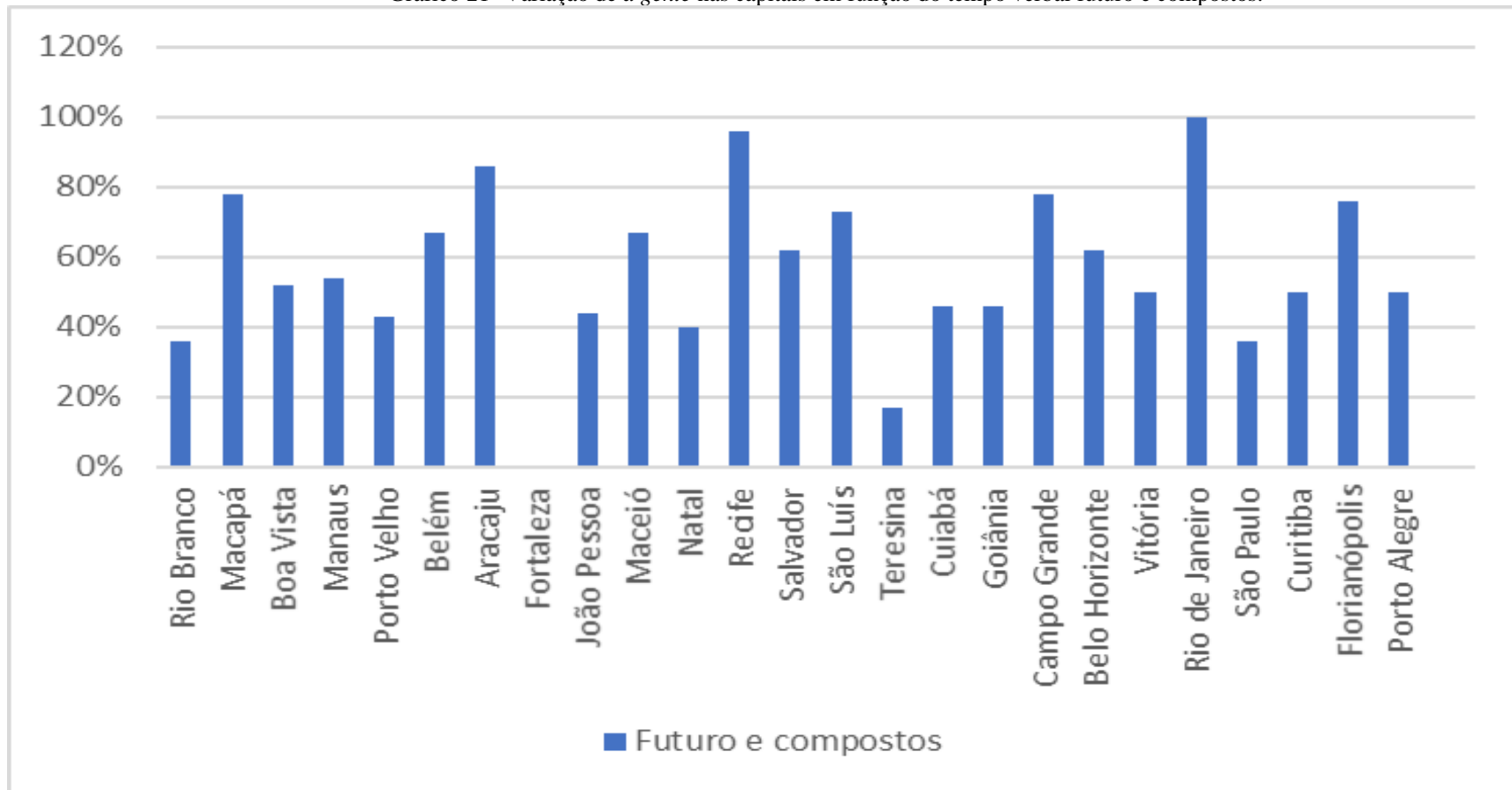
Fonte: Elaboração própria (2023).

Gráfico 19 - Variação de *a gente* nas capitais em função do tempo verbal pretérito perfeito.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Gráfico 20 - Variação de *a gente* nas capitais em função do *tempo verbal* pretérito imperfeito.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Gráfico 21 -Variação de *a gente* nas capitais em função do tempo verbal futuro e compostos.

Fonte: Elaboração própria (2023).

Com relação às capitais, observamos baixa frequência de uso do *a gente* no tempo verbal presente, em Teresina e Cuiabá, com percentuais de 57 e 44%, respectivamente. Para o pretérito perfeito, os percentuais ficaram menor que 50% para a variante *a gente*, em Belém (49%) e Teresina (32%). Quanto ao condicionamento do *a gente* no pretérito imperfeito, os índices foram baixos nas capitais: Porto Velho (25%), Belém (0%), Recife (32%) e Teresina (44%). As formas verbais de menor saliência fônica, como por exemplo, formas do pretérito imperfeito, favoreceu-se a presença da variante *a gente*, indicando a esquiva a proparoxítonas.

A variante *a gente* também favoreceu o tempo no presente - formas de menor saliência fônica (fala/falamos; come/comemos), resolvendo a ambiguidade semântica entre formas iguais de presente e passado.

O pretérito perfeito favoreceu o uso do pronome *nós* com -mos, de acordo com a hipótese lançada por Naro, Görski, Fernandes (1999) acerca da quebra da ambiguidade sobre as formas de menor saliência fônica (fala/falamos; come/comemos).

5.3.7 Função sintática

Este foi o oitavo grupo de fator selecionado como significativo pelo programa. O controle dessa variável visa a observar até que ponto a função sintática, aqui categorizada na função de sujeito e na função de não sujeito (na função de não sujeito, quando está precedido de preposição e/ou conjunção – na função de complemento), é importante no condicionamento da variação de *nós* e *a gente*. Na Tabela 35 apresentamos os resultados percentuais e os pesos relativos para cada uma das variantes.

Tabela 35 - Resultado geral da produtividade de *nós* e *a gente* em relação à função sintática.

Função Sintática	NÓS			A GENTE		
	Apl.Total	%	P.R	Apl.Total	%	P.R
Sujeito	1.961	23.8	0.512	6.268	76.2	0.488
Não Sujeito	157	26.4	0.338	438	73.6	0.662
Total	2.118	-	-	6.706	-	-

Fonte: Elaboração própria (2023).

De acordo com os resultados dos dados, a variante *nós* foi mais produtiva exercendo a função de sujeito, obtendo o peso relativo 0.512, o que favorece essa variante nessa categoria. A variante *a gente* foi mais produtiva exercendo outras funções, precedida por preposição e

conjunção, alcançando o peso relativo de 0.662 para esse pronome. Como ilustram os exemplos a seguir:

(51) INF.- Dobra ele assim em pedacinho, otro pedacinho, otro pedacinho, depois vem aqui assim e aqui assim... e amarra a linha aqui, e se quisesse por rabiolinha, isso aqui era **pra gente**, é... criancinha menorzinha, num tinha noção ainda do que era ce... cerol, que machucava, entendeu? (F13U).

(52) INF.- Tem gente que pega a taça e vê se tá sujo. Aí eu falo assim: “Pois não senhora” ela não conversa **com a gente**, “Eu queria falar com o metre (maître)” e vai reclamar, entendeu? São coisa que poderia tá resolveno, é só me dá a taça, eu troco a taça, que às vezes... (F13U).

(53) INF.- Não, é, eu tava de olho ligado **pra nós votar** (inint) daqui...(M13AO).

INQ.: O outro? (risos)

INF.: Eu disse: rapais, você fica mentino **pra gente**, dizendo que sabia jogar.... (F13AO)

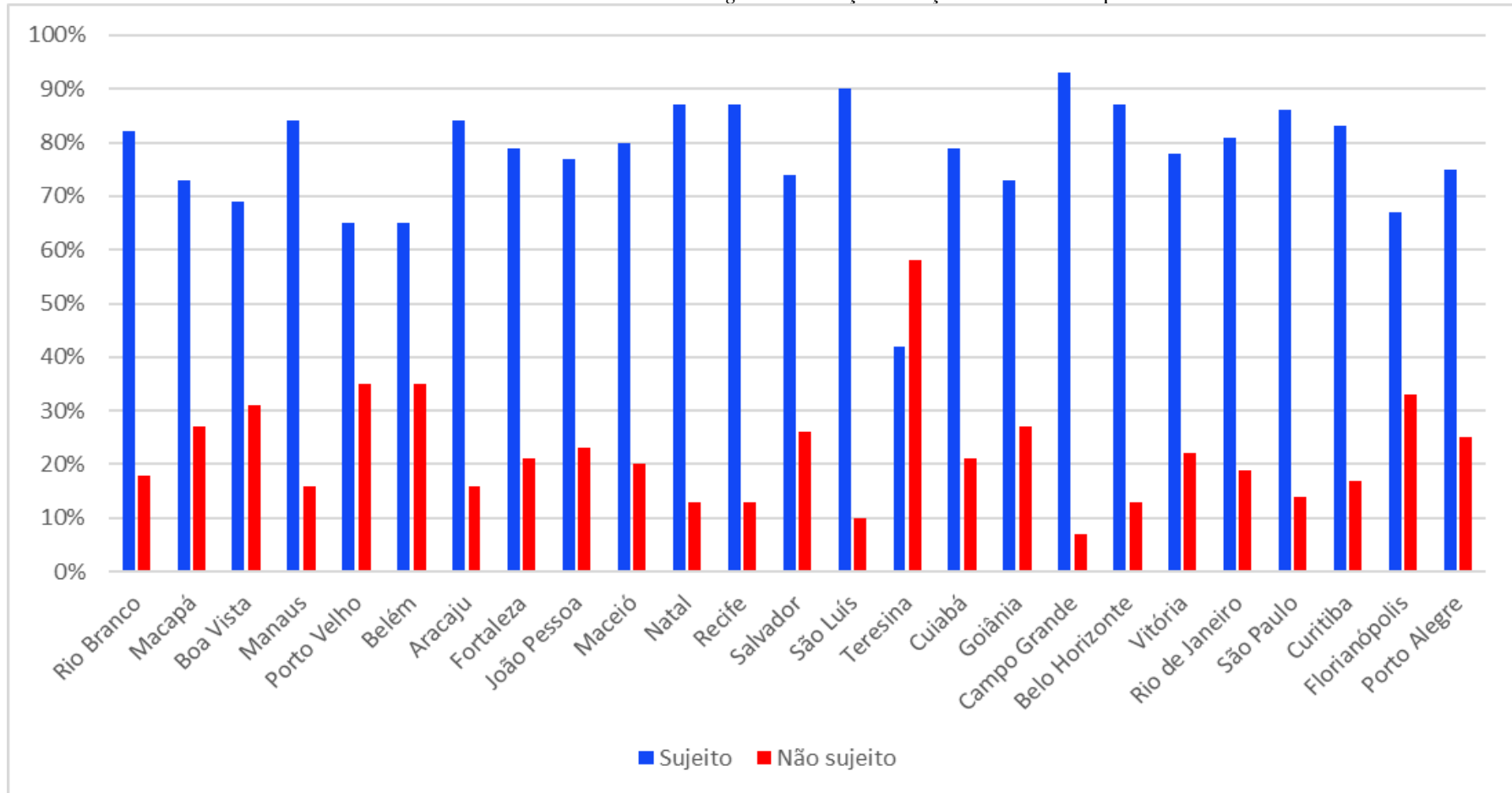
INQ.: Por que? E como é que fala? Sabe alguma coisa?

INF.: É, ouvindo assim, eles fala, é **diferente da gente**. (F13O).

INF. – (inint) **a gente chama** barguia. (F13O).

INF. – Aqui, unh diz que é pernelon... pernilongo, outros diz que aqui **nós chamamos** de muriçoca, **a gente chamamo** de mosquito. (F23O).

No Gráfico 22, apresentamos os percentuais da variante *a gente* por capitais.

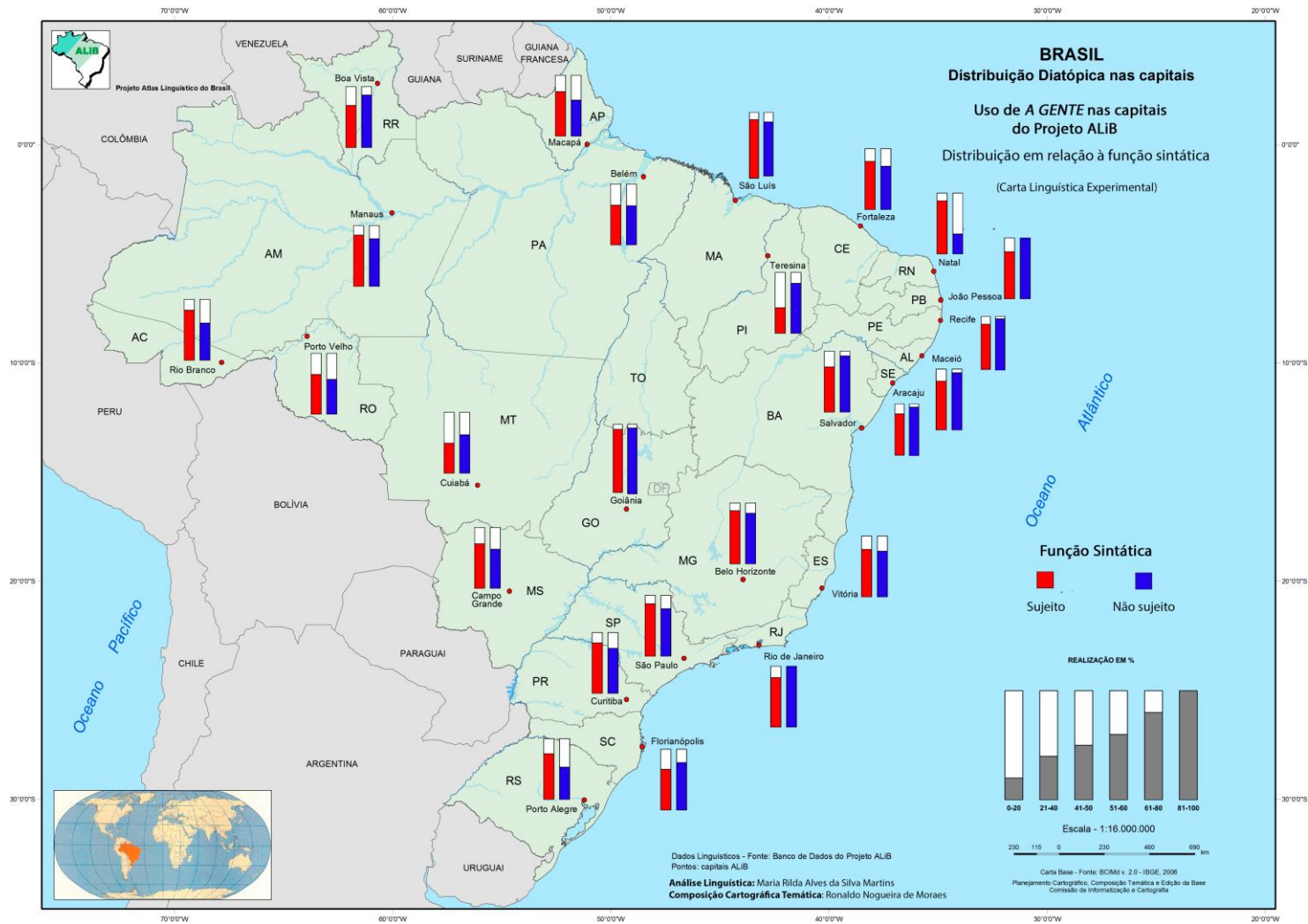
Gráfico 22 - Produtividade de *a gente* em relação à função sintática nas capitais.

Fonte: Elaboração própria (2023).

As capitais que apresentaram índices mais baixos do pronome *a gente* na função de sujeito foram: Teresina e Cuiabá, com 42 e 49%, respectivamente. A capital que apresentou índice mais baixo da variante *a gente* na função de não sujeito foi Natal, com percentual de 33% para o *a gente* nessa categoria. Rio de Janeiro e João Pessoa foram categóricos (100%) no uso de *a gente* na função de não sujeito. Outras capitais que também se destacaram usando o *a gente* na função de não sujeito foram: Acarajú, Recife, Goiânia e Salvador, atingindo índices maiores que 90% de uso do *a gente* nessa categoria.

As capitais: Rio Branco, Manaus, Aracaju, Natal, Recife, São Luís, Goiânia, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba atingiram percentuais maior que 80% para o uso do *a gente* na função de sujeito.

Carta Linguística 12 - Distribuição de *a gente* nas capitais em relação à função sintática.



Fonte: Elaboração própria (2023) a partir de carta-base do Projeto ALiB.

Ao observar geograficamente a distribuição da variante *a gente* nas 25 capitais brasileiras, notamos que, na região Nordeste, há um número bem representativo de uso da forma *a gente* na função de sujeito, com percentuais maiores que 80%, destacam Aracaju, Recife, João Pessoa, Fortaleza e São Luís. Na região Sudeste, destacam Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Na região Norte, Rio Branco e Manaus, e na região Centro-Oeste, Goiânia.

Referindo-se à realização da variante *a gente* na função de não sujeito, ou seja, na função de complemento, destacamos novamente a região Nordeste com 4 capitais, apresentando percentuais acima de 80% de uso desse pronome exercendo essa função sintática. No Sudeste, destacamos Rio de Janeiro com 100% de uso do *a gente* na função de complemento, e no Centro-Oeste, Goiânia sobressai com 80% de uso do *a gente*.

De forma geral, das 25 capitais, mais de 10 apresentaram percentuais maiores que 80% de uso do *a gente* atuando na função de sujeito. Entretanto, os pesos relativos observados na Tabela 35 indicam um favorecimento do *a gente* exercendo a função de complemento, com o peso relativo de 0.662 e desfavorecimento do *nós* exercendo essa função. Todavia, o pronome *nós* foi favorecido, atuando na função de sujeito, com o peso relativo de 0.512.

Notamos que o *a gente* pode estar passando por um estágio de progressão mais adiantada, quando ocupa a função de objeto, uma vez que o pronome *nós*, quando exerce essa função, parece carregar estigma pela existência do padrão “nos”. Por esse motivo, podemos verificar indícios de que o *a gente* pode estar implementando mais rápido nessa função.

Sobre esse pressuposto, Omena (1986) destaca que, as variantes *nós* e *a gente* ocorrem mais frequentemente na posição de sujeito do que na função de objeto, “o que é uma característica dos pronomes pessoais, em geral, pois, envolvendo pessoas do discurso, os pronomes veiculam informações velhas que aparecem mais comumente na posição de sujeito” (OMENA, 1986, p. 288).

6 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo geral descrever a variação de *nós* e *a gente* nas 25 capitais brasileiras. Na amostra analisada, foram computadas 8.824 ocorrências de uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Desse total, 6.706 foram para o pronome *a gente* e 2.118 para o pronome *nós*, representando o percentual de 24% para *nós* e 76% para o *a gente*.

Relativamente à distribuição das ocorrências *a gente* nas cinco regiões, foi constatado que na região Norte o uso para o *a gente* foi de 73.6%. Na região Nordeste, foi de 81.4%. Na região Centro-Oeste, foi de 73.6% para o *a gente* e, na região Sudeste, foi de 83.3% para o *a gente*.

Das seis capitais da região Norte, apenas Belém favoreceu a variante *nós*, com PR de 0.54; as demais capitais favoreceram a variante *a gente*, com os seguintes PRs: Rio Branco, 0.76; Macapá, 0.69; Porto Velho, 0.66; Manaus, 0.64; Boa Vista, 0.53.

Das nove capitais da região Nordeste, 6 favoreceram a variante *a gente*, com os pesos relativos entre 0.58 e 0.94. Em 3 capitais (Maceió, João Pessoa e Teresina), a variante *nós* foi favorecida, com pesos relativos entre 0.55, 0.77 e 0.84, respectivamente.

As três capitais da região Centro-Oeste favoreceram a variante *nós*, com os pesos relativos 0.90 para Cuiabá, 0.53 para Campo Grande e 0.62 para Goiânia. Na região Sudeste, das 4 capitais, 2 favoreceram o *a gente*, Rio de Janeiro com o peso relativo 0.71, São Paulo com 0.53. Em Belo Horizonte e Vitória, a forma favorecida foi o *nós*, com pesos relativos de 0.62 e 0.69, respectivamente.

Na região Sul, em Curitiba a forma favorecida foi o *a gente* com o peso relativo 0.63. Nas capitais, Florianópolis e Porto Alegre, a forma favorecida foi o *nós*, com 0.99 e 0.70, respectivamente. A partir desses resultados da variação diatópica, observamos que 14 capitais favoreceram o uso da variante *a gente* e 11 favoreceram o uso do *nós*.

No grupo das variáveis extralinguísticas, foi considerado o ano de formação das capitais: mais antigas e mais recentes. Selecionamos essa variável para testarmos a hipótese confirmada por Callou e Silva (1997) quando, em estudo, atestaram que as cidades de fundação mais antiga favoreceram a variante conservadora. Entretanto, no presente estudo, as capitais com a formação mais recentes apresentaram o percentual entre 10 a 35% para a variante *nós*. Dessa forma, essa hipótese não foi confirmada neste estudo.

Em relação à variação diagenérica, sobre a realização de *nós* e *a gente* nos questionários e nos discursos semidirigidos, foram constatados maiores índices percentuais para o uso do *a gente* tanto nos questionários quanto nos discursos semidirigidos, uma vez

que essa foi a variante que obteve maiores índices de realização.

Acerca dos discursos semidirigidos, foi verificada uma variação de percentuais entre as capitais. No caso da variação de nós e *a gente*, em entrevista que há muitas ocorrências nas tipologias textuais: dissertações e argumentações, por exemplo, a tendência seria a de incrementar o uso do *a gente*. Esse exemplo pode justificar o número maior de ocorrências do *a gente* nos questionários e nos discursos semidirigidos, pois os falantes, em muitos casos, procuravam exemplificar as nomeações dadas aos objetos questionados. Ao contrário, em entrevista em que predominam ocorrências na sequência narrativa, o uso da variante *nós* seria favorecida (OMENA, 2003, p. 80).

A forma genérica *a gente* foi a favorecida nesse grupo de fator, possivelmente para não expor sua particularidade em relação às nomeações que atribuíam a determinados objetos nos quais eram questionados. Por esse motivo, os falantes optavam pela forma generalizada para expandir as nomeações a outros grupos de pessoas, como, por exemplo, a própria comunidade de fala de cada capital.

Portanto, cada região apresentou aspectos singulares, enquanto em algumas, os índices percentuais favoreceram à variante *a gente*, em outras os percentuais ficaram bem próximos um do outro para o *nós* e o *a gente* nas 25 capitais.

Relativamente à variável sexo, foi constatado que os homens favoreceram o uso da variante *nós*, com o peso relativo 0.68 e as mulheres, favoreceram a variante *a gente*, com o peso 0.64. Os resultados dos dados anunciam que as mulheres tendem a propagar a forma mais nova da primeira pessoa do plural, o que responde ao questionamento feito para esse grupo de fator, qual seja: “Qual o sexo é mais sensível ao uso da forma inovadora?”. Respondendo a essa pergunta, as mulheres foram as que mais usaram a forma inovadora, conforme pode ser verificado a partir dos percentuais e pesos relativos já mencionados.

No que se refere à variável diageracional, os resultados dos dados apontam maiores índices de realização da forma *a gente* entre os falantes de faixa etária I: 18 a 30. Os falantes pertencentes ao grupo II de faixa etária entre 50 a 65 anos, também exibiram altos índices para o *a gente*. Todavia, nessa faixa etária, houve um pequeno aumento de realização para a variante *nós*, sobretudo, em algumas capitais das regiões Centro-Oeste, Norte, Sul e Nordeste. Nesse contexto, esta pesquisa tem demonstrado que a idade dos falantes pode condicionar a predominância de uso da nova forma em algumas capitais brasileiras.

Referente à variação diastrática, os resultados gerais mostram que, tanto os informantes com o nível fundamental, quanto os de nível universitário, fazem uso significativo da forma *a gente* com o peso relativo de 0.67, favorecendo o uso dessa variante

no nível universitário. A preferência do uso de *a gente* em relação ao *nós* não parece estigmatizado no desempenho oral do falante. Nesse sentido, observamos que não é o aumento da escolarização que faz o falante retroceder no uso de *a gente*. Por mais que os falantes do nível universitário tenham estudado as conjugações verbais, ou seja, tenham um conhecimento linguístico das duas formas pronominais de primeira pessoa do plural, isso não os inibe de usar o *a gente*.

Partindo para os resultados das variáveis linguísticas, notamos que, em relação ao preenchimento do sujeito, o sujeito implícito favoreceu o pronome *nós*, com o peso relativo 0.69 e o sujeito explícito favoreceu a forma *a gente* com o peso relativo 0.51. Essa confirmação de realização do pronome *a gente*, quando foneticamente realizada, mostra que a ausência de marca flexional do sujeito no verbo no uso de *a gente* não serve para identificar a pessoa do discurso, conforme os resultados confirmados por Lopes (1998).

No que diz respeito à variável paralelismo formal, o “não primeiro da série antecedido por *a gente*” foi favorecido pelo peso relativo 0.602, bem como o “primeiro da série” também favoreceu o uso do *a gente*, com o peso relativo 0.59. O grupo de fator isolado favoreceu uso do *nós*, com o peso relativo de 0.71. Esses resultados indicam que os falantes, ao usarem o *a gente*, tendem a repeti-lo na mesma sequência discursiva, principalmente se não mudam o referente.

Sobre a marca morfêmica, foi quase que categórico o uso de *a gente* com morfema zero. Isso indica que o *a gente* mantém na maior parte, a concordância verbal com a terceira pessoa do singular e a pluralidade inerente a sua forma originária. Por outro lado, o morfema com desinência “mos” apresentou o percentual quase que categórico para o pronome *nós*, mantendo o traço formal de primeira pessoa do plural.

Quando observamos o condicionante linguístico tipo de referência, notamos que a referência específica favorece o uso da variante *nós*, ao passo que a variante *a gente* é empregada com maior incidência em enunciados que representam a referência genérica.

Ao analisarmos a variação de *nós e a gente* conjugados em diferentes tempos verbais, percebemos que os resultados (re)afirmaram que os tempos mais marcados como o passado e o futuro tendem a inibir a mudança, favorecendo, assim, a forma conservadora *nós*, com percentuais de 0.64 e 0.52, respectivamente. Por outro lado, os tempos verbais menos marcados, como as formas nominais e o presente, impulsionam o uso da variante *nós*, com os percentuais 0.52 e 0.64.

A última variável linguística analisada foi a função sintática. Na função de sujeito, a variante *nós* foi mais produtiva, obtendo o peso relativo 0,51. A variante *a gente* foi mais

produtiva exercendo outras funções, precedidas por preposição e conjunção, alcançando o peso relativo de 0.66 para esse pronome.

Portanto, considerando os três grupos de fatores que podem mostrar por que fase passa a variação da primeira pessoa do plural, os resultados dos dados desta pesquisa constataram as maiores ocorrências do *a gente* no falar universitário com o peso relativo de (0.67), na faixa etária I houve uma variação entre 70.2% a 84.8% de uso para o *a gente* e, no falar feminino, o peso relativo para essa variante foi de (0.64). Esses pesos relativos e percentuais podem indicar indícios de mudanças em progresso.

Os falantes do PB fazem uso significativo da variante *a gente*, registrando 76%. O uso de *a gente* é majoritário em todas as regiões: Sudeste 83,3%, Nordeste 81,4%, Norte 73,6%, Sul 73,6%, Centro-Oeste 70,2%. Somente na capital Teresina, o uso de *nós* é maior que o de *a gente*, e mesmo assim pode ser considerado um empate técnico: 52% de *nós*. A variante *nós*, quando ocorre, acompanha, na maior parte, a marca canônica de concordância com a desinência -mos; da mesma forma, a variante *a gente*, quando usada, é flexionada na terceira pessoa do singular.

REFERÊNCIAS

ALiB - **ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL**: questionários / Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.

ÁLBAN, M. R.; FREITAS, Judith. Nós ou a gente? **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n.º 11, p. 75-89, 1991.

ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. *In*: AGUILERA, V. de A.; ROMANO, V. P. (Orgs.). **A Geolinguística no Brasil**: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-425.

ALVES, C. C. B.; SOUZA, L. A Variação Nós/A Gente no Falar Maranhense. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 34-49, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8079>. Acesso em: 17 dez. 2021.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, 1976.

ARRUDA, C. P. de S. **A gramaticalização do pronome a gente**: um percurso através de cartas pessoais. Campinas, SP: Unicamp / Publicações IEL, 2021.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. (Mikhail Mikhailovitch). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional, 1976.

BERLINCK, R. de A.; BIAZOLLI, C. C. Ferramentas metodológicas para análises (sócio)linguísticas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 260 - 273, 2018. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2047>. Acesso em: 6 jul. 2022.

BORBA, L. R. Alguns aspectos sobre o uso de “nós” e “a gente” em Curitiba. **Fragmenta**, Curitiba, n. 10, Editora da UFPR, p. 65-76, 1993.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de “a gente” no Português Brasileiro**: análise histórico - social - linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRANDÃO, S. F. A. **Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CALLOU, D; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. *In*: HORA, D. da (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 11-27.

CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, S. A. M. Perspectivas da pesquisa sobre a diversidade linguística no Brasil. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1. **Boletim da ABRALIN**. 9.ed. 21 jun 1997. Rio de Janeiro, 1997.

CARDOSO, Suzana Alice M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, H. B. *et al.* A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de fortaleza em cena. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 19, p. 25-64, 1997.

CASTILHO, A. T. de. **Descrição histórica e aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**: linguistic variation and its social significance. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 1995.

CHOMSKY, N. A. **Reflections on language**. New York: Pantheon, 1975.

COELHO, L. *et al.* **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CROFT, W. **Typology and universals**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no Português Brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

FERNANDES, E. A. **Nós e a gente**: variação na cidade de João Pessoa. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

FERNANDES, E. Fenômeno variável: nós e a gente. *In*: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa, 2004. p. 149-162.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Champion, 1902.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, 1993.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors. vol. 3. University of Michigan Press, 2010.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. **The social stratification of english in New York City**. Second edition. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Socillinguistic Paterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAUREANO, D. C. **A variação dos pronomes sujeito**: nós e a gente na fala de informantes florianopolitanos. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LEHMANN, C. **Grammaticalization**: Synchronic Variation and Diachronic Change. **Lingua e Stile**, v. 3, n. 20, p. 303-318, 1985

LIMA, A. F. de; MORAES, R. N. Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. **Revista MOARA**, v.1, n. 54, v.1, p. 69-93, ago-dez 2019.

LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. A metodologia geossociolinguística. *In*: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de. (Orgs.). **Estudos geossociolinguísticos do Português Brasileiro**. v. 2. Campinas: Pontes, 2020.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no Português falado culto do Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>. Acesso em: 4 set. 2018.

LOPES, C. R. S. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do Português**. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. S. De gente para “a gente”: o século XIX como fase de transição. *In*: ALKMIM, T. M. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro** – Novos Estudos. São Paulo, Humanitas/FLP/USP, 2002. p. 25 - 46.

LOPES, C. R. S. A inserção de “a gente” no quadro pronominal do Português. **Frankfurt am Main**, Madrid, v. 18, p. 174, 2003.

LOPES, C. R. S. A indeterminação no Português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada? *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM*, 2003, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ABREM, 2003b. Disponível em: www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-2.pdf. Acesso em: 30 ago. 2018.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de “a gente” em Português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728>. Acesso em: 08 ago. 2018.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. *In: VIEIRA, Silvia; BRANDÃO, Silvia (Orgs.). Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-119.

LOPES, C. R. S. O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p. 116-141, 2012.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. de B. O quadro de pronomes pessoais do Português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. *In: LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B. Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. 1 ed. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007. p. 419-436.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. *In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). O Português afro-brasileiro*. Salvador: Ed. da UFBA, 2009. p. 457-471.

MACHADO, M. S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”**: variação em dialetos populares do norte fluminense. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

MAIA, F. P. S. A variação ‘nós’/‘a gente’ no dialeto mineiro: investigando a transição. 2003. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAIA, F. P. S. A variação “nós”/ “a gente” no dialeto mineiro: investigando a transição. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 2, maio 2017.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste**: Alagôas e Pernambuco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

- MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].
- MENDES, O. **Portagem**. São Paulo, Ed. Ática, 1981.
- MENDES, R. P. S. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus**: um recorte do Português popular no interior da Bahia. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2007.
- MENDONÇA, A. K. **Nós e A gente em Vitória**: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- MENON, O. P. da S. O sistema pronominal do Português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91 -106, 1994.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012.
- MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**: subsídios para uma gramática do Português. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Sociolinguística cognitiva**: proposiciones, escolios y debates. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2012.
- MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p.15-34.
- MUNIZ, C. A. G. **Nós e a gente**: traços sociolinguísticos no assentamento. 2007 Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. **Language Variation and Change**, v. 11, p. 197-211, 1999.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].
- OMENA, N. **Projeto subsidies sociolinguísticos do projeto censo à educação**. Vol. II. Relatório final apresentado ao FINEP, out. 1986.
- OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: OLIVEIRA E SILVA, G.; SCHERRE, M. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: estudos de fenômenos variáveis do Português falado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996. p. 286-319.
- OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: PAIVA, M.; DUARTE, E. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.
- PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2015.

PEREIRA, S. M. de B. **Gramática Comparada de “a gente”**: variação no Português Europeu. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.
RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. “Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância “nós”/ “a gente” no Português do Maranhão”. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 12, n. 1, p. 279 -292, jul. 2009.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. *In*: AGUILERA, V. (Org). **A geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL. 1998.

RAZKY, A. *et al.* **Estudos Geossociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

RAZKY, A.; CARDOSO, S. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: o projeto piloto. **Asas da palavra**, v. 4, n. 2, p. 97 - 100, dez. 1997.

RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. LIMA, A. F. de. **Estudos Gessociolinguísticos no Português Brasileiro**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2017.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001**: a multivariate analysis application for Windows. User’s manual, 2001.

ROCHA, F. da C. F. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do Português de Belo Horizonte**. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [GVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **RELin**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.

ROSSI, N. *et al.* **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e alternância pronominal no Português brasileiro e português**: um estudo comparativo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

RUMEU, M. C. de B. **Para uma História do Português no Brasil**: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: Um aplicativo de regra variável para Macintosh e Windows. Toronto: Universidade de Toronto, 2005.

SANTOS, K. **Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 9. n. 18. p. 107-129, 2006.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C.; NARO, A. Nós e a gente no Português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de Linguística Galega**, v. especial I, ed. F. Cidrás, F. Dubert and X. L. Regueira, 2018. p. 13-27.

SCHERRE, M. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000.

SILVA, Daniel Marra da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2009.

SILVA, M.; CAMACHO, R. Os pronomes nós e a gente no Português falado em Rio Branco. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 2017.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. 2002. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TAMANINE, A. **A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TAMANINE, A. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TELES, A. R. T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 485f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: Benjamins, 1991.

VIANNA, J. B. de S.; LOPES, C. R. dos S. A inserção de “a gente” no quadro pronominal do Português. **Linguística Iberoamericana**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2003.

VIANNA, J. B. de S.; LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de “a gente” no PB e no PE: como explicar as diferenças nos dois espaços geográficos? *In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da (Org.). **Linguística Centrada no Uso**. 1. ed. Curitiba: Mauad X, 2013. p. 74 -88.*

VIANNA, J. B. de S.; LOPES, C. R. dos S. Implementação de a gente nas funções de acusativo, dativo e oblíquo: reflexões, propostas e primeiros resultados. **Linguística**, v. 29, p. 11-36, 2013a.

VIANNA, J. B. de S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *In: ABRAÇADO, Jussara; MARTINS, Marco Antonio. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.*

VITÓRIO, Elyne. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. **Letrônica**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 122–138, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24756>. Acesso em: 17 dez. 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of “a gente” in Brazilian Portuguese. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 8, n. 3, art. 22, 2002. *Corpora* Utilizado DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (2012-2025).